

New York Times & USA Today Bestseller

KENDALL RYAN

PNL APRESENTA

SÉRIE ROOMMATES
Livro 04

The SOUL Mate



New York Times & USA Today Best Seller

KENDALL RYAN

Equipe PL

Tradução: Kah, Lise, Moa Bellini

Revisão: Kaka, Mimi, Aruam Atterdand, Bruna

Revisão Final: Annettew, Su Pinheiro

Leitura Final: Anna Azulzinha

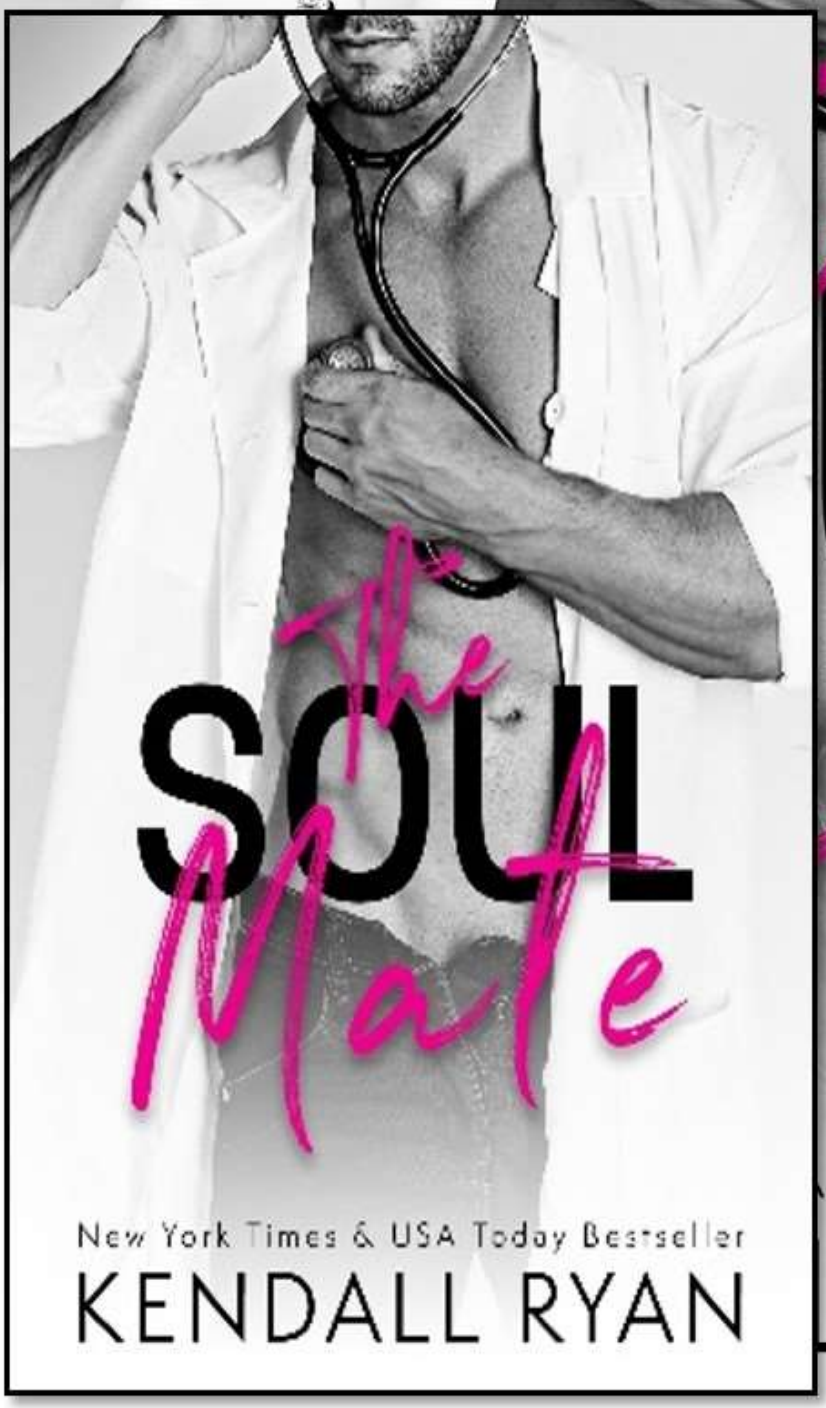
Formatação: Lola

Verificação: Annette

PVL
APRESENTA

SÉRIE ROOMMATES

Lançamento



e Distribuídos



Sinopse

Kendall Ryan apresenta um novo romance sexy da série Roommates.

O homem gostoso e ardente que eu nunca deveria ver novamente? Bem, posso estar grávida e ele é meu ginecologista.

Prepare-se para cair de joelhos, loucamente apaixonada, pelo mais quente ginecologista que você já conheceu! Este livro completo contém a consulta mais divertidamente embaraçosa de consulta feminina, muita brincadeira ridícula e algumas maneiras antigas muito boas de fazer bebês! Um clique agora para o mais novo desde verão.

New York Times & USA Today Bestseller
KENDALL RYAN

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!

Quem gosta respeita nosso grupo!

Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pégasus Lançamentos



Prólogo

Bren

Eu me virei, esticando o braço para que caísse no colchão ao meu lado.

Exceto que não havia espaço.

Não, quando meu braço caiu, aterrissou em nada além de músculos quentes e sólidos.

Merda.

Espiei para ver se o homem que dormia ao meu lado notou que me movi. Se sim, devia estar fazendo o mesmo que eu, fingindo estar dormindo, mas baseado em sua respiração constante e rítmica, tive certeza que não.

Com cuidado, sentei-me mais reta na cama e olhei novamente para o meu companheiro. Seu cabelo castanho volumoso estava bagunçado do sono e o resto de seu corpo estava misericordiosamente coberto por um edredom branco.

Agradeço a Deus pelas pequenas bênçãos.

Porque se desse mais uma olhada naqueles músculos abdominais, naquelas coxas poderosas e em suas outras qualidades impressionantes, não haveria nada que me arrastasse para fora daquela cama.

O que era exatamente o que tinha que fazer. Eu só tinha que me levantar e dar o fora, sem pensar muito sobre o que havia feito. Meu carro ainda estava no bar onde nos encontramos, mas eu podia pegar um táxi, quando e se encontrasse meu telefone.

Merda.

Tentei mentalmente refazer meus passos da noite passada, pensando em onde poderia estar, mas quando fiz isso, meu rosto inundou de calor, prazer e apenas uma pequena pontada de arrependimento.

Não pelo que fiz. Eu precisava desesperadamente da chance de sair e relaxar. E ninguém merecia ficar livre de julgamentos mais do que eu.

Lamentei a ideia de que uma noite tão gostosa como a noite passada nunca acontecesse novamente. Pelo menos não com esse cara, cujo sobrenome não tive tempo de perguntar.

Nós entramos no apartamento, a energia crepitando entre nós como um tipo de atração magnética extravagante. Eu mal consegui ver o teto alto e os acessórios cromados antes de ele vir até mim e...

Estremeci e tentei me recompor.

Se começasse a pensar sobre o que ele fez, desistiria de ir embora, me afundaria debaixo desses lençóis e lhe daria o despertar mais agradável que já teve, o que certamente não deveria fazer com o Sr. Caso de uma noite só.

Dei uma risada interna com seu novo apelido e desloquei meu peso suavemente da cama, tentando tirá-lo da minha mente e repetindo apenas as imagens que eram mais pertinentes para que pudesse chegar em casa esta manhã o mais rápido possível.

Meu sutiã estava no chão ao meu lado. Minha calcinha destruída.

Um pouco de dor correu através de mim enquanto recordava exatamente como ela acabou dessa maneira, mas me forcei a focar novamente.

Então, sem calcinha. Meu vestido estava amassado no chão na frente da porta da frente. Lembrei-me de tudo. Agora só precisava caçar meu telefone e bolsa.

Afastei-me da pele quente daquele desconhecido, ignorando a pontada de desejo por uma segunda - ok, quarta vez. Vesti meu sutiã e andei na ponta dos pés pelo quarto, abrindo a porta o mais silenciosamente possível e agradeci por tudo o que era sagrado por seu piso moderno e silencioso e portas que não rangiam.

Quando abri a porta do quarto, vi uma das coisas que mais me impressionou sobre o lugar, a parede de vidro sólido com vista para a cidade e então percebi que estava em pé completamente nua para que Deus e o mundo vissem.

Com o coração batendo acelerado, peguei meu vestido onde ele estava caído no chão e o vesti pela cabeça, deixando escapar um pequeno uivo quando o gancho enroscou no meu cabelo e puxou. Prendi a respiração quando ouvi um barulho

vindo do quarto ao lado. Por favor, garanhão gostoso, volte a dormir.

Meu coração batia forte contra o meu peito enquanto meus ouvidos ficavam atentos ao menor sinal de vida. Como tudo continuou quieto, percebi que poderia partir em busca dos meus sapatos.

Ok, nós entramos pela porta, eu admirei o apartamento e fui pegar um pouco de água e então tirei meus sapatos. Na ponta dos pés, corri até a pia e encontrei minhas sandálias de tiras e as coloquei. Avistei um bloco de papel e uma caneta pendurada na geladeira, mordisquei o interior da minha bochecha, controlando a vontade de deixar o meu nome e número de telefone.

Ele provavelmente nunca me ligaria.

E se ele ligasse?

Pensei de novo sobre aquela faísca entre nós, a urgência animalesca que senti desde o primeiro momento que o vi olhando para mim do outro lado do bar. Ele tinha um brilho em seus olhos que me fez sentir como se fosse a mulher mais importante, a mais sortuda por ter sido escolhida por ele.

E quando ele falou?

Sua voz profunda e suave parecia como chocolate derretendo sobre mim, doce e gratificante.

Um cara como ele? Ele não estava interessado em repetir suas visitantes. Na verdade, ele não era nada além de um passeio rápido para a “cidade do coração partido”.

E no final isso era perfeito para mim. Porque depois de tudo o que vi dos homens, não estava à procura de mais do que uma transa ocasional de qualquer maneira. Uma garota ainda tinha suas necessidades.

Eu me afastei da geladeira e esbarrei na bancada, apenas para encontrar minha bolsa exatamente atrás de mim.

— Achei você — Assobiei quando a peguei nas mãos, então procurei através do conteúdo da pequena bolsa até encontrar o meu telefone e chamar um táxi. Seriam cinco minutos até ele chegar aqui.

Olhei para a porta do quarto novamente, me perguntando se seria rude não dizer adeus. Depois de tudo o que tínhamos feito juntos na noite passada? Só Deus sabia que a coisa mais gentil a se fazer seria deixá-lo dormir. Certamente por volta do meio-dia, eu teria esquecido tudo sobre ele de qualquer maneira.

Além disso, não era como se fosse vê-lo novamente algum dia. Era o tipo de noite que deve ser aproveitada e, em seguida, colocada firmemente no passado.



Capítulo Um

Mason

— Que porra é essa, Mason?

Eu me virei quando a voz de Trent ecoou pelo meu hall de entrada. Tentei fingir que estava dormindo no sofá para ver se ele me deixaria em paz, o que obviamente era besteira.

— Que dia é hoje, filho da puta? — A voz de Trent estava mais alta agora, mais perto. Abri um olho para encontrá-lo em cima de mim, sua expressão normalmente sisuda, ainda pior do que o habitual.

— Deixe-me em paz. — Resmunguei.

— Não. — Ele empurrou meus pés para fora do sofá para ter um lugar para sentar no couro branco amanteigado. — É domingo. E você quer saber o que aconteceu? Fomos humilhados para caralho lá fora.

— Merda. Sinto muito por isso. — Me virei, puxando meus pés para cima do sofá e meu cobertor um pouco mais perto de meu queixo.

— Sente nada. Você sabe que domingo é dia de futebol no parque. Como diabos vamos ganhar um jogo sem o nosso craque? Hoje foi médicos contra cirurgiões, seu pedaço de

merda. Você acha que os cirurgiões vão deixar-nos esquecer disso algum dia?

Eu estremeci, sabendo que ele estava certo. Cirurgiões de merda são uns convencidos. Na verdade, eles nem deveriam jogar futebol considerando quão preciosas eram suas mãos delicadas, mas isso não parecia detê-los.

— Olha — disse, me sentindo mal pela primeira vez desde que ele chegou ao meu apartamento — Eu estou meio que ocupado agora. É uma emergência e...

— Não ser capaz de encontrar o número de telefone da menina com quem transou não constitui uma emergência, não importa quantas vezes você tente colocar dessa forma, Mason.

— O que é bom para mim pode não ser bom para você. Quem busca sempre alcança. — Apelei para vários provérbios inaplicáveis e endireitei-me no sofá. Trent pegou o controle remoto da minha mão e silenciou o episódio de Construções Incríveis que estava assistindo.

— Ainda não teve sorte na sua busca então? — Trent perguntou, com menos severidade desta vez.

— Não — murmurei, apertando a ponta do meu nariz. — Verifiquei cada site de namoro que pude pensar. Ela não estava em qualquer um deles. Eu até olhei no Tinder. Não achei ninguém chamada Bren em qualquer lugar.

— Ei, tenho uma ideia. — Seus lábios se torceram em algo parecido com um sorriso encorajador. — Basta ir a um encontro com alguém do Tinder e esquecê-la. Já se passou

uma semana, cara. Deixa para lá. — Trent cruzou os braços sobre o peito e eu alcancei a tigela de sopa morna na minha frente.

— Você não entende, não é?

— Que você descobriu o santo graal da vagina? A melhor boceta do universo? Melhor do que todas as outras do mundo? — Trent bufou. — Eu entendo, apenas não consigo acreditar. — Ele passou a mão pelo cabelo espesso e escuro. — Tem muitas garotas lá fora. Eu poderia até mesmo arranjar um encontro para você com uma das irmãs de Kayla se você quiser.

— Não, eu vou encontrar aquela garota. — Aperto os punhos e suspiro. — Só vai dar um pouco mais de trabalho do que eu imaginava.

Eu sabia que seria inútil tentar explicar sobre ela para um cara como Trent. Para ele, toda mulher com quem saía era a mesma coisa; a chance de trepar com alguém e, se tivesse sorte, que fosse bom antes, durante e por pouco tempo depois.

Para mim? Não era tão fácil.

Não me interprete mal. Eu poderia ter praticamente qualquer mulher que quisesse. E isso não seria arrogância minha. Era apenas a verdade. Desde que tinha idade suficiente para saber como sexo funcionava, fui capaz de encontrar parceiras dispostas, mas para mim, ter um relacionamento era muito mais do que só sexo. Ter me tornado um médico não mudou essa situação.

Eu queria algo mais. Ainda mais agora que eu estava ficando mais velho, esse “algo mais” parecia estar ficando cada vez mais importante.

Esta garota enlouqueceu minha mente da melhor maneira possível. Ela era linda, claro. Mas ela era engraçada, inteligente e surpreendente. Eu fui dormir totalmente satisfeito e feliz, ansioso por lhe dizer exatamente isso na parte da manhã, apenas para descobrir que ela tinha sumido.

Sumiu, sem uma palavra ou nem mesmo um bilhete.

Trent bateu nos joelhos e levantou-se do sofá, indo em direção à geladeira e pegando uma garrafa de água. Ele tirou a tampa, tomou um gole, então me olhou sobre a garrafa.

— Certo, tudo bem. Eu desisto. O que há de tão especial sobre essa garota, além de uma vagina apertada?

Eu levantei minha cabeça.

— É justamente isso. Eu não consigo explicar. Não havia palavras para o sexo.

Desde o momento em que a beijei, eu estava completamente envolvido, querendo mais, com a necessidade de tocá-la, cheirá-la e tê-la. Era mais do que química, foi uma conexão absurdamente animal e eu sabia, a partir daquele primeiro beijo inocente, que ela podia sentir isso também. Nossa ligação era diferente de tudo que já senti.

— Não deve ter sido tão bom se ela escapou daqui enquanto você ainda estava dormindo. Se fosse assim ela iria querer uma segunda rodada, certo? — Trent deu de

ombros. — É melhor encarar que talvez ela não esteja tão a fim de você.

— É isso que você não está entendendo. Ela estava totalmente na minha. Ela era perfeita.

Eu não culpo Trent por não entender. As probabilidades eram de que ele nunca tivesse ficado com uma mulher que olhou para ele da maneira que Bren tinha me olhado no nosso encontro, como se cada palavra que eu dissesse fosse algo importante para ela. Como se eu importasse para ela. De certa forma, isso me lembrou da forma como a minha mãe falava e olhava para o meu pai, como nada no mundo fosse mais importante.

E essa conexão foi apenas o ponto de partida. Estendeu-se ainda mais quando eu a beijei, como se nossos corpos houvessem se tocado um milhão de vezes antes, porém ainda era excitante e novo. Ela estremeceu quando eu a toquei e quando a virei para abrir seu vestido.

— Exatamente. Ela era perfeita. É por isso que ela não estava interessada em você. — Trent sorriu e eu joguei uma almofada em seu rosto estúpido.

— Mas, falando sério, cara — continuou. — O que você vai fazer? Apenas esperar ela bater em sua porta? Você já olhou em todos os lugares. É hora de dar um tempo e tentar novamente. Tem muito peixe nesse mar. E sério, eu nunca te vi assim e você está começando a me assustar.

Ele sentou-se de volta no sofá e eu olhei para a TV por um segundo, pensando sobre suas palavras.

Era verdade. Quando se tratava de mulheres, eu tinha um histórico. Essa era, provavelmente, a maneira mais educada de dizer isso mas não era tecnicamente minha culpa.

Fui criado com uma crença, ensinada a mim por meus pais e reforçada por suas ações um com o outro que, quando você encontra a pessoa certa, você sabe. Com aquela pessoa certa, todas as provações e tribulações da vida tornam-se mais fáceis.

E eu? Eu não ia parar até encontrar a garota certa.

Então, eu experimentei. E muito.

— Se você tivesse transado com uma mulher assim, você estaria agindo da mesma maneira. — Disse, plenamente confiante das minhas palavras.

— Neste momento estou começando a pensar que a vagina dela era feita de puro ouro — disse Trent. — O que ela fez? Soprou bolhas para fora da maldita coisa?

Eu ri.

— Foi bom, cara. O melhor sexo da minha vida. Quente e intenso e que porra de boca ela tem.

— Certo. Bem, por mais especial que pareça, é hora de seguir em frente. Entendeu? — Trent tomou outro gole de água e concordei, embora fosse puramente para encerrar o assunto.

Na verdade, não acho que houvesse absolutamente nada no mundo que pudesse me fazer parar de procurar a misteriosa Bren.

Mesmo agora, uma semana após o fato, o lugar favorito da minha mente era lembrar de seus mamilos perfeitamente rosados e sua pele lisa e pálida. Seu cabelo loiro sedoso entre meus dedos. Seu corpo respondendo ao meu toque, se contorcendo.

E, claro, o sabor de sua vagina enquanto eu esfregava minha língua sobre seu clitóris.

Agora, até mesmo o nome dela era suficiente para me deixar duro como uma pedra. Mas não era o suficiente, nada disso era.

Porque eu iria encontrar Bren.

E quando isso acontecesse, tinha certeza de que ela seria minha.



Capítulo Dois

Bren

Eu consegui. E estava orgulhosa de mim mesma.

Assobiando a melodia de “Baby Got Back” eu lavava pedaços de cocô para o ralo, nada poderia estragar o meu humor.

Havia tido uma transa casual, uma muito boa por sinal e como uma mulher madura e responsável, mantive a promessa feita a mim mesma de não me apegar. Sorrindo, me senti orgulhosa de mim mesma e satisfeita de uma maneira que não estive em um longo tempo.

Era normal que minha mente vagasse para Mason algumas vezes ao longo de cada dia nessas últimas duas semanas. Ele foi a única experiência sexual que eu tive no que parecia uma década e era natural que quisesse repeti-la na minha mente, algo para me lembrar com carinho e desfrutar quando estava na cama, sozinha à noite.

— Por que você está com um humor tão bom? — Perguntou Mandy, entrando na jaula noturna dos gorilas.

Enxaguando com um último jato forte de água, me virei e fechei a torneira.

— E então moça, como foi de férias?

Mandy era uma garota baixinha e sarcástica. Eu a amava. Ela era, tecnicamente, minha chefe, mas nunca me senti assim. Estava grata por sua amizade e toda a orientação que me deu tanto no trabalho como na minha vida pessoal.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Eu vou te contar tudo sobre a nossa viagem em um minuto. Quando você leva duas crianças em um avião, não são férias, é uma viagem. Mas antes, você vai me dizer por que você parece tão feliz e encantada em estar limpando merda. Não era Andy que deveria estar fazendo isso hoje?

— Sim, eu disse-lhe para ir almoçar. Dou conta disso.

Seus olhos se arregalaram.

— O que você disse? Vamos lá para dentro. Você pode me contar tudo o que aconteceu enquanto estava fora.

Depois de enrolar a mangueira e guardá-la, segui Mandy. Os gorilas não iriam voltar para suas jaulas até tarde, mas estava feliz em ter concluído esta tarefa pela manhã.

Tirei minhas botas de chuva, inclinando-me para me firmar na parede. Uma onda de náusea tomou conta de mim e eu inspirei profundamente. Já era a terceira vez que isso acontecia hoje.

Balançando a cabeça, segui Mandy para as estações de trabalho e depois de lavar as mãos na pia, me sentei no banco ao lado dela.

— Agora me conta tudo, Bren — disse ela, sorrindo como se soubesse de algo que eu fiz.

— Tudo bem. — Eu dei de ombros. — Segui o seu conselho. Você está feliz?

Ela ergueu ambas as mãos.

— Você transou! Estou tão orgulhosa. Conte-me todos os detalhes e não deixe nada de fora. Todd mal tem energia para o sexo e quando acontece, tenho que estar de bom humor para lidar com sua barriga de cerveja.

Tremi por dentro. A ideia do sagrado matrimônio nunca me interessou e Mandy com certeza não tinha a habilidade para me fazer mudar de ideia. Honestamente, não queria me apaixonar. Isso simplesmente não me atraia. Eu vi todos os pontos negativos e nenhum dos positivos. Estar solteira e ter uma ótima carreira como zoologista era mais do que suficiente para mim. Não demorou muitos anos de terapia para eu compreender que a morte do meu pai quando era jovem ocasionou a depressão profunda da minha mãe, fazendo-me ver o quanto amar faz sofrer. Mas, de qualquer forma, às vezes me sinto solitária e uma garota tem suas necessidades. Daí o mágico encontro dias atrás.

— Eu estava pensando sobre o que você me disse, sobre socializar mais. Então considerei o namoro virtual...

Mandy sorriu.

— Mas?

— Preencher aquele longo perfil e responder a centenas de perguntas aleatórias foi assustador e eu não gostei da ideia de colocar todas as minhas informações pessoais na Internet. Apenas não parecia necessário saber o nome completo de alguém com quem só queria trocar fluídos corporais.

Mandy colocou a mão sobre seu coração.

— Às vezes você deixa a feminista dentro de mim muito orgulhosa.

Revirei os olhos.

— Então percebi que antes de ir por esse caminho, talvez pudesse tentar à moda antiga. Eu me vesti bem e fui a um bar que nunca vou. Você sabe, um desses lugares superlotados aonde as pessoas jovens vão para se divertir e encontrar alguém?

Ela assentiu totalmente absorvida na história.

— Um mercado de carne é o termo técnico.

— Eu estava sentada sozinha no bar, tomando um drink, e observei alguns homens bonitos ao redor. Poucos minutos depois, um deles veio falar comigo.

As sobrancelhas de Mandy mexeram.

— E ele era super gostoso e maravilhoso?

Eu ri.

— Não exatamente. Ele era bonito, mas não fez meu sangue ferver. Depois, dei uma desculpa sobre ir ao banheiro e então vi o homem mais lindo sentado sozinho em um sofá de canto. Ele parecia tão infeliz e eu pensei que era tão estranho, como se apenas nós dois naquele lugar não parecíamos estar festejando como todos ao redor.

— Hmm. — Ela balançou a cabeça, pensativa. — Então o que aconteceu?

Fechei os olhos por um momento e era quase como se estivesse de volta dentro do clube, a música pulsando em minhas veias, os elétricos olhos azuis do belo estranho olhando diretamente para mim através do bar lotado, os cabelos da minha nuca se arrepiando ao perceber que ele era ainda mais atraente do que notei.

— Poucos minutos depois, quando saí do banheiro, estava pronta para aceitar que minha missão foi um fracasso. Mas o Sr. Alto, moreno e sexy estava esperando por mim.

Um arrepio delicioso atravessou minha espinha e lembrei-me da forma como ele chegou até mim, o tom persuasivo de sua voz quando ele perguntou se eu gostaria de me sentar para um drink com ele. Eu apenas balancei a cabeça, minha voz presa sob o peso da minha libido.

— Ele me guiou até o canto em que ele estava sentado anteriormente, pedimos outra bebida e conversamos.

Mandy franziu a testa.

— Se esta história não terminar com sexo fogoso, pode parar por aí.

— Vou acelerar as coisas para você. — Mandy não precisava saber sobre a forma como a conversa fluiu tão facilmente naquela noite, ou a corrente de tensão sexual crua que trocamos em cada olhar.

— Um pouco mais tarde, ele perguntou se eu gostaria de ir para algum lugar mais silencioso, onde pudéssemos conversar. Ele sugeriu seu apartamento e lá fomos nós. O lugar era lindo em um desses arranha-céus que se elevam acima da cidade.

— Estou com ciúmes! Este pedaço de mau caminho tem nome?

— Mason. — Apenas a sensação de seu nome em minha língua provocou uma resposta do meu corpo que eu não estava preparada.

— Então o que aconteceu? Não estrague a fantasia e me diga, por favor, que ele tinha um pau grande. Não há nada pior do que surpreender-se com um pequenino, estou certa?

— Foi uma noite absolutamente incrível. Perfeita em todos os sentidos.

— Oh meu Deus... Você precisa me contar mais do que isso!

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não vou contar para minha chefe cada detalhe do melhor sexo da minha vida. — Só porque, se fosse pensar a

respeito de tudo o que aconteceu com muita clareza, ficaria com minha calcinha molhada enquanto ainda estou no trabalho. Melhor não.

— Droga, garota. Estou orgulhosa de você. — Ela fingiu um engasgo e comecei a rir novamente. — Agora entendo por que você está toda sorridente.

É uma loucura o que um sexo gostoso e alguns orgasmos podem fazer com nossa alma. Duas semanas já se passaram e eu ainda estava brilhando gloriosa.

Mandy e eu trabalhamos em silêncio por alguns minutos, ela respondia feliz a alguns e-mails e eu completava alguns documentos sobre o cronograma da limpeza.

A pontada de náuseas estava de volta, bem no centro da minha barriga.

— Isso é estranho — eu murmurei para mim mesma.

— O que?

Balancei minha cabeça.

— Tenho certeza que não é nada. — Eu parei, meus olhos fixaram-se no calendário de frente para mim na mesma hora em que um pânico frio penetrou na minha espinha. — Não, não é nada. Não pode ser.

— O que não é nada? — Mandy quis saber.

— Eu tenho tido umas ondas de náusea durante os últimos dois dias.

— Você está doente?

— Não. Eu me sinto bem na maior parte do dia. Normalmente é apenas a primeira coisa na manhã, quando saio da cama e, depois, em momentos aleatórios ao longo do dia. É provavelmente uma baixa de açúcar no sangue.

Mandy parecia cética. — Bren. Eu não quero assustá-la, mas estes eram meus sintomas exatos durante minha primeira gravidez. Você e esse homem misterioso usaram proteção, certo?

— Claro. Usamos um preservativo.

— Mas sua menstruação está atrasada, não é?

Meus olhos arregalados espiando o pequeno calendário de mesa foi um pouco óbvio. Balancei a cabeça. — Só alguns dias. Não é grande coisa.

Mas era sim algo preocupante. Eu não poderia estar grávida, não de um cara desconhecido que escolhia garotas aleatoriamente para passar a noite. Isso só acontecia em comédias românticas muito ruins. Minhas mãos ficaram pegajosas e comecei a suar. À medida que o mundo girava em torno de mim, considerei as implicações de ter minha vida perfeita invadida por uma gravidez não planejada.

Mandy lambeu os lábios.

— Ouça. Não quero te assustar, mas talvez você devesse ir a um médico dar uma checada. Preservativos falham o tempo todo. É possível que você possa estar grávida.

— Tenho certeza que não é nada. Posso pegar um desses testes de farmácia no meu caminho para casa esta noite, se isso te fizer sentir melhor.

Mandy sacudiu a cabeça.

— Esses testes não são confiáveis no começo da gravidez. Deixe-me ligar para o meu médico. Sério, tenho o melhor ginecologista de toda a cidade. Eu realmente amo o cara. Ele normalmente tem uma lista de espera de aproximadamente seis meses para novas pacientes, mas talvez eu possa pedir que ele te atenda antes disso.

— O que esse cara tem de tão especial? — Me chame de louca, mas achava difícil acreditar que alguém poderia realmente ter uma experiência agradável no consultório do ginecologista. Eu mal suportava minhas visitas anuais. Aquela sensação de frio metálico do espéculo e aquele terrível lubrificante. Ugh. Não, obrigada.

O olhar de Mandy suavizou.

— Ele é inteligente, doce e profissional e consegue fazer com que você se sinta confortável. Todo mundo gosta dele. E seu consultório parece mais como um SPA do que uma clínica. Luz baixa, música suave, roupões de algodão macios em vez daquelas camisolas de papel horríveis que usava no consultório do meu antigo médico. Eles servem um cappuccino delicioso na sala de espera. Você vai adorar, eu prometo.

— Parece legal. — Mordi minha bochecha. — E acho que seria bom saber o que está causando essa náusea.

Mandy assentiu e pegou o celular do bolso de trás. — Deixe-me ver se eu consigo uma consulta na próxima semana. Não prometo nada.

Esperei ansiosamente enquanto ela ligou e falou com a recepcionista. Ela soletrou meu nome e, em seguida, esperou por alguns segundos. Os olhos de Mandy se arregalaram quando ela verificou o relógio.

— Sim! Ela com certeza pode. Muito obrigada!

— O que eles disseram?

— Houve o cancelamento de uma consulta para esta tarde. Você está agendada! Você tem uma consulta com o Dr. Bentley ainda hoje.

— Uau. Ok. Não tem problema eu sair mais cedo do trabalho, então?

Ela acenou com a mão indiferente para mim.

— Claro que não. Ligue-me assim que souber de alguma coisa.

A sensação de náusea estava de volta, mas desta vez não tinha nada a ver com a possibilidade de estar grávida.



Capítulo Três

Mason

— Nove gestantes — digo a Trent enquanto me encosto ao balcão.

— Nove?

— Sim, nove. E dois pares de gêmeos. Estou lhe dizendo, se aparecer mais uma gestante este mês, vou ganhar o prêmio da liga de bebês das enfermeiras. Sra. Ramirez chorou por meia hora quando contei a ela sobre os gêmeos. Ela já tem um par em casa.

— Pobre mulher. — Trent deu um estremecimento simpático e balançou a cabeça. — Eu estou indo tomar um café. Você quer um?

Até que um café seria bom, mas balancei a cabeça.

— Não, estou muito atrasado com minha papelada. Vou ver se consigo arrumar tudo antes do almoço.

Nos separamos e fui através do corredor iluminado até chegar ao consultório no final. Havia uma placa dourada fixada na porta com o nome “Dr. Bentley”.

O nome na placa estava lá desde que eu era criança e ficava brincando na sala de espera enquanto esperava meu

pai sair e se juntar a minha mãe e eu. Então, quando fiquei mais velho, passei ainda mais tempo naquela mesma sala de espera, insistindo em ficar junto em cada pequena triagem, enquanto minha mãe lutava contra um câncer de ovário com um dos médicos na clínica de meu pai.

E agora? Depois de adulto, assumi o controle da clínica que outrora pertenceu ao meu pai e substitui seus certificados e diplomas pelos meus próprios, embora tivesse deixado a antiga bandeira de baseball que pendia da janela, a lembrança dos meus bons dias de infância.

Na minha mesa estava a pilha de papéis que evitei durante uma semana inteira e ao desmoronar em minha cadeira de couro desgastado, soltei um gemido abafado. Quase por instinto, verifiquei meu e-mail de trabalho e tentei evitar a pontada de decepção quando não encontrei nada remotamente pessoal lá.

Não que eu esperasse por alguma coisa de qualquer maneira. Se não tive notícias de Bren até agora, era provável que não tivesse mais. Na verdade, nem tinha certeza se ela sabia meu nome. Eu me apresentei no começo da conversa mas algumas pessoas eram péssimas com nomes. Muitas vezes eu era, esquecendo quase em seguida quando conhecia alguém. Além disso, não tinha como saber se ela estava embriagada naquela noite. Claro, ela não parecia bêbada naquele momento.

Meu pau pulsava com a lembrança.

Esfregando as mãos pelo meu rosto, tentei esquecer como foi estar com ela. Mas não adiantava. Eu não dormi uma noite inteira sem que sonhasse com ela desde que tínhamos estado juntos. Falando em sonhos, se você quer ser capaz de pagar por aquele apartamento incrível e uma cama para colocar sua cabeça durante a noite, é melhor dar atenção a essa papelada.

Depois de um rápido e-mail para minha assistente, pedindo-lhe para pedir o meu almoço, começo com a primeira folha na pilha de papéis - Mrs. Ramirez e sua entrada nesta manhã.

A pobre mulher tinha razão. Eu só podia imaginar como era ter um bebê. Ter que cuidar de mais dois, quando você já tinha um par em casa era impensável. Seu marido tinha dado apoio, é claro, mas se eu fosse aquele cara? Bem, acho que teria feito uma parada prolongada na loja de bebidas após a visita ao médico.

Ela era uma ótima mãe. A tinha visto depois do nascimento do primeiro conjunto de gêmeos e ela era a própria mulher maravilha, atenta a todos os seus movimentos, balançando um, enquanto ninava o outro. Os pais ficariam bem depois que se ajustassem, mas, caramba, seria um filho da puta de um ajuste. Esperava que eles não gostassem muito de dormir à noite.

Uma batida suave soou na minha porta e eu olhei para cima para encontrar uma morena esbelta entrando em minha sala, um sorriso nervoso em seus lábios finos.

— Dr. Bentley?

— E aí, Jean? — Ela era a mais nova das enfermeiras e ainda se referia a todos nós pelos nossos títulos, mesmo quando não estávamos na frente dos pacientes, então eu tentei sorrir extra amigavelmente.

— Houve um cancelamento, esta manhã e alguém preencheu o horário com um novo paciente. Eu sei que você está bastante ocupado, mas eu estava pensando se talvez...

Levantei minha mão.

— Sem problemas. E quando será essa consulta?

— Então, ela está aqui agora.

Fiz questão de não estremecer visivelmente, sabendo que Jean já estava tensa o suficiente. Não queria piorar as coisas para ela.

—Bem, colete o sangue da paciente, verifique seus sinais vitais e coloque-a na sala de exames. Irei para lá assim que puder.

Jean começou a sair da sala, mas a chamei de volta.

— A ficha da paciente? — Perguntei e ela soltou uma risada estridente enquanto suas bochechas coraram.

— Certo, aqui está. — Ela colocou a ficha na minha mesa junto com uma pasta de histórico médico.

Ashley Matthews.

Mulher ainda jovem e com um histórico médico bastante normal. Eu dou uma olhada em sua pasta, em seguida

arquivo alguns e-mails em minha caixa de entrada antes de voltar para o corredor. Trent me devia uma por me agendar mais um novo paciente. Se ele fosse esperto, traria um café para mim, independentemente do fato de que eu não tivesse ido com ele.

Gentilmente bati na porta e Jean apareceu para abri-la.

— Dr. Bentley está aqui — ela informou à mulher que estava deitada como se tivesse sido atropelada por um caminhão recentemente. Seu cabelo caia pendurado pela beirada da mesa de exame e seu braço estava jogado sobre seu rosto, cobrindo sua face dramaticamente.

Isso seria divertido.



Capítulo Quatro

Bren

— Não está se sentindo bem?

Uma voz masculina profunda interrompeu minha náusea. Meu estômago revirava insistentemente e tudo o que eu queria era que parasse. Mas para que isso acontecesse, teria que me submeter a este exame. Dane-se o robe confortável que Mandy pensou que eu gostaria. Se eu tivesse a antiga camisola de papel normal cobrindo-me, poderia apenas puxá-la por cima da minha cabeça.

— Ugh — gemi e a enfermeira interveio.

— A Senhorita Matthews não é a maior fã de exames ginecológicos.

— Podemos fazer a parte desconfortável o mais rápido possível, por favor? — Acrescento em um sussurro estrangulado, ainda não retirando o braço de cima do meu rosto.

— Sem problemas. Eu compreendo totalmente.

Por que essa voz soa familiar?

O médico abriu a torneira na pia e eu espiei por debaixo do meu braço a tempo de ver as costas rígidas. O estalo das luvas de borracha soou como disparos assustando meu corpo sensibilizado. Fechei os olhos mais uma vez. Deus, isso poderia terminar logo? Não havia nada pior do que os exames anuais embaraçosos e agora estava me submetendo a isso duas vezes em um ano. E se estivesse grávida? Eu teria tantas mãos dentro da minha vagina que poderia tatuar um “estamos atendendo” logo acima dela.

— Por favor, desça o quadril até a beirada da mesa.

Aquela voz.

Se não estivesse numa posição tão desconfortável, espiaria para ver quem estava pronto para ver minha intimidade. Mas em vez disso, uso toda a coragem da minha alma para descer até que a minha bunda estava pendurada sobre a extremidade da mesa. Uma mão agarrou um pé, depois o outro, ajudando-me a colocá-los nos temidos suportes, mas mantive meus joelhos pressionados firmemente juntos.

A luz rangeu e então acendeu. Seu calor abrasador perfurou minha carne sensível e me senti totalmente aberta. Exposta.

— Ok, Senhorita Matthews, eu vou apenas...

— Eu já fui examinada antes. Sei como funciona — gemi. Faria qualquer coisa para acelerar essa tortura.

— Está bem então, não vamos perder mais tempo. — Com mãos suaves, ele separou minhas pernas. — Relaxe, tudo isso vai acabar logo.

O médico pressionou sobre meu estômago e colocou dois dedos dentro do meu canal vaginal. Mas então quando eu pensei que ele iria acelerar as coisas e acabar logo com isso, ele parou. Meu coração disparou e as palmas das mãos já suadas encharcaram de tal maneira que pensei que poderia escorrer para o papel que revestia a mesa de exame de couro.

Por que ele parou?

Havia algo de errado?

Comigo ou com meu possível bebê?

Ele exalou uma respiração irregular volumosa. Algo estava definitivamente errado aqui. Abri minha boca para falar, mas nada saiu. Uma sensação de pânico parecia ter congelado a minha língua.

Uma pontada de percepção de medo percorreu minha espinha e parou no topo do meu crânio.

— Bren? — Ele murmurou baixinho.

Minha respiração acelerada diminuiu e quase parei de respirar ao sentir a tensão na sala atingir o nível de alerta máximo.

— Sim? — Como ele sabia que eu usava meu nome do meio? Algo em sua voz parecia vagamente familiar. Vasculhei

meu cérebro e, lentamente, tirei o braço de cima do meu rosto. Se pudesse dar uma boa olhada em sua expressão, poderia avaliar o quão devastadora essa situação se tornou.

— Está tudo bem.

Meu olhar encontrou o dele e o quarto girou. Um redemoinho selvagem, trágico de cores vibrantes tomou o lugar da minha visão regular. Lutei para sentar-me, mas caí de volta de costas com um baque em cima do forro de papel.

Não pode ser.

Isso não pode estar acontecendo. Deus, o que foi que eu fiz para merecer isso? A humilhação, o embaraço.

— Na ficha médica está escrito que seu nome é Ashley — diz ele enquanto uma dose extra de adrenalina me atinge, fazendo minha pulsação bater descontroladamente.

Merda. Era ele.

E seus dedos ainda estavam dentro de mim.

Outra onda de náusea flui sobre mim e fecho os olhos contra a forte luz fluorescente, implorando para meu estômago se acalmar. Se pudesse controlar a minha respiração, poderia dar o fora daqui, sem perder a cabeça.

— Você pode, por favor, tirar seus dedos de mim? — Eu consigo dizer.

— Certo. Desculpe. — O médico tira os dedos grossos de minhas partes íntimas e levanta-se envergonhado.

Depois de pelo menos um minuto inspirando profundamente e rezando a meu estômago para não me envergonhar ainda mais, consigo dizer

— Meu nome é Ashley. — Afundo de volta na mesa e cubro minhas pernas. Ele pode ter visto tudo isso antes, mas sob a luz fria da sala de exame me sentia mais exposta do que nunca. — Mas eu prefiro ser chamada pelo meu nome do meio.

Arrancando as luvas, ele as joga na lata de lixo.

— Certo. Jean? — Ele vira-se para a enfermeira confusa que parecia ter entrado em um universo alternativo e não entendia seu papel lá. — Você se importaria de nos dar um minuto? Eu gostaria de falar com a Srta. Matthews sozinho.

— Claro — Jean limpou a garganta e abriu a porta, mas quando saiu da sala, não ouvi o distinto clique da porta de metal fechando atrás dela.

Apertando o nariz entre os dedos, ele arrastou-se da beirada da mesa de exames e bateu a porta fechando-a antes de se virar para olhar para mim de novo. Não acho que poderia suportar as implicações daquele olhar.

Merda. O que aquilo significava?

Eu já tirei meus pés dos suportes e estava sentada na ponta da mesa de exame, o papel branco enrugando embaixo de mim enquanto me deslocava inquieta. Olhei para um ponto no chão, focando minha atenção lá.

Deus, queria tanto que ele saísse da sala para que eu pudesse colocar minhas roupas de volta e ter algum tipo de barreira de tecido entre nós. Ele estava com essa vantagem e sabia disso.

— Escute, eu provavelmente deveria ir embora. Não sabia — comecei a falar, mas ele me interrompeu.

— Por que você simplesmente desapareceu assim?

Deveria ter imaginado que ele não seria um cavalheiro e me deixaria escapar com pelo menos um pingo de meu orgulho intacto. Minhas bochechas ficaram vermelhas provando minha culpa e senti um arrepio subindo na minha nuca. Engoli em seco, mas mantive meus lábios apertados juntos. Como ele ousa fazer essa pergunta agora?

— Foi tão bom estar com você — ele admitiu depois de um momento tenso. — Eu... — Ele soltou um suspiro e passou seus dedos pelos cabelos.

Nesse momento, nada importava mais para mim do que sair desta sala de exames. Parece que todo o oxigênio foi expirado para fora. Eu não conseguia respirar normalmente.

— Eu...

— Você não se sentiu assim? Porque eu pensei...

— Não, não. — Balancei a cabeça e meu cabelo comprido caiu sobre meu rosto, minha mão tremia sob o esforço do movimento simples de arrumar meu cabelo para que eu pudesse vê-lo. — Foi ótimo para mim também. Eu só... — Eu balancei a cabeça, tentando encontrar palavras

que fizessem sentido. — Você foi... Você na verdade é mais do que estou procurando nesse momento.

— E o que isso quer dizer?

— Eu só estou... — Respirei fundo, não encontrando as palavras apropriadas para explicar como me sentia sobre a nossa noite juntos. Como é que se explica a um médico enquanto você está nua na mesa de exames, que você não estava à procura de um pai para o bebê que pode estar carregando? Especialmente, quando o possível pai era ele. — Você, aquela noite, foi tudo tão intenso e não estou interessada em nada sério.

— Com base em apenas uma noite, você decidiu que tinha que ser algo sério?

Por que ele não era como qualquer outro homem que achava que tudo girava em torno de seu pau e apenas deixasse isso para lá? Eu me senti presa em algum tipo de estranha inversão de papéis. Nós não precisávamos ter essa conversa estranha. Ele poderia ter simplesmente permanecido profissional, terminado o meu exame e nunca mais ter me visto novamente. Nenhum dano, nenhuma mágoa. Não me importava que ele tivesse me dado o melhor sexo da minha vida. Realmente não. Agora, aqui estava ele tentando consertar as coisas, tentando me controlar e buscando um compromisso que eu não precisava e nem queria.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Eu estava querendo apenas relaxar e me divertir um pouco. Não é algo que faça sempre, mas para ser sincera, estou surpresa que você ainda quisesse me ver novamente.

— Então, o que foi? Eu sou muito sério ou sou um jogador que você pensou que não se importaria se você simplesmente desaparecesse?

— Por que não podem ser as duas coisas? — Retruquei.

Ele estreitou os olhos, claramente pouco disposto a aceitar a minha lógica.

— Porque isso não faz qualquer sentido.

— Eu precisava liberar um pouco de energia acumulada e você também. Nós dois nos divertimos. Não precisamos transformar isso em algo mais, não é? — Dei de ombros olhando para baixo, podia ver o tremor em minhas mãos me entregando. Ouvi a mentira na minha própria voz.

Ele me encarou, como se me visse pela primeira vez. Eu era a mesma mulher que foi tão suave e flexível em seus braços semanas antes? Não. A razão pela qual eu estava aqui, nua, vulnerável e exposta a seu olhar me fez absurdamente diferente daquela mulher. Eu podia estar grávida. Meu futuro dependia de um resultado de exame de algum laboratório. Tinha que fazê-lo pensar que para mim ele não significava nada. Nada mais do que um capricho, uma transa rápida, algo que poderia ser facilmente esquecido pela manhã.

Mas no meu coração, eu sabia a verdade. Aquela eletricidade quente, presente em cada toque. Meu coração

quase explodiu quando nós gozamos juntos, profundamente necessitados um do outro. O olhar dele enquanto estava dentro de mim não foi imaginação minha. Não podia ter sido.

— Ok, então, se foi apenas uma noite de diversão... — Ele começou a dizer, mas o cortei antes que ele pudesse terminar. Eu não podia deixá-lo dizer algo que nós dois nos arrependeríamos.

— Foi sim.

Com minhas palavras frias e distantes, a decepção atravessou suas feições esculpidas. Eu quase me senti mal por deliberadamente ferir seus sentimentos. Mas não me senti mal o suficiente para consertar as coisas e dizer a verdade. Fazer isso me deixaria vulnerável, machucaria meu coração. E o meu tinha um muro em torno dele que nem mesmo um trator não poderia romper.

Ele respirou fundo e depois de refletir por um momento, uma máscara de fria indiferença surgiu em seu rosto. - Certo. Foi apenas uma noite de diversão. Então, nós provavelmente deveríamos apenas continuar com seu exame anual. Vai ser muito rápido e depois, uma enfermeira ligará para você em poucos dias com seus resultados, tudo bem?

Engoli em seco e desviei meu olhar. Ele era burro? Agora, eu tinha toda essa merda para explicar.

— Olha, sei que você está provavelmente um pouco desconfortável, mas eu posso ser profissional. Você está aqui para o exame anual, correto? — Ele olhou para a ficha novamente. Talvez eu não tivesse que explicar afinal. Se ele

me perguntasse, não saberia como dizer-lhe o motivo da minha visita sem surtar. Enquanto ele examinava o documento, tudo parecia bem até que ele chegou ao final. Se eu não estivesse a ponto de vomitar e desmaiar, poderia ter desfrutado o olhar trágico em seu rosto.

Ele empalideceu. Toda a cor e o sangue drenado de seu rosto. Lentamente, ele caiu para trás em sua cadeira giratória, em seguida, apoiou-se no balcão.

Ele olhou para o meu rosto, buscando alguma confirmação. Tentando determinar se estava brincando. Até parece. As mulheres da minha idade não brincam com algo tão sério. Apertei os olhos e sustentei seu olhar.

Entendeu agora, Einstein? Se há um bebê, você é o pai. O que significa que se eu estiver realmente grávida e quiser ficar com o bebê, daqui a nove meses, você vai ser o pai de alguém.

Depois de respirar profundamente, ele abriu a boca para falar, mas antes que começasse, eu pulei da mesa e peguei minha calcinha da cadeira ao lado da mesa.

— Olha, isso foi uma má ideia. — Enfiei uma perna no meu jeans, tendo vestido minha calcinha em tempo recorde. — Eu posso encontrar outro médico, tenho certeza. Mandy estava apenas tentando ajudar. Eu não sabia que você era ginecologista, obviamente, e eu só... Eu preciso de ar.

Eu subi meu jeans e abotoei-o, em seguida, estendi a mão para o meu top.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas permaneceu em silêncio depois de alguns segundos tensos. Pensei que ele fosse começar a gritar comigo sobre preservativos e pílulas anticoncepcionais. Como médico, ele devia estar se perguntando como isso aconteceu. Mas ele devia saber, porque os preservativos podem falhar. Obviamente.

— Não se preocupe com isso, de verdade — disse antes que ele pudesse começar falsas promessas. Essa era a última coisa que eu precisava. — É provavelmente um alarme falso, mas se não for, fique tranquilo, eu sei onde encontrá-lo. — Deixei escapar uma risada sem graça enquanto me virava para tirar o robe e vestir minha camiseta. Agora que estava diante dele, completamente vestida, quase me sentia melhor. O que eu mais queria era dar o fora desta sala pequena e sufocante para poder respirar normalmente. — Por favor, vamos apenas fingir que eu nunca estive aqui.

Sua boca se contorceu novamente. Eu parecia conseguir atingi-lo deixando-o sem palavras e rezava para que ele permanecesse assim enquanto eu invocava alguma magia antiga que me fizesse desaparecer. Saí pela porta, quase correndo para o hall de entrada, com passos decididos.

Antes de sair em segurança, aquela voz profunda me parou no caminho.

— Bren, espere. Precisamos conversar sobre isso.

Meus pés pareciam ter sido cimentados no chão. Por que eu não podia apenas ser rude e sair? Deixá-lo firmemente no meu passado de novo como havia feito? Alguma coisa

nesse homem me deixava tão fora de mim, que quase não me reconhecia. Ele despertava sentimentos que gostaria que ficassem bem mortos e enterrados.

— Eu vou lidar com as consequências sozinha — disse em voz baixa, sem me virar. Se olhasse para ele, eu ficaria. Então reprimi o desejo de me jogar em seus braços fortes e saí para o grande pátio externo. Eu quase podia sentir sua respiração pesada nas minhas costas.

Por que você simplesmente não desiste?

Antes que eu pudesse chegar à calçada, ele estendeu a mão e me virou, obrigando-me a olhar para ele.

— Correr não é mais uma opção. Seja o que for, o laboratório já tem seu sangue para examinar. Os resultados vão chegar e quando eles chegarem, não vou deixar você passar por isso sozinha. De jeito nenhum.



Capítulo Cinco

Mason

Eu podia dizer pelo aperto nos lábios de Bren que minha expressão se transformou numa carranca. Suas mãos tremiam e as lágrimas praticamente se derramavam de seus olhos.

De todos os médicos da cidade, como diabos ela acabou na minha sala de exame para um teste de gravidez? Droga. Era verdade o que diziam sobre o Karma ser uma merda.

Revirei a memória, revivendo cada segundo que passamos juntos, percebendo que nunca disse a ela minha profissão. Não querendo soar como um idiota arrogante, eu raramente comento isso em um bar ou clube. Além disso, ser médico dessa área me faz um alvo para perseguidoras e interesseiras, então tinha certeza que não disse a ela o que eu era.

Meus dedos coçaram para alcançá-la e puxá-la em meus braços para que pudesse apagar aquele olhar devastador de seu rosto. Mas não me movi, porque ainda estava um pouco chateado por ela ter sumido após a melhor noite da minha vida.

Seus olhos sondaram os meus, em busca de algo. Algo que ainda não podia dar. Promessas que não podia fazer. Depois de olhar por vários tensos segundos, ela deu um passo para trás.

— Será que podemos conversar no meu escritório? — Perguntei com minha voz um pouco mais controlada.

Dolorosamente consciente de que ainda estávamos de pé no saguão, respirei fundo e tentei me recompor. Uma mulher mais velha olhava de queixo caído para nós e uma jovem mãe balançava um recém-nascido, tentando ignorar o espetáculo na sua frente.

Meu olhar passou para a máquina de cappuccino descafeinado que Trent disse que iria acalmar nossos pacientes, tornando-os mais tranquilos. De repente, desejei que minha vida fosse tão simples como decidir entre calda de caramelo ou chocolate. Deixei escapar um longo suspiro, diminuindo minha ansiedade e me virei para enfrentar Bren. Ter uma mulher fugindo de mim causou-me uma sensação estranha, era o pior tipo de rejeição, especialmente quando não tinha feito nada para merecer isso.

— Sinto muito. Não posso. Tenho que voltar ao trabalho. — Antes que a última sílaba saísse de sua boca, eu sabia que

ela estava mentindo. Qualquer mulher tão chateada quanto Bren parecia estar neste momento, ligaria correndo para sua melhor amiga e tomaria um pote de sorvete com chocolate. Tudo que eu queria era a academia e uma bebida. Apenas a picada de licor forte iria ajudar a varrer a memória do que aconteceu da minha mente.

Grávida.

Com meu bebê.

As implicações não passaram batidas por mim. Bren poderia ter uma vida crescendo dentro de seu ventre, enquanto estávamos aqui sem falar. Mesmo que nossas interações tenham sido breves e físicas, eu podia sentir a sua independência. Ela provavelmente não queria se sobrecarregar com responsabilidade e amarrar-se a um homem que há pouco tempo era um perfeito desconhecido.

O rosto de Bren estava branco como uma folha e ela segurou sua respiração.

— Eu sinto que estou ficando enjoada.

Agarrei seu cotovelo e a puxei em direção à porta com letras de ouro que dizia "*Senhoras*" e ela correu para o vaso sanitário.

Ela tentou uma... duas vezes, mas o conteúdo de seu estômago ficou onde estava. Bren virou a cabeça em minha direção e me ajoelhei ao lado dela, minhas mãos puxando o cabelo em um rabo de cavalo improvisado.

Quando ela se levantou, dei um passo atrás.

— Você está bem?

Ela assentiu limpando a boca com as costas da mão.

— Alarme falso, eu acho.

— O que você está sentindo? — Perguntei, de repente mais preocupado do antes. Ela ergueu um ombro.

— Apenas um pouco de náusea.

— Tem certeza que deve voltar a trabalhar?

Volte para a minha casa. Deixe-me cuidar de você.

Mas não falei as palavras que surgiram na minha mente antes de qualquer outra. Assim que voltasse para o meu escritório, afundaria na minha cadeira de couro amanteigado e iria considerar o quanto eu queria essa mulher e nosso filho desempenhando o papel de protagonista no meu futuro.

— Acho que vou direto para casa. O dia está quase acabando de qualquer maneira. — Disse, afastando-me quase como se acreditasse que ia encurralá-la no toalete feminino.

— E você está bem para dirigir?

— Sim. Eu não moro longe daqui.

— Ok. — Esfreguei uma mão sobre seu ombro e ela deu mais um passo inquieto para trás. A rejeição física foi pior do que a picada de uma vespa. Eu realmente não queria que ela dirigisse para casa nesta condição, mas não conseguia pensar em uma maneira racional de levá-la ou colocá-la em um Uber.

Com a expressão desanimada, deixei cair minhas mãos em derrota. Quase peguei algumas toalhas de papel e acenei-as no ar acima de nós como uma bandeira branca.

— Eu te ligo mais tarde. Precisamos conversar sobre isso.

— Tudo bem. O número do meu celular está na ficha que preenchi.

Minhas mãos se apertaram, enquanto me sentia completamente frustrado e inútil. Se não podia proteger a mãe do meu bebê, para que servia? Apesar de contrariado a segui até a porta.

— Falo com você depois, então. — Ela disse e abriu a porta, saindo rapidamente como se um perseguidor enlouquecido estivesse em sua cola. Eu assisti Bren tensa se afastando até que seu corpo se tornou apenas uma partícula ao longe. Meu coração palpitava como se alguém tivesse rachado meu peito, sem o benefício da anestesia.

Depois do sangue de Bren ser colhido cedo, o laboratório levaria vinte e quatro horas para ter os resultados do teste. Eu ficaria nervoso e ansioso até que o resultado retornasse. O que significava que eu tinha um total de vinte e quatro horas para matutar sobre Bren.

Pisando firme voltei ao meu escritório onde inspirei fundo e fechei a porta. Concentrar-me na papelada do trabalho ajudaria, então folheei uma pilha deles e esperei algumas horas para ligar, para que ela pudesse ter tempo para processar e acalmar.

Sabia que muitas coisas precisavam ser resolvidas ou pelo menos discutidas entre nós, então iria sugerir um jantar. Depois que ela atendeu a chamada, eu pude dizer, por sua hesitação, que ela não queria me ver. Droga. Então eu insisti.

— Claro — ela murmurou, cedendo.

Olhando para o relógio na minha mesa, soltei um suspiro frustrado. Ainda tinha uma hora antes de encontrá-la. Tempo de sobra para ir ao meu apartamento para uma chuveirada e trocar de roupa. Seriam as mais longas vinte e quatro horas da minha vida até que esse resultado do teste estivesse pronto.

Nesse meio tempo, precisava de um plano. Eu precisava esquecer tudo para que pudesse concentrar em Bren e em conhecê-la. Fazê-la querer me conhecer.

Eu juntei minhas mãos e toquei os dedos em meus lábios.

Você pode correr Bren Matthews, mas você não pode se esconder.



Capítulo Seis

Bren

Eu não voltei ao trabalho. Não era possível, porque teria que dizer a Mandy o que aconteceu. Pensei que se não dissesse nada para ninguém, poderia fingir por mais um tempo que esta sórdida tarde foi uma invenção da minha privação de sono.

Não queria ter o bebê de um estranho aleatório crescendo na minha barriga, não queria estar selada com uma responsabilidade e amarrada a um homem que nem sequer conhecia. E se ele não gostasse de passeios românticos na praia e jantares à luz de velas? E se ele fosse viciado em trabalho e toda noite voltasse para casa morto de cansaço e dormisse no sofá com o controle remoto na mão?

E se ele tentasse controlar a minha liberdade?

Quando o telefone tocou algumas horas mais tarde, pulei de susto. Mesmo que ele tivesse dito que ligaria, estava consumida por minhas emoções misturadas por isso não estava realmente esperando a ligação, ou o convite para jantar. Eu tentei muito pensar em uma desculpa, mas não era boa em mentir e por isso eu soltei um fraco “claro.”.

Olhando para o relógio em cima da minha pia da cozinha, soltei um suspiro frustrado. Ainda tinha uma hora antes de nós nos encontrarmos no restaurante. Essas seriam as mais longas vinte e quatro horas de minha vida. Eu queria me ajoelhar e orar por um resultado negativo. Se não estivesse grávida, poderia me livrar dele e de seu efeito indesejável no meu equilíbrio. Tentando tirar os resultados pendentes da minha mente, parei na frente do meu closet, olhando para as infinitas opções que eu tinha. Como vestia calça cáqui e uma camiseta polo para trabalhar todos os dias, gostava de coisas femininas como bolsas, sandálias e vestidos quando saia.

Mas agora estava examinando meu armário por uma razão diferente, uma vez que eu tinha um apartamento de um quarto, este é o lugar onde o bebê dormiria. Teria que retirar tudo para acomodar um berço e trocador e todos os outros itens essenciais para um minúsculo ser humano.

Finalmente decidi por uma saia e um cardigã combinando, fui para a porta da frente, preparando meus nervos para o que com certeza seria um estranho encontro.

Eu não conseguia tirar da minha cabeça a lembrança das rugas nas sobrancelhas escuras de Mason puxados em uma carranca esta tarde. Não esperava vê-lo novamente, especialmente não com uma expressão tão irada em seu rosto. Mas sua expressão de raiva não era o que tinha me abalado de tudo.

Eu não podia acreditar que, de todos os médicos da cidade, Mandy me enviou direto para as garras do homem que estava tentando esquecer. E durante todo o tempo que passamos juntos, Mason nunca mencionou o que ele fazia para viver. Ainda pior do que o choque e pavor era seu efeito enorme no meu corpo já instável. Cada linha de seu rosto bonito, todos os planos de seu corpo esculpido, me atingiu até a alma.

Aqueles olhos azuis safira enquadrados em cílios escuros refletiam nos meus; eu estava no meu momento mais vulnerável, incapaz de me equilibrar, querendo mais distância entre nós. Como se isso pudesse quebrar a atração magnética que senti desde o momento que nossos olhos tinham se cruzado em um clube lotado. Mesmo depois de estar vestida e correr para o saguão, ele me perseguiu. Ele tinha um queixo forte com a barba cerrada e ombros poderosos que se projetava em largura, afinando mais abaixo para uma cintura perfeita. O homem era a perfeição. Colocando minha mão na barriga, fiz uma oração silenciosa para que pudesse passar por esta noite sem sucumbir ao seu charme.

Eu passei por muita coisa na vida e não podia ir por esse caminho novamente. Ele pode ter esquecido o sinal em néon em meu coração piscando FECHADO e seria o meu trabalho lembrá-lo. Não estava procurando por alguém. Nós tivemos uma noite de diversão e agora olha onde eu estava. Preciso me proteger e o médico gostoso que se dane.



Capítulo Sete

Mason

Gostaria de tê-la buscado em casa e levado ao restaurante, como um cavalheiro. Bren poderia ser a mãe do meu filho. Mas nada sobre essa situação parecia certo, nem minhas roupas, nem a forma como aconteceu e certamente não a maneira que poderia acabar. Mas talvez fosse o destino.

Olhei para o meu telefone, sabendo que ele não diria nada que meu relógio interno não soubesse.

Bren estava atrasada o que fez eu me perguntar se tinha levado um bolo.

Quando telefonei mais cedo hoje, ela parecia disposta a conversar, sem dúvida queria planejar o que aconteceria se os resultados voltassem da maneira como imaginava.

Mas, de certa forma, penso que nós dois já sabíamos as respostas. Eu estaria lá com ela, cuidando do nosso bebê, fazendo com que seu parto ocorresse da forma mais tranquila possível. Iria ajudá-la e amaria nosso filho. Não havia dúvida de que estaria presente em todos os sentidos.

O que não estava certo era como nós ficaríamos. Como iríamos conviver depois da nossa única noite de sexo quente,

apaixonado. Mesmo que meu instinto me dissesse que ela era a mulher certa, eu tinha que admitir que realmente não a conhecesse. Conhecia o seu corpo bem o suficiente, mas precisava conhecer a mulher ligada a ele.

Antes que o bebê chegasse, se ele chegar, eu queria conhecê-la. Ver se a realidade batia com a fantasia que tinha construído na minha mente sobre quem Bren poderia ser.

A mulher certa para mim.

Meu telefone tocou na mesa a minha frente. Quando vi que era Bren e li a palavra “aqui”, suspirei aliviado. Olhando em volta, a vi em pé com o sol brilhante se derramando através das portas de vidro. Acenei da mesa que solicitei perto das janelas amplas com vista para a água.

Ela sorriu parecendo nervosa, pegando sua bolsa para pendurá-la na parte de trás da cadeira antes de se instalar no assento à minha frente.

— Lugar sofisticado — disse ela.

Eu balancei a cabeça.

— Espero que não se importe. Eles têm os melhores drinks sem álcool aqui já que você, provavelmente, não está bebendo.

Ela mordeu o lábio inferior, um brilho rosa suave pintou suas bochechas.

— Obrigada. Isso foi atencioso.

Um longo silêncio se estendeu entre nós e eu olhei para a água no exato momento em que um peixe saltou e mergulhou de volta.

Eu sei como você se sente amigo. Menos de cinco minutos e já estou me debatendo.

Minha mente estava agitada, procurando as palavras certas para preencher o silêncio constrangedor. Algo que não lhe daria qualquer razão para querer fugir de mim. Bren fuçou dentro de sua grande bolsa e tirou uma pilha de papéis brancos.

— Olha, sei que isso é estranho, mas eu tive algumas ideias sobre a custódia e...

Peguei as folhas e coloquei-as de lado.

— Eu entendo o motivo de querer fazê-lo, mas vamos conversar sobre isso quando tivermos certeza, não quero ser precipitado. Tivemos um bom primeiro encontro e vamos considerar este o segundo. Eu só quero ter um bom jantar e conhecer você.

Os olhos de Bren se arregalaram com surpresa. Talvez ela pensasse que iriamos tratar esse assunto como se fosse um negócio. *Aposto que não considerou que eu não lhe permitiria construir outro muro entre nós.*

— Nós não falamos muito naquela noite, depois que deixamos o bar. —Bren murmurou, seus ombros relaxando um pouco enquanto ela se acomodava na cadeira. — Mas soa como um bom plano de qualquer maneira.

A garçonete veio e trouxe os drinques pedidos e enquanto Bren lia o menu, peguei um pão da cesta entre nós e comecei a aplicar uma quantidade generosa de manteiga.

— Então, você sabe que sou um médico.

Ela soltou uma risada.

— Isso se tornou bastante óbvio quando você entrou na sala de exame, enquanto eu tinha minhas pernas para cima.

Eu sorri surpreso com o quão quente essa risada me fez sentir por dentro.

— Sim, isso foi lamentável. — Ela tinha descoberto que eu era um médico quando tinha meus dedos dentro dela. — Mas de qualquer maneira, com o que você trabalha?

Ela olhou para mim sobre o menu.

— Você não quer me ouvir falar sobre isso.

— Por quê? Você é uma agente secreta? Se você me disser, vai ter que me matar?

Ela riu e eu peguei um flash de seus lindos dentes brancos. Aquele sorriso. Droga, poderia ser a minha morte porque eu sentia um formigamento do meu couro cabeludo até os meus dedos enquanto olhava para sua boca.

— Não, meus amigos apenas sempre se arrependem de me perguntar sobre o meu trabalho porque eu nunca paro de falar sobre isso, então estou te avisando. Desista, enquanto ainda pode.

— Eu vou me considerar avisado. Agora, o que você faz? — Perguntei de novo, ainda mais interessado agora que sabia o quão apaixonada era sobre o seu trabalho.

— Eu sou uma conservacionista no zoológico da cidade. — Ela sorriu finalmente me dando um vislumbre da Bren real. A que eu queria desesperadamente conhecer melhor. — É o melhor trabalho do mundo inteiro.

Seu entusiasmo era contagiante e eu encontrei-me sorrindo de volta para ela como um tolo. Jesus, esta mulher me deixava louco e eu adorava isso.

— Parece ser um trabalho realmente incrível. Conte-me mais.

Ela assentiu, seu cabelo caindo sobre seu rosto enquanto comia um pedaço de pão.

— Eu trabalho principalmente no recinto dos guepardos. Eles são animais fascinantes. Nós os mantemos junto com os cães, porque sozinhos eles ficam muito solitários. Então acontece a coisa mais engraçada, o cão pensa que é o alfa, ele come antes do guepardo e praticamente lidera o tempo todo. Eles se tornam melhores amigos. É incrível.

— Você está falando sério?

Ela confirmou, os olhos brilhantes. Engoli enquanto a imaginava nua embaixo de mim, olhando para mim de forma hipnótica

— Cada dupla tem a sua própria personalidade.

— Então, qual é a sua favorita?

— Cacau e Nibs. Nibs é um labrador chocolate e Cacau é seu melhor amigo. Eles nasceram no mesmo dia e fazem tudo juntos. Você nunca viu nada mais adorável em sua vida. — Ela puxou o telefone de sua bolsa e chegou perto de mim antes de pressionar o controle central e me mostrar uma foto de dois animais enquanto dormiam de conchinha, um labrador chocolate e um guepardo.

— Isso iria viralizar na Internet se você postasse. E explodiria a mente das pessoas. Cães e gatos não deveriam agir assim — disse realmente impressionado. — Isso é incrível. Por que não disse tudo isso antes?

— Como eu falei, fico muito animada com esse assunto e não quero monopolizar todas as conversas, por isso tenho que me controlar. Mas agora me conte sobre você.

A garçonete reapareceu com mais bebidas e eu tomei um gole enquanto a admirava. Queria saber mais sobre a sua rotina e quais animais ela mais gostava, mas não queria pressioná-la.

— Vamos ver. Não há muito para saber. Eu sou médico e vivi na cidade a minha vida toda. Meus pais moram aqui também.

— Verdade? — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Deve ser legal morar perto de seus pais. Minha mãe está sempre dizendo o quanto sente saudade de mim.

— Bem, honestamente, não tive muita escolha. Eu ia me mudar para outra cidade quando começasse a faculdade,

mas minha mãe ficou muito doente e senti que precisava ficar por perto.

Seus lábios cheios dobraram em uma carranca.

— Eu sinto muito. Isso é horrível. Você se importa se perguntar o que aconteceu?

Balancei a cabeça.

— Câncer de ovário. Eles tinham certeza que ela iria... Bem, você sabe. — Bati na mesa de madeira, uma onda de emoção fazendo meu estômago virar do avesso, como sempre acontecia quando pensava o quão perto nós estivemos de perdê-la. — Mas ela está bem agora. Meu pai cuidou dela e fez com que fosse a todos os melhores médicos. Nunca existiu um médico tão dedicado a alguém que não fosse seu paciente.

— Seu pai é médico, também?

— Sim — tomei um gole da minha bebida, preocupado que pudesse parecer o tipo de pessoa que não podia pensar por si mesmo. Eu sempre soube que iria seguir os passos de meu pai. Mas um trabalho como o de Bren? Era pura paixão e isso ecoava através de cada palavra e gesto seu. — O consultório é da minha família, na verdade. Eu fiz o meu estágio lá e residência no hospital local e depois, quando meu pai estava pronto para se aposentar, assumi o controle, assim como ele fez com o seu pai.

— Uau. Isso é um legado incrível. — Ela sorriu, mas de repente uma nota de tensão tomou conta do espaço entre nós. Como se ela soubesse o que tinha pensado.

Limpei a garganta.

— Isso foi mais casualidade do que qualquer coisa. Aconteceu de todos nós termos satisfação no tratamento de pacientes.

— Eu entendo isso — disse ela, balançando a cabeça. — Vejo os veterinários que cuidam dos bebês ou os animais doentes e é uma profissão muito — ela parou por um momento antes de dizer — nobre.

— Obrigado. — Uma pequena onda de calor passou por mim quando um sorriso iluminou seu rosto. Olhei para longe, tentando tirar da minha cabeça a memória dela se contorcendo debaixo de mim.

Não podia pensar nisso agora. Este encontro era para conhecer um ao outro da maneira que deveria ter acontecido na primeira noite.

Mas não conseguia tirar a tentação do meu ombro, que insistia que só porque nós começamos essa noite diferente, não significava que não poderia terminar da mesma maneira. Eu entre aquelas coxas de seda, entrando na sua boceta apertada e ela gritando o meu nome.

Tossi e me ajeitei na minha cadeira para aliviar a pressão repentina em baixo do meu zíper.

— Precisamos decidir o jantar. — Disse com um sorriso antes que estragasse a noite pedindo outra coisa a Bren Matthews.



Capítulo Oito

Bren

Eu nunca quis tanto um copo de vinho em toda a minha vida.

Ou talvez uma dose de tequila. Ou qualquer outra coisa para me tirar dessa montanha-russa constante ou para me fazer menos propensa a me esconder debaixo da mesa até que ele finalmente desistisse e fosse embora.

Engolindo em seco, me forcei a lembrar do que ele acabou de me perguntar, mas fui salva quando a garçonete parou em nossa mesa para anotar nosso pedido.

— Uh, eu quero a salada com maçã, bacon e gorgonzola. Parece bom. Não que eu tenha desejo de maçãs ou algo parecido.

Ele assentiu.

— Parece bom mesmo. Carne para mim, por favor.

Mason não se importou com a minha loucura exatamente como fez antes. Ele era perfeito.

Esse cara não só abalou completamente meu mundo na cama, mas agora estava me contando sobre seus estreitos laços familiares e como ficou na cidade para cuidar de sua

mãe doente. O que ele diria a seguir? Que seria canonizado depois de realizar seu próximo milagre?

— Em que você está pensando? — Sua voz profunda rompeu os meus pensamentos e olhei para ele, me sentindo desconfortável, como se seus olhos azuis claros pudessem ver através de mim.

— O que?

— Você está com uma expressão estranha em seu rosto. Eu só estava me perguntando o porquê. O que está passando na sua cabeça?

— Oh, uh — Limpei a garganta — é bobagem.

— Algo sobre os animais?

— Não. — Droga. Por que não disse que sim? Essa teria sido a saída perfeita.

— Então o quê? — Ele riu.

Olhei em volta e dei um suspiro.

— Isso vai parecer estúpido.

— Eu duvido.

— Bem, se você quer saber, eu estava imaginando o motivo de você ainda estar solteiro.

Ele ergueu as sobrancelhas e continuei o meu pensamento.

— Quero dizer, você é bonito e um médico bem-sucedido. Deve ter mulheres caindo aos seus pés, além das que frequentam o seu consultório.

— Namorar uma paciente não é uma opção — disse ele. — É pouco profissional, para não mencionar antiético.

— Ok, tudo bem. Mesmo assim você deve ter mulheres bajulando você o tempo todo, ainda mais com essas histórias sobre trazer bebês ao mundo e cuidar de sua mãe doente e tal. Então qual é o seu problema?

— Qual é o problema? — Ele repetiu, as sobrancelhas levantando um pouco me provocando. Por que eu não conseguia ficar indiferente enquanto falava com ele? Já estava cansada dessa Bren gaguejante.

— Sim. Por que você ainda não casou? Você tem o que, trinta anos?

Ele limpou a garganta novamente.

— Trinta e dois.

Era absurdo, a menos que ele fosse casado e não havia me contado sobre isso. Brinquei com meu garfo tentando agir indiferente enquanto esperava sua resposta.

Ele esfregou sua mandíbula perfeitamente esculpida.

— Bem, eu saio muito.

— Isso ainda não explica por que você é solteiro.

Ele me olhou e depois tomou um gole de sua bebida.

— Olha, vou te dizer a verdade, mas vou soar como um tolo.

— Parece justo neste momento, considerando o que passei em sua mesa de exame. — Disparo de volta.

— Você me pegou. — Ele inclinou a cabeça em um aceno de cabeça cortada. — A razão pela qual continuo solteiro é que estou procurando mais do que apenas sexo e companheirismo. — Seu olhar intenso me queimou quando ele se inclinou para frente e eu mal reprimi um estremecimento. — Vai soar brega, mas o fato é, eu quero uma alma gêmea. Alguém que não só me ame, mas me compreenda no meu nível mais profundo, entende? Que me aceite por quem eu sou, falhas e tudo. Depois de assistir meus pais toda a minha vida, especialmente após a doença da minha mãe, eu apenas acho que a vida é muito curta para desperdiçá-la com menos do que isso.

Um nó atou na minha garganta.

A vida era muito curta.

Pensei em meus pais, durante e após a doença que os separou para sempre. Talvez Mason pensasse assim porque ele não viu o outro lado dessa luta, a devastação quando ela finalmente termina e não há vencedores.

Eu não tinha certeza se os meus pais foram almas gêmeas, mas eles se amavam. E agora minha mãe estava sozinha e desolada, tão deprimida que mal podia funcionar sem meu pai por perto para ajudá-la.

Então, sim, a vida era muito curta para se jogar de cabeça por alguém e, em seguida, acabar totalmente destruído quando essa pessoa desaparecesse de sua vida.

Mas eu não queria falar disso, especialmente com ele, não agora. Ele já sabia mais de mim do que tinha a intenção

de compartilhar. Era hora de frear um pouco e voltar para um terreno mais sólido. Se puder controlar essa situação, vou me sentir melhor.

Ele falou sobre suas partes favoritas do seu trabalho e rimos sobre programas de TV e livros que gostávamos, mas no fundo da minha mente ainda estava repetindo o que ele disse.

Ele queria uma alma gêmea. Alguém que conhecesse seu eu mais profundo. Sinto muito, mas isso me assustou para cacete.

Eu não podia negar que senti alguma coisa na noite em que estávamos juntos, mas foi algo animalesco, necessidade pura e gananciosa. Foi por isso que sai correndo de sua casa naquele dia.

Quais eram as chances de que um ficante aleatório de uma noite pudesse potencialmente engravidar sua alma gêmea? A única pessoa que ele estava esperando?

Provavelmente zero. Além disso, um cara como ele iria ficar ao meu lado, tentar fazer as coisas funcionarem, mesmo que eu não fosse sua alma gêmea. Estabelecer-se não era uma opção. Não para ele e com certeza não para mim.

Ele era bom partido e romântico, tudo em uma só pessoa e não havia como eu lidar com isso. Não poderia lhe dar o que queria. E mesmo se pudesse, não tinha certeza se gostaria.

Essa ideia fez meu estômago embrulhar e antes que percebesse, estávamos embrulhando o resto da minha salada

e indo através das portas de vidro do restaurante em direção ao estacionamento. Ele me seguiu até meu carro, o laranja e o rosa do céu contrastando com o sedan branco. Quando cheguei do lado do motorista, ele parou para me enfrentar.

— Então, qual é o veredicto, Bren? Você está bem?

Eu sabia que ele não estava se referindo ao mal-estar que tinha mencionado. Ele estava falando sobre a nosso verdadeiro primeiro encontro, ele estava perguntando como eu me sentia sobre nós. A verdade é que realmente não sabia. Ele era bonito, inteligente, gentil e incrível na cama. Mas não o conheço de verdade e este bebê iria acelerar as coisas a um ritmo pouco natural, o que me aterrorizava.

— Foi um jantar agradável. Obrigada por isso.

— Certo. Vou arriscar e tomar isso como um convite para sairmos novamente.

Ele se inclinou e meu corpo congelou. Eu sabia que deveria me afastar, não inspirar seu cheiro picante e adocicado, mas seus olhos estavam trancados com os meus e me aproximei, deixando minha boca tocar suavemente seu lábio inferior macio.

Sua língua não veio me cumprimentar. Ao invés disso o beijo foi suave e doce, mas a sensação de sua pele na minha enviou uma energia através de mim, junto com uma onda de memórias de tudo que a sua boca poderia fazer, tudo o que já tinha feito. Tudo o que eu queria fazer novamente.

Mas quando comecei a amolecer, ele se afastou.

— Boa noite. — Ele disse, enquanto abriu a porta do carro para mim.

Assisti ele subir em seu próprio carro em total torpor, minha mente girando. Jesus, ele era como uma droga. Um gosto e eu precisava de mais.

Tive que me controlar. Segurando o volante de couro, fechei os olhos. O beijo foi um erro. Este encontro inteiro foi um erro. Jesus, por que a melhor noite da minha vida tinha que se transformar em meu maior arrependimento?

Mas eu ficaria bem. Estava indo embora sabendo de uma coisa: este cara, independentemente de suas intenções românticas, seria um grande pai. Isso era mais do que poderia ter esperado após uma única noite. Este bebê, se realmente houvesse um, teria sorte de tê-lo. Isso era no que eu precisava me concentrar.

Dirigi no piloto automático repassando o encontro em minha mente até que finalmente cheguei em casa e fui para a cama. Amanhã será um novo dia e prometi que seria livre de quaisquer pensamentos persistentes sobre Mason Bentley.

Queríamos coisas diferentes na vida. Até que descobrisse se estava realmente grávida, teríamos que manter contato. Mas eu precisava reforçar as minhas defesas emocionais e físicas.

Algo me disse que ia precisar delas.

E muito.



Capítulo Nove

Mason

— Como é que sempre me encontro de pé na sua frente, fazendo a mesma pergunta? — Trent entrou no meu escritório sem aviso prévio, quase prendendo o seu jaleco quando a porta se fechou atrás dele.

Pousei o meu sanduíche na minha mesa e olhei para ele.

— E que pergunta é essa?

— Que porra, cara? — Trent levantou a prancheta na mão, em seguida, deixou-a cair para baixo na frente de mim.

— O que?

Eu olho para o gráfico.

— Sra. Ramirez. Você preencheu sua papelada toda errada. Na verdade, tudo o que você tocou esta manhã estava errado de uma forma ou de outra e as enfermeiras estão culpando sua assistente e sua assistente está culpando as enfermeiras. O que está acontecendo?

Passei a mão no meu rosto.

— Merda. OK. Eu vou olhar os arquivos e corrigir tudo. Sinto muito. Estou apenas um pouco distraído hoje, isso é tudo.

— Sério mesmo? Você perguntou a Jean sete vezes hoje se os relatórios do hematologista já chegaram. Você acha que alguém tem leucemia ou algo assim?

— Não, não é isso. — Soltei um suspiro, depois empurrei meu sanduíche para longe antes de apontar para a cadeira em frente à minha mesa.

— Você se lembra da menina que eu estava procurando? Bren? A que...

— Escapou do seu apartamento como se você estivesse mantendo-a como refém? Sim, eu me lembro. Você a localizou, mas não sabe o que dizer?

— Oh, eu falei com ela. Ontem, quando ela veio aqui para ver se estava grávida.

O maxilar de Trent travou.

— Você está de brincadeira?

— Oh, eu gostaria que fosse o caso, porque foi estranho para caralho. Mas definitivamente aconteceu.

— E você está me dizendo isso agora? — Trent exigiu, me encarando como se sentisse traído.

— Não há nada para dizer com certeza, ainda. — Raciocinei, relaxando e esticando as pernas na minha frente.

— Quando não conseguia encontrá-la depois de uma única noite juntos, você declarou situação de emergência, se

enclausurou em seu apartamento como um idiota. Agora que ela pode estar grávida você decidiu que não valia a pena mencionar? — Sua voz pulou uma oitava, enquanto olhava para mim, incrédulo.

— Quando você diz isso em voz alta, soa estúpido — admiti com um meio sorriso.

— Então, você está esperando para ver... — Trent começou.

Eu balancei a cabeça, terminando a frase para ele

—... Para ver seus resultados de sangue e descobrir se ela está grávida.

— E então, o que você vai fazer? — Trent recostou-se na cadeira e cruzou as mãos no colo. — Você parece muito tranquilo com essa coisa toda.

— Só há uma coisa a se fazer. Se ela estiver grávida, vou cuidar do bebê e descobrir como ser um bom pai.

— Obviamente. Mas e com relação a ela? — Trent pressionou.

Inclinei minha cabeça para trás, olhando para o teto de azulejos por um longo momento antes de responder.

— Esse é o ponto. Eu gosto dela...

— Lembro bem.

— Quero dizer, eu realmente gosto dela. Fomos a uma espécie de encontro improvisado na noite passada e me impressionei com quem ela é como pessoa. Quero conhecê-la mais, mas com essa coisa do bebê entre nós não tenho

certeza de como ela realmente se sente sobre mim, isso torna as coisas muito mais complicadas.

— Bem, a gravidez poderia forçá-la a fazer dar certo. — Trent deu de ombros.

— Exatamente por isso que queria conhecê-la melhor antes de descobrir sobre a gravidez. Não há nenhuma maneira de saber os nossos sentimentos reais. Uma vez que os resultados dos testes saírem, nós nunca vamos saber se uma relação natural poderia ter se desenvolvido entre nós. Nós sempre vamos nos perguntar se estávamos apenas tentando fazer as coisas funcionarem pelo bebê.

— Eu não entendo o que há de tão errado com isso — disse Trent. — Nós sempre vemos um monte de casais que estão tentando dar certo devido a uma gravidez.

— Eu sei disso. É só que se não soubermos os resultados, nós poderíamos nos encontrar como pessoas normais e ver se havia uma chance real de dar certo. Se não, sem ressentimentos.

— Então você quer saber se o sentimento é real, com ou sem um bebê. — Trent assentiu. — É só não ver os resultados. Simples assim.

— Você está brincando? — Disse com uma risada áspera.

— Não. O que você tem a perder? Ela quer ficar com o bebê de qualquer maneira, certo? Então, qual a diferença em esperar um pouco mais?

Eu pensei sobre a pilha de papéis de custódia que ela me entregou na sexta-feira noite.

— Sim, ela quer.

— Que diferença faz, então? É só colocar os resultados em um envelope e o abrir daqui a um mês.

— Mas e se a gravidez for ectópica ou tiver algum problema?

— Eu posso verificar os resultados e fazer as coisas como se deve — disse Trent. — Agora, eu vim aqui para dizer que o hematologista já deixou na recepção os testes desta semana. O que você quer que eu faça?

Meu estômago se apertou em um nó. Poderia viver sem saber sobre o bebê por um mês inteiro? Se isso significava que tenho uma chance de desenvolver um relacionamento real com Bren, então a escolha era fácil. Para mim, pelo menos. Eu só esperava que ela concordasse com essa situação.

— Eu acho que pode ser uma boa ideia.

— OK. Eu vou cuidar de tudo. — Ele empurrou-se do seu assento e saiu do escritório enquanto eu olhava para o meu meio comido sanduíche, a fome inexistente.

Poderíamos realmente fazer isso? Apesar de estar realmente ansioso, Bren merecia ser a primeira a saber.

Em questão de minutos, Trent retornou com um envelope sem identificação selado na mão.

Ele se sentou na minha mesa em cima da prancheta com todos os documentos que tinha que arrumar. Eu me perguntava se ele fez isso de propósito.

— Aqui está — disse ele, num tom totalmente calmo.

Analisei seu rosto, mas ele parecia impassível como sempre.

— O quê? — Perguntei.

Trent balançou a cabeça.

— Eu pedi para não me falarem o resultado a menos que houvesse uma gravidez e um problema em potencial. Apenas uma pessoa neste escritório sabe a verdade e não vou dizer quem é.

— Certo. — Assenti, impressionado.

— Agora, você provavelmente deve ligar para a sua menina. Imagino que vocês têm uma conversa pela frente.

Trent saiu da sala novamente e eu olhei para o meu telefone antes de retirar o formulário de admissão de Bren e discar o número. O telefone mal teve a chance de tocar antes de sua voz clara, nítida soar do outro lado.

— Alô? — Ela disse, com sua voz doce como mel.

— Hey — comecei — É o Mason.

— Oh, hey. — Uma faísca nervosa deixando sua voz elevada. — Você tem os resultados do teste?

— Eu tenho e está tudo bem, mas acho que nós deveríamos falar sobre isso pessoalmente. Existe alguma

chance de você me encontrar no meu escritório esta tarde quando sair do trabalho?

— É meu dia de folga — disse ela. — Que horário seria melhor para você?

Olhei para o relógio. Ainda era uma hora da tarde, longe do horário de ir para casa. Mas, Trent me devia um favor ou dois.

— Meu parceiro vai cobrir minhas consultas esta tarde. Você poderia vir agora?

— Claro. Você tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho certeza. Eu só acho que seria melhor falarmos pessoalmente.

Ela concordou e desligou. Forcei-me a respirar fundo para focar no trabalho a seguir. Em uma nota rápida para a minha assistente, pedi-lhe para arrumar minha agenda. Então cuidei dos registros de admissão dos pacientes que arruinei mais cedo naquele dia.

Olhei para o relógio a cada minuto, à espera do sinal acústico que avisasse que Bren finalmente chegou. Após dez longos minutos, porém, ele finalmente soou.

— Deixe-a entrar — disse a minha assistente, me sentando reto na minha cadeira enquanto esperava Bren aparecer no corredor. Quando ela chegou, tive que morder minha língua para não dar um enorme sorriso ao vê-la.

Parecia que todo o oxigênio fora sugado da sala. Usando shorts desbotados e uma blusa azul, ela estava deslumbrante. Seu cabelo estava solto e ondulado e seus olhos cinzentos contrastavam com sua pele mais pálida do que o habitual.

— Por favor, sente-se. — Fiz um gesto para a cadeira que Trent ocupou e ela se sentou rigidamente, sua bolsa ainda em seu ombro. Verifiquei novamente para garantir que a porta estivesse fechada, então peguei o envelope contendo nosso destino combinado e entreguei a ela.

— O que é isso? — Ela perguntou, tentando abrir o lacre.

— Espere — disse, levantando a mão. — Eu tenho uma proposta para você. Quando eu terminar você poderá abri-lo se desejar, tudo bem?



Capítulo Dez

Bren

Dois minutos depois que ele terminou seu pequeno discurso e eu ainda estava piscando para ele em silêncio, atordoada.

— Deixe-me ver se entendi — disse, finalmente recuperando a voz. — Você quer esperar até que eu esteja com quase dois meses de gravidez para saber se estou grávida de verdade?

Parecia absurdo, ridículo mesmo. Devia ter entendido alguma coisa errada.

Mas não, ele ficou lá com aqueles olhos azuis claros olhando para mim, como se esta fosse a solução mais óbvia no planeta.

— Pensei muito sobre isso e acho que este é o único caminho. — Ele assentiu. — Assim saberemos definitivamente se existe algo entre nós que não tenha nada a ver com este bebê em potencial e eu acho que há.

— Certo. — Respirei fundo e olhei para o envelope. — Eu entendo o seu ponto, só não vejo por que isso importa. Porque, independente da situação, se nos dermos

bem e tudo for ótimo ou não, teremos sete meses ao invés de oito para descobrir como vamos fazer para criar um bebê.

E as duas opções eram terríveis para mim.

Afinal, não queria ver onde isso nos levaria. Já não havia provado isso quando fugi de sua casa naquela noite? E também quando ele me perguntou no jantar?

Ele era um cara legal, romântico. Um médico bem-sucedido e sexy, com um coração de ouro e mãos mágicas.

Era exatamente o tipo de cara com quem qualquer garota sonharia. Se a garota em questão quisesse se apaixonar, o que eu, definitivamente, não queria.

— Eu só não acho que devemos nos acomodar com essa situação — disse ele. — Se tivermos um bebê, vamos tentar ficar juntos pelo bem da criança e não pelos motivos certos.

— Ou poderíamos nunca tentar e ser desses casais separados que se entendem muito bem — retruquei, esperando que ele concordasse, mas também que discordasse totalmente do meu argumento.

Ele bateu os dedos sobre a mesa, antes de olhar diretamente nos meus olhos.

— Você realmente acha que isso é uma opção? Nós vamos passar anos sendo pais e participando da vida de nosso bebê juntos, sem saber o que é estar um com o outro de novo, depois de tudo o que aconteceu naquela noite. Realmente acha que nunca teríamos um momento de

fraqueza? Talvez você possa, mas sei que eu, com certeza, não conseguiria.

Seu olhar queimou através de mim e novamente me lembrei do calor do seu corpo contra a minha pele, seu peso enquanto se movia em cima de mim, me enchendo com tanto prazer que senti como se pudesse explodir.

Engoli em seco, tentando esquecer aquele desejo persistente.

— A atração não é algo que eu possa negar — admiti.

— Portanto, esta é a única maneira. O caminho certo. Vamos ver onde ele vai dar.

— Mas se nós tivermos um bebê a caminho, há coisas que precisamos discutir. Desistir de um mês inteiro e fingir que isso não está acontecendo.

— Se é tão importante para você ter um plano em conjunto, vamos para algum lugar e falamos sobre isso. Você e eu. Uma vez que tudo for ajustado, nós vamos ser capazes de continuar com o plano pelo resto do mês. A menos que você não queria ficar com o bebê.

Automaticamente a minha mão se moveu para a minha barriga e considerei o que ele disse. As palavras eram livres de dor ou julgamento e eu sabia que ele estava permitindo que fosse minha decisão, mas a escolha já fora feita. Na verdade, em nenhum momento cogitei essa possibilidade.

— Eu vou ficar com ele — disse. — Se existir um bebê.

Ele assentiu.

— Se existir um bebê.

Ele estendeu a mão para o envelope e o enfiou no bolso. Passando por mim, retirou seu jaleco e o pendurou nos ganchos atrás da porta. Pegou sua jaqueta de couro que estava pendurada, a vestiu e, em seguida, estendeu a mão para mim novamente.

— Agora vamos. Não podemos perder mais tempo.

Eu o segui e juntos andamos através do escritório até a rua, onde uma linha simpática de lojas nos cumprimentou.

— Você gosta de sorvete? — Perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Ótimo. Há um lugar muito bom aqui perto. — Ele apontou para uma pequena loja com um toldo rosa. Nós nos aproximamos e ele segurou a porta aberta para mim.

Entrei e olhei para a parede de opções, momentaneamente sobrecarregada.

—Você pode escolher mais de um sabor. — Disse.

Ele me entregou uma taça com quatro divisórias e fui colocando os sabores de pistache, coco, chocolate e caramelo. Quando terminei, o encontrei no buffet de coberturas e percebi uma camada generosa de calda de chocolate coberta com jujubas de framboesa em uma enorme taça de sorvete de chocolate.

— Você gosta de chocolate, hein? — Perguntei.

Ele concordou com a cabeça, mordeu um brownie como se nunca tivesse visto nada tão delicioso antes em sua vida.

— Com certeza.

Cobri com chantilly cada um dos sabores do meu sorvete e segui para a balança sob o olhar amigável da moça do caixa.

— Eu pago — Mason disse. — Apenas me dê um minuto.

Ele parou na frente do recipiente de chocolate quente e serviu uma dose nada saudável em cima do que parecia ser uma sobremesa de duas mil calorias.

Se estivesse preocupada em ter que ser super saudável em torno dele só porque ele era um médico, suas ações varreram essa teoria fora da minha cabeça. Nós estávamos sendo nós mesmos e isso me fez sorrir.

Quando olhei para cima, vi a moça do caixa olhando-o como se quisesse devorá-lo e uma onda de ciúme correu através de mim antes que pudesse me segurar.

— Tudo pronto — disse ele, pegando o dinheiro para pagar por nossas guloseimas antes de ir em direção as mesinhas brancas na frente da loja.

Peguei uma colher e fui me juntar a ele na mesa.

— Ok, então, voltando ao assunto. — Ele tomou uma colherada do que parecia ser chocolate puro, depois disse: — Você quer falar sobre o bebê. Vamos resolver tudo para que não precise se preocupar com isso por pelo menos um mês.

— Bem, parece bastante complexo. — Brinquei com o meu sorvete de pistache. — Vou ter de aprender muito. Eu

sou filha única e não tenho muita experiência com bebês. Vou precisar considerar alguns cursos para gestantes e tal.

— Eu posso te ensinar tudo o que você precisa saber. — Ele deu de ombros. — Sei tudo sobre bebês. Quando o leite chega, os benefícios e malefícios do aleitamento materno, tudo isso. Conheço cada fase da gravidez de trás para frente.

— Certo. — Eu inclinei minha boca para o lado. — Mas e se algo estiver errado?

— Eu tenho um amigo que vai cuidar de você só para estarmos seguros.

Respirei fundo. Ok, isso fazia sentido.

— E o que acontece com as outras coisas, as emocionantes?

— Como o quê?

Dei de ombros.

— Eu não sei. Escolher um nome, cores para o quarto do bebê. Não vou conseguir fazer nada disso sozinha. Além disso, e se você quiser que o bebê tenha o seu nome e eu quiser um diferente?

— Algo errado com o nome Mason? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não, mas tinha um nome diferente em mente.

— Qual?

— Se for um menino, é realmente importante para mim chamá-lo de Jacob. — Era o nome do meu pai, o nome que meus pais me teriam dado se tivesse sido um menino. O nome que meu irmão poderia ter tido se meu pai tivesse vivido o suficiente para ter outro filho.

— O que há de tão especial em Jacob? — Ele perguntou.

Era a oportunidade perfeita para explicar por que não queria um relacionamento amoroso. Mas não estava pronta para falar sobre tudo, pelo menos não ainda. Eu não podia abrir meu coração assim, especialmente a alguém que ainda era relativamente um desconhecido.

— É um nome de família. — Disse simplesmente.

Ele assentiu.

— Será Jacob, então. Problema resolvido.

Mordi meu lábio inferior.

— Eu escolhi o nome do menino. Parece justo você escolher o nome para uma menina.

— Isso é fácil. Gwen.

— Gwen? — Perguntei. Não me incomodei com o nome. Na verdade, era fofo.

Ele balançou a cabeça novamente.

— É o nome da minha mãe. Ela ficaria honrada.

— Resolvido então. Gwen ou Jacob. — Remexi minha colher no sorvete, tentando ignorar a sensação completamente esmagadora que, agora que o bebê tinha um

nome, tudo parecia real demais. O que, naturalmente, poderia não ser.

Mas então…

Se fosse, não deveria dar uma chance ao pai do meu filho ou filha? Poderia me destruir no processo, mas todos os pais não fazem enormes sacrifícios por seus filhos?

— Ok — disse. — Nós vamos fazer do seu jeito. Mas você fica com o envelope. Se eu ficar, vou olhar. Eu não posso viver com a tentação.

Ele me deu um aceno solene, mas o envelope era apenas metade da tentação. Agora que me decidi, a temporada de caça estava aberta, pelo menos por enquanto, para o bom Dr. Bentley.

E o pensamento me excitava quase tanto quanto me aterrorizava.



Capítulo Onze

Bren

Sua língua quente lambeu meu mamilo, causando outro gemido dentro da minha garganta.

— Pare de me provocar — gemi.

Uma risada quente e masculina vibrou contra minha coxa desta vez.

— Você é mandona — ele murmurou. — Eu quero aproveitar meu tempo com você.

Sua língua quente encontrou o local sensível entre as minhas coxas e qualquer outro argumento morreu em meus lábios.

Cavando meus dedos em seu cabelo, puxei um pouco, amando a sensação que essa posição proporcionava.

Um caso de uma só noite não deveria ser assim, certo? Era como se alguém tivesse projetado este homem só para mim. Ele levou o seu tempo caçando cada ponto secreto que me fez tremer e depois permaneceu lá até que estava desesperada e tremendo de necessidade.

— Mais um — ele sussurrou, seu queixo esfregando entre as minhas coxas da forma mais perturbadora e

deliciosa. — Goze mais uma vez para mim e vou te dar o que você quer.

— Então vamos logo com isso. — Levantei meus quadris, levantando meu centro quente e molhado direto para sua boca.

Ele riu novamente antes de mergulhar com gosto. Sua língua poderia bater recordes olímpicos de tão hábil e rapidamente ele me levou à loucura.

— Mason! — Gritei seu nome, já quase alcançando o ápice pela terceira vez desde que caí em sua cama.

Ele pôs-se de joelhos, os dedos longos substituindo sua boca, acariciando em círculos lentos. Continuou me mantendo no limite, enquanto rapidamente cobriu-se com um preservativo.

— Eu quero sentir você gozar desta vez — disse ele em um gemido quando entrou em mim. Meu corpo se apertou em torno dele, a invasão intensa, mas extremamente bem-vinda.

Seu comprimento grosso me espetou e senti todo o meu corpo apertar. Ele aprofundou e eu gritei.

— Bem assim — disse. — Continue desse jeito.

— Você é tão perfeita. Agora goze para mim. — Ele suspirou.

Abri os olhos.

Não, não, não!

Eu gemi de frustração.

Sentei-me na cama, sozinha e coberta por um brilho fino de suor, meu coração batendo acelerado e minha calcinha encharcada.

O melhor sexo da minha vida e era apenas um sonho.

Puta merda. Acabei de ter a fantasia mais realista sobre Mason e alguns dos nossos momentos juntos.

Virando de lado, soquei meu travesseiro me perguntando como poderia voltar a dormir agora.



— Posso lhe fazer uma pergunta? — Olhei para Mandy sobre a máscara cirúrgica que usava, abafando minha voz.

Ela estava desinfetando um corte na parte interna da perna de uma preguiça. Coitadinho.

— Claro. Qualquer coisa, você sabe disso. — Seus olhos encararam os meus através de seus óculos.

Respirei fundo para me acalmar.

— Diga-me mais sobre o crescimento de um ser humano dentro de você.

Mandy descartou a gaze que estava usando e pegou uma garrafa de desinfetante.

— Você vai ter que ser um pouco mais específica do que isso. O que quer saber?

— Eu tive um sonho ontem à noite. Foi tão real.

— Sim, lembro-me de ter alguns sonhos loucos. — Mandy assentiu. — Sobre o que foi o seu?

Olhei para baixo, para o Sr. Pokey, enquanto acariciava sua pele suavemente, um sorriso curvando meus lábios.

— Bem, este não foi um sonho comum, foi mais como uma lembrança da minha noite com Mason.

Mandy largou suas ferramentas, seus olhos encontrando os meus.

— Meu Deus!

— O que? — seu olhar intenso me deu arrepios.

Ela respirou fundo e afastou-se do nosso paciente, removendo suas luvas de borracha e jogando no lixo.

— Eu quase não quero dizer isso, mas quando estava grávida minha libido ficou fora de controle. Estava tão excitada. O tempo todo. Pobre Todd. Estava com uma barriga grande, então o sexo era estranho, mas isso não me impediu de implorar a ele para me comer por trás. — Ela riu, lembrando-se claramente de algo que eu não queria saber.

Com essa nova informação, minha boca fechou-se em uma carranca. Nada do que ela estava me dizendo me deixava mais calma sobre a minha situação. Imaginei que minhas chances de estar grávida eram meio a meio, mas cada vez que Mandy falava, era como descobrir um novo sintoma assustador.

Com esta nova informação, minhas chances de não saltar no colo de Mason a próxima vez que o vir eram praticamente nulas.

Eu estava ferrada.



Capítulo Doze

Mason

— Quase acabando— falei assim que alguém bateu na minha porta.

Minha assistente sempre ficava nervosa neste momento do dia, não que eu pudesse culpá-la. Por direito, ela deveria ter ido embora uma hora atrás.

A porta se abriu e olhei para cima para encontrar Trent de pé na porta, um frasco de comprimidos em sua mão.

— Está tudo bem? Algo errado? — Minha frequência cardíaca alternou, mas Trent abanou a cabeça.

— Apenas algumas vitaminas pré-natais. Só para garantir. — Ele balançou o frasco e o colocou em minha mesa. — Você vai vê-la em breve?

— Estava pensando em parar no zoológico no caminho de casa, então posso levar os comprimidos comigo.

— O zoológico? — Trent ergueu as sobrancelhas.

— Ela é conservacionista lá. Trabalha com animais em extinção.

— Vocês nerds sabem como encontrar um ao outro.

— Você é um nerd também, cara. — Apontei.

— Isso não significa que eu goste que minhas mulheres sejam inteligentes.

— Tenho certeza que seu único requisito para um encontro é que ela tenha uma vagina e um coração batendo.

— Isso é negociável. Não me importo com um pouco de trabalho extra. — Trent piscou e deixei escapar uma risadinha.

— Bem, estou feliz em saber disso agora. — Coloquei o papel em que estava trabalhando em minha caixa de saída e troquei meu jaleco pela minha jaqueta de couro. — Vamos embora logo.

Juntos, caminhamos pelo corredor acarpetado até descobrir que o resto dos enfermeiros e auxiliares já tinham ido embora.

— Acho que todos eles tinham lugares para ir — disse enquanto trancava tudo.

— Numa sexta-feira à noite? Não brinca. — Disse Trent.

— Idiota. Na verdade, estou chocado que você não está a caminho de encontro.

— De jeito nenhum. Tenho medo de acabar como você.

— Bonito e bem-sucedido? — Perguntei.

— Amarrado no trem da paternidade, meu amigo. Não, obrigado. Mal posso esperar até que criem uma pílula para os homens. Não existem preservativos suficientes no mundo para me fazer sentir seguro depois de tudo isso.

Revirei os olhos.

— Não sabemos ao certo sobre o bebê. E não estou indo para uma guerra.

— Ah, você está sim. Isso tudo é um campo de minas terrestres e armadilhas, meu amigo. Desejo-lhe a melhor sorte com a sua situação, mas não trocaria de vida com você nem por todo o dinheiro do mundo — ele murmurou, inclinando um chapéu imaginário em minha direção.

Chegamos ao estacionamento e nos despedimos. Fiz o caminho para o zoológico, pensando sobre as palavras de Trent. Na verdade, nunca vi a paternidade como um obstáculo ou uma maldição como muitos dos meus amigos. Para mim, era como um presente. Algo que me alegrava, desde que compartilhado com a pessoa certa.

Mais uma vez pensei no envelope na gaveta da mesa de cabeceira. Na noite anterior, o segurei em minhas mãos, olhando para ele por pelo menos uma hora, enquanto pensava sobre o meu encontro com Bren na sorveteria. Ela era engraçada, inteligente e bonita.

Tudo que gostaria que meu filho fosse.

Mas ela ainda era, de muitas maneiras, uma estranha.

E isso precisava ser corrigido.

Estacionei na primeira fileira do estacionamento do jardim zoológico e me dirigi à bilheteria.

— Estou procurando Bren Matthews.

O homem magro atrás do balcão acenou com a cabeça e imprimiu um tíquete.

— Vinte dólares, por favor.

Chequei na minha carteira e tirei o dinheiro colocando no balcão e esperando a minha pulseira. O homem entregou-me com um sorriso largo e eu assenti.

— Obrigado.

— Aproveite a sua visita.

Passei por outro conjunto de portas e olhei para o lugar, tentando lembrar o que Bren me disse sobre o seu dia. Embora pensando sobre isso agora, percebi que ela não me disse quase nada.

Não, ela mencionou apenas os guepardos, o que significava que eu tinha apenas um lugar para olhar.

Quando cheguei à jaula havia um homem do lado de fora escrevendo em uma prancheta enquanto inspecionava os animais. Ele era alto, bonito de rosto com cabelo loiro penteado para trás e um queixo quadrado. Quase como um vilão de qualquer filme dos anos 80.

— Com licença — disse. — Você sabe onde eu posso encontrar Bren Matthews?

O homem olhou para o relógio, depois assentiu.

— Carlisle entrou na enfermaria cerca de vinte minutos atrás. Aposto que ela está lá.

Eu fiz uma careta, não sei o que Carlisle tinha a ver com a história ou quem ele era, mas balancei a cabeça e dei-lhe o meu agradecimento antes de seguir os sinais que levavam a enfermaria.

Quando cheguei lá, encontrei um túnel de folhas e uma placa grande, pintada à mão anunciando os mais novos bebês no zoo, Nancy a coala, Ferdinand o marsupial, Henry o bebê orangotango e Daisy a bebê gorila.

Entrei no pequeno espaço e avistei Bren imediatamente. Aninhado em seus braços estava um bebê porco. Bren o alimentava com uma mamadeira com a expressão mais suave no rosto, balançando a cabeça enquanto o homem ao lado dela falava.

Esse cara, também era loiro e bonito, embora mais baixo e bronzeado do que o que tinha acabado de conhecer.

— O carro é super veloz— ele dizia. — Você precisa sair comigo e experimentá-lo um pouco. Vou deixá-la dirigir.

Bren balançou a cabeça, os lábios curvados em um sorriso.

— Talvez algum dia.

Eu levantei minhas sobrancelhas e limpei minha garganta, minhas mãos ao meu lado porque senti vontade de apertar a garganta dele. Em meu coração, Bren já pertencia a

mim e ver esse cara flertar era um flagrante que me irritava muito.

— Ei.

Ela olhou para cima e seu rosto corou, embora ela não soltasse a mamadeira da pequena criatura rosa.

— Oh, hey! O que te traz aqui?

Resisti à vontade de entregar-lhe as vitaminas pré-natais claramente marcadas do meu bolso para ver o seu colega parar de babar sobre ela, mas em vez disso forcei um sorriso.

— Apenas pensei em parar para vê-la em ação.

Ela inclinou a cabeça e acenou para o porco bebê em seus braços.

— Bem, bem-vindo ao meu mundo.

Seu companheiro olhou de mim para Bren, seu sorriso caindo um pouco.

— Você quer que eu assuma? — Ele perguntou, apontando para o porquinho rosa.

Adoravelmente vestido com uma fralda, o porco estava instalado perto do peito de Bren e ela se inclinou para pressionar um beijo ao seu nariz.

— Está tudo bem, querido. Eu não vou embora ainda.

Ela voltou sua atenção para o homem na frente dela.

— Eu posso continuar aqui. Na verdade, você já pode ir se quiser.

— Oh, sim. Eu já ia embora de qualquer maneira. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e contornou o pequeno recinto. — Vejo você na segunda-feira, Bren.

— Ok, até segunda — ela disse para o outro homem. Ele hesitou e passou um longo momento olhando para ela.

Sim, até logo, idiota.

O cara, que imaginava ser Carlisle, parecia chateado enquanto se arrastava e, por um segundo, quase senti pena dele.

Quase.

Puxei o frasco de dentro da minha jaqueta e entreguei a ela.

— Na verdade, existe outra razão para eu ter vindo. Trouxe algumas vitaminas para você, apenas por precaução.

— Oh, obrigada. — Ela ficou um pouco pálida quando equilibrou a mamadeira de fórmula e o porco em uma mão e pegou o frasco de comprimidos com a outra. Olhou ao redor antes de guardar o frasco rapidamente em um dos muitos bolsos de sua bermuda cáqui.

— Eu não queria interromper — disse.

— Não, não, nós estamos terminando por hoje. Já deveria ter ido embora, mas gosto de alimentar os bebês antes de ir.

Olhei para Carlisle a distância e para Bren novamente.

— Há quanto tempo ele está atrás de você?

— O quê? — Ela zombou. — Carlisle? Você está falando sério?

— Ele estava te convidando para um passeio e tenho certeza que seu carro é a opção B. A opção A certamente era um passeio em seu...

— Eu entendi — ela interrompeu, seu rosto ficando vermelho. — Mas Carlisle não é assim. Nós somos apenas amigos.

— Confie em mim, quando se trata de mulheres como você, todos os homens são assim.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Ah é? Até você?

— Especialmente eu.

Tensão encheu o meu corpo. Ela conseguia fazer seu uniforme verde limão do zoológico parecer a coisa mais sexy do mundo. Seu cabelo dourado estava preso em um rabo de cavalo, enfatizando a clareza cristalina dos olhos brilhantes.

Ela olhou para longe de mim, concentrando-se no bebê em seus braços, o que a tornou ainda mais irresistível.

Quando olhava para o pequeno bebê, ela praticamente brilhava e quando sorriu para ele, pude ver que ela estava realmente muito feliz. Era visível que ela amava seu trabalho mais do que a própria vida.

E esse era um sentimento que eu conhecia muito bem. Mas o que mais me emocionou, foi o sentimento de que

ela ficaria tão encantada com o nosso próprio bebê, se tivéssemos um.

Bren limpou a garganta, tirando-nos do momento tenso que minha resposta criou.

— Diga-me, Sr. Expert em Bebês, você já alimentou um bebê porco?

Levantei uma sobrancelha.

— Não posso dizer que sim.

— Então acho que é hora de você aprender. — Ela fez sinal para eu acompanhá-la e segui suas instruções. — Este carinha é especial.

— Pensei que não pudesse ter favoritos.

— Oh, eu tenho favoritos em cada jaula. Como a mãe do novo bebê Coala, Sheila. Eu amo ela.

— E o que torna esse coala tão especial?

Ela encolheu os ombros.

— Ela apenas é. Tem mais personalidade do que qualquer um dos outros coalas, razão pela qual todos os machos tentam marcá-la.

— Marcar?

Ela riu.

— Você realmente não sabe muito sobre animais, hein?

— Claramente.

— Quando um coala quer acasalar com outro coala, ele excreta um certo feromônio e esfrega em seu pretendido.

— E dizem que o romance está morto. — Murmurei, com um sorriso nos lábios. Eu sempre gostei do meu trabalho, mas não podia negar que, estar aqui com ela, fora o destaque do meu dia até agora.

Bren revirou os olhos.

— Sheila é a mais disputada no habitat dos coalas.

Balancei a cabeça.

— Então, qual é o seu animal favorito?

— Tipo ou em particular?

Eu ri.

— Que tal os dois?

— Pessoalmente, sou uma grande fã da Nibs, a chita. Mas também gosto de cuidar dos bebês...

— Por que a mãe porquinha não pode alimentá-lo?

Seu olhar ficou suave e seus pensamentos pareciam distante.

— Ela teve uma infecção em seus dutos de leite logo após o nascimento. Coitada está sob alguns antibióticos fortes e precisa descansar para que possa se recuperar.

— Eu entendo o motivo de você gostar tanto deles — disse ainda maravilhado com o quão bonito eram os bichinhos em torno do feno, gemendo baixinho enquanto se ajeitavam.

Bren assentiu.

— Eles são fofos.

— Como você — disse e um lento rubor subiu em suas bochechas.

Quando a mamadeira ficou vazia, ela tomou o porco dos meus braços, instalou o animal de volta em sua cama e trancou a porta antes de me levar para a saída.

— Então, eu não sei se você tinha planos para esta noite, mas tenho uma tonelada de comida na minha geladeira e ninguém para compartilhar. Gostaria de ir à minha casa hoje à noite e me deixar cozinhar para você? — Perguntei, tentando parecer indiferente, embora meu sangue corresse pelo meu corpo quente.

Ela estudou meu rosto por um longo momento, aparentemente considerando suas opções.

— Não vou fazer nenhuma gracinha — disse. — A não ser, é claro, que você queira.

— Vamos ver como acontece.

— Isso é um sim? — Perguntei.

— Sim, porque não. Vamos jantar. — Ela se virou e me levou para fora do gabinete, se certificando de higienizar nossas mãos novamente, mas não estava prestando atenção nas suas instruções.

Minha cabeça estava a todo vapor, planejando o que iria cozinhar para ela, o que dizer a seguir.

E principalmente como repetir aquela noite incrível que tínhamos compartilhado tantas semanas antes.

Porque hoje tinha selado o negócio para mim.

Se tudo ocorresse como o planejado, Bren Matthews ia acabar esta noite gritando meu nome e implorando por mais.



Capítulo Treze

Bren

— É aqui. Imagino que você se lembra.

Mason abriu a porta de seu apartamento e novamente fui recebida pelas linhas modernas deslumbrantes que tinha certeza que nunca veria novamente. A parede de vidro ao longo do fundo da sala enquadrando o pôr do sol e o contorno da cidade e, quando ele acendeu as luzes, fiquei encantada com as linhas nítidas de seu mobiliário cinza.

Depois que saímos do jardim zoológico, fui para casa para um banho rápido e coloquei um vestido pêssego claro. Com base no olhar persistente de Mason, ele aprovava a minha mudança de roupa.

Tirei minhas sandálias e caminhei pela cozinha, tentando tirar a memória da última vez que estive aqui, seminua e procurando minhas roupas. Internamente

me encolhi, diante da culpa de ter me esgueirado para fora como uma covarde.

— Sua casa é linda — disse, embora por dentro começasse a me perguntar onde caberiam coisas de bebê em sua decoração moderna. Talvez um berço de aço inoxidável para combinar com o resto?

Mas nós não estávamos pensando em bebês. Nós estávamos pensando sobre o quê?

Desde que descobri que havia uma possibilidade de ter um bebê, quase não fui capaz de pensar em mais nada. E agora, confrontada com a perspectiva de ter que falar, não tinha certeza se tinha uma palavra a dizer que não fosse sobre a custódia ou como gostaria que nosso filho em potencial fosse criado.

— Obrigado — ele disse e por um momento não soube pelo o que estava me agradecendo. O apartamento, certo. Eu disse que ele tinha um belo apartamento.

Ele me seguiu até a cozinha, depois de tirar seus próprios sapatos, em seguida, abriu a porta da geladeira e tirou uma garrafa de água.

— Está com sede?

Balancei minha cabeça.

Ele fechou a porta e se apoiou contra ela.

— Está tudo bem? Você está quieta.

— Sim. — Engoli. — Só não sei o que dizer.

— Então me deixe guiá-la. — Ele sorriu calorosamente, enviando um tremor consciente através de mim. — Primeiro, o que você quer comer que não seja queijo e pasta mole, sushi, ou algo com álcool?

Eu ri.

— Bem, uh, não sei o que você tem aí.

Ele encolheu os ombros.

— Eu posso fazer qualquer coisa. Tenho filé de carne vermelha e também ingredientes para tortilhas. Quesadillas? Fajitas? Massa? Ou frango se você não quiser carne vermelha.

— Pode ser o filé — Eu dei-lhe outro aceno nervoso e ele puxou um pacote do congelador com dois filés enormes dentro.

— Você ia fazer fajitas com essa carne? — Perguntei.

Ele pegou uma frigideira pendurada na prateleira sobre a bancada e deu de ombros.

— Eu ia fazer o que quisesse. Agora me diga, qual acompanhamento prefere para o seu filé?

— Mais carne? — Disse e ele riu.

— Tudo bem — Ele pegou um saco de amêndoas em um armário próximo, depois voltou para a geladeira para pegar feijão verde. Eu vi como ele se movia silenciosamente e rapidamente, nunca consultando um livro de receitas.

— Você realmente sabe cozinhar — disse, reconhecendo seu total conforto na cozinha. Teria alguma coisa que este homem não poderia fazer?

Ele assentiu.

— Cozinho sim. Quando minha mãe estava doente, meu pai passou a cozinhar e ele era horrível. Eu percebi que alguém tinha que descobrir como fazer comida comestível ou nós todos definharíamos, mesmo se ela vencesse o câncer.

Eu sorri. A história era familiar, era a mesma coisa que fiz quando meu pai faleceu. Claro, eu tinha apenas doze anos na época, mas quando ele se foi, minha mãe quase nunca se lembrava de comer, muito menos de me alimentar.

Eu nunca fiquei boa o suficiente para fazer nada extravagante, sem uma receita, mas sabia me virar e isso era mais do que podia dizer da minha mãe.

— Em que você está pensando? — Ele perguntou, sua voz profunda rompendo meus pensamentos.

— Nada. Bem, estava pensando que deveria ajudá-lo. E que deve ter sido difícil, ver sua mãe tão doente assim. — Não havia nenhum ponto em mencionar que poderia ter empatia com a experiência. Eu ainda não sabia o quão perto realmente queria chegar com Mason. Eu mal o conhecia.

— Nós todos temos nossos desafios — disse ele, enquanto pegava outra panela. — E você vai ficar exatamente onde está. Não quero que levante um dedo.

— Eu poderia me acostumar com isso — disse com uma risada.

Mas é melhor você não se acostumar com isso, Bren Matthews. Porque se fizer isso, vai encontrar-se voando em linha reta da frigideira para o fogo.

Ele sorriu para mim, então voltou ao seu trabalho, aquecendo as panelas e refogando as amêndoas enquanto eu me imaginava me apaixonando tão profundamente que não saberia onde eu terminava e ele começava. Não. Não vai acontecer.

— Foram momentos muito difíceis com tudo o que aconteceu com a minha mãe, mas meus pais realmente fizeram o melhor que puderam. Todos os dias nós fazíamos algo juntos como uma família. Quer dizer, hoje eu sei que foi porque não sabíamos quantos dias minha mãe teria, mas na época? — Ele deu de ombros — Era bom. Ver meus pais juntos e felizes, apesar de tudo. Faz você sentir que tudo é possível, vendo duas pessoas que se amam assim.

— Sei o que quer dizer. — Disse as palavras sem pensar, ou sem perceber o que fiz. Eu não queria abrir a porta do meu passado. Ainda não. Talvez nunca.

Claro, ele teria de conhecer minha mãe eventualmente e quando o fizesse, todo o caso sórdido viria à tona e ele saberia como minha família era feliz quando meus pais estavam juntos. E como completamente e totalmente inconsolável ela ficou desde a morte do meu pai.

Minha garganta apertou e eu a limpei enquanto o assistia se mover pela cozinha. Mason continuou preparando o jantar e não pareceu notar todas as palavras que ficaram por dizer.

Ele jogou dois dentes de alho e um molho com tomilho na panela e um aroma saboroso e apetitoso encheu o ar.

— De qualquer forma — disse ele. — Eu sinto que falo o tempo todo sobre mim e não sei o suficiente sobre você.

Pisquei.

— Bem, o que você quer saber?

— Qualquer coisa. Por exemplo, por que você prefere ser chamada pelo nome do meio?

— Meu nome do meio é Brennan, mas eu prefiro Bren.

— Eu gostei. — Ele assentiu. — Por que seus pais te deram o nome de Ashley?

Revirei os olhos.

— Pela razão mais estúpida que você pode imaginar.

— Você tem que lembrar que já vi um monte de gente dando nomes bizarros a bebês por razões estúpidas. Ashley não parece ser o caso.

— Certo — disse. — Bem, minha mãe e meu pai se conheceram em um velho cinema e estava passando “E o vento levou” naquela noite. Então, minha mãe me nomeou Ashley porque ela se apaixonou por esse personagem.

— Isso não é estúpido. Eu achei muito romântico. — O filé chiava na panela atrás dele e ele se virou para olhar a carne.

Eu bufei e recostei-me na cadeira.

— Eu gosto de Bren. É um nome de família. Minha avó era Bren, também.

Ele assentiu.

— Laços familiares são importantes. Mas é bom ter uma história de amor em seu nome. Como um pequeno lembrete.

Mais uma razão para gostar de Bren, pensei. Cada melodia triste da voz de minha mãe era lembrete suficiente da sua história de amor trágica. Não precisava adicionar o meu nome à lista.

— Seus pais ainda estão juntos? — Perguntou.

Uma faca cavou entre as minhas costelas e mastiguei o interior da minha bochecha, querendo saber a melhor forma de responder a ele. Eu não queria mentir, mas não precisava dizer tudo também. Agora não. Ainda não. Talvez nunca.

— Não — disse simplesmente.

Ele assentiu e o silêncio caiu entre nós por um longo momento antes de ele entregar um prato cheio e quente para mim. Nele havia uma porção maciça de filé e feijão verde com amêndoas.

— Uau, isso está incrível — disse enquanto ele me entregava uma faca e um garfo e se juntava a mim na bancada para comer.

— O seu filé é menor do que o meu — disse.

— Você disse que você gosta do seu filé acompanhado de mais filé e você pode estar comendo por dois.

— E se eu não estiver? — Disse.

— Mesmo assim você ganha mais filé. — Ele cortou sua carne e disse — Merda, esqueci de perguntar se gosta do filé malpassado.

— Está perfeito — disse, então comecei a comer. Com cada mordida, ficava mais impressionada com seu talento na cozinha e estava a ponto de lhe dizer isso quando ele começou a falar novamente.

— Seu trabalho é incrível — disse. — Observar o que você faz foi impressionante.

— Bem, eu não salvo vidas, nem nada assim.

— Aposto que salva sim — ele respondeu. — Os animais precisam de cuidados iguais aos seres humanos.

Meu coração derreteu um pouco e engoli em seco, tentando não ser sugada para o vórtice de perfeição que era Mason Bentley.

— O que mais você quer saber sobre mim? — Perguntei.

— Qual era o seu brinquedo favorito quando criança?

— O quê? — Eu ri.

— Estou falando sério. Você pode dizer muito sobre uma pessoa com base em seu brinquedo favorito da infância.

— Mesmo que fosse apenas uma boneca? — Levantei minhas sobrancelhas, comendo mais um pouco dos meus feijões verdes.

— Que tipo de boneca?

— Um conjunto de boneca veterinária, eu ganhei no meu sétimo aniversário. — Foi um presente especial do meu pai. Ele circulou através de todas as cidades vizinhas tentando encontrar uma só para mim. Esse era o tipo de homem que era.

— Qual era o nome dela?

Corei.

— Oh Deus!

— Vamos lá — ele persuadiu.

— Valerie veterinária.

— Você ainda a tem? — Perguntou.

— Não. — Balancei a cabeça. — Eu a perdi em uma mudança. Mas e você? Qual era o seu brinquedo favorito da infância?

— Eu tive vários.

— Ah, então você era um menino mimado. — Provoquei.

— Era uma criança muito amada. — Ele emendou com um sorriso largo.

— Entendo. — Assenti. — Mas qual era o seu favorito?

— Eu não sei. Acho que uma girafa de pelúcia de quando era pequeno. Quero dizer, realmente pequeno. Há um monte de fotos minhas com ela.

— Qual era o nome? — Perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Não tínhamos necessidade de nomes. Nossa ligação era mais espiritual do que isso.

Eu ri alto.

— Certo. Bem, é bom saber.

Nós terminamos de comer e antes que tivesse a chance de limpar, Mason agarrou meu prato e talheres e depositou tudo na pia. Eu fiquei sentada lá, imaginando o que viria a seguir. Nossa conversa foi um pouco estranha, mas isso era de se esperar. Ainda estávamos nos conhecendo. Mas ele cozinhou para mim, fez perguntas sobre mim e tentou me deixar confortável. Ele era um bom homem e isso me assustava.

Não podia comer e correr.

Pior, eu não queria.

Queria correr sim. Correr direto para seu quarto e agradecer-lhe pelo jantar da forma mais íntima que podia. Mas era apenas porque sabia que dessa vez não poderia ser tão bom como da última vez.

Se dormisse com ele esta noite, o que definitivamente não estava querendo, talvez tivesse uma memória morna para lavar a gostosura escaldante da nossa primeira noite

juntos. Não havia nenhuma maneira de ser tão bom quanto me lembrava.

De jeito nenhum.

Ou pelo menos, foi isso que continuei a dizer para justificar meu desejo de dormir com ele.

O que não iria acontecer.

— Quer assistir um pouco de TV? — Mason perguntou quando se afastou da pia, revirando os ombros largos para esticar e deixando-me com água na boca.

— TV parece bom — disse, me perguntando se deveria plantar a semente da minha partida agora para facilitar a despedida.

— Legal. Pode escolher o que vamos assistir. — Ele indicou a TV de tela plana pendurada na parede oposta a seu quarto, o Netflix já na tela.

— Você assiste muitos programas sobre carros. — Balancei a cabeça em direção à tela.

— Sim. — Ele enfiou as mãos nos bolsos, então se acomodou em seu sofá creme. — Eu tenho um carro em que estou trabalhando. Provavelmente não vale o preço que eu pago para armazená-lo, mas é um hobby.

— Que tipo de carro é?

— Um Mustang — disse ele. — Meu pai me ensinou a trabalhar em carros velhos quando estava crescendo. É algo para fazer e relaxar após um dia ruim.

Eu sabia de outra coisa que podia fazer para ocupar suas mãos. Sacudindo a imagem mental para longe da minha mente, me mudei para o sofá.

— Entendi — disse.

Na verdade, as semelhanças em nossas vidas eram quase assustadoras. Antes que meu pai ficasse doente, passei quase todos os sábados na nossa garagem, observando-o enquanto ele trabalhava em um Cadillac que herdou do meu avô. Ele costumava dizer que o óleo corria em nosso sangue e que, uma vez que eu descobrisse minha verdadeira vocação, haveria finalmente um mecânico na família.

Toda vez que eu ria ele explicava que estava brincando, mas que se quisesse trabalhar no carro eu poderia acompanhá-lo. Em vez disso, sempre sentava no meu banco e entregava-lhe ferramentas enquanto ele tentava explicar-me o que estava fazendo. Eu nunca entendi, é claro. Era muito jovem naquela época.

Mas vender aquele Cadillac, quando ele morreu para ajudar a minha mãe a se reerguer financeiramente, foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Entregar as chaves era como entregar uma parte do meu pai para algum estranho aleatório.

— Vamos ver outro tipo de coisa — disse. — Você já assistiu “Jane the virgen”? É uma série muito engraçada.

— Não, do que se trata?

— É sobre uma garota que acidentalmente fica grávida e — Eu parei. — Você sabe o que? Essa é provavelmente uma má ideia também.

Ele riu.

— Talvez devêssemos apenas conversar. — Ele deu um tapinha no assento ao lado dele no sofá e eu podia sentir seu olhar sobre mim, me examinando. Ele sabia, é claro, o que estava por baixo das minhas roupas. Ele já tinha visto tudo de mim.

Então, por que ainda me sentia tão exposta? Porque expor meu corpo era muito mais fácil do que despir a cortina da minha alma.

Junto com ele no sofá, cruzei as pernas apenas para aliviar a dor que subiu dentro de mim com o cheiro de sua colônia.

— Sobre o que você quer falar agora? — Perguntei.

— Você. Sempre você. — Disse ele.

Peguei uma almofada nas proximidades e a abracei.

— Bem, não há muito a dizer. Você sabe onde trabalho e meu brinquedo favorito da infância. Isso é basicamente tudo.

Ele riu e então se moveu um pouco mais perto, tão perto que seu braço roçou no meu.

— Você tem muitos encontros? Algum relacionamento sério que você queira reatar? Algum encontro às cegas ruim, talvez? Histórias engraçadas de encontros pelo Tinder?

— Bem... — Pensei muito sobre a minha resposta. Nunca tive um namoro longo. A menos, claro, que ele considerasse o meu longo relacionamento com meu vibrador de cabeceira.

— Não exatamente — disse.

— Então, antes de mim, o último cara foi?

— Anos atrás. — Confessei, evitando o seu olhar.

— Eu suspeitava — ele murmurou.

— Por acaso está escrito solteirona na minha testa? — Brinquei.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Você era... Tinha como saber.

— Como você poderia saber? — Apertei os olhos, me perguntando o que diabos ele quis dizer. Que fui tão inexperiente e enferrujada que ficou óbvio? Um aborrecimento quente subiu pela minha coluna e pousou na parte de trás do meu pescoço. Talvez tivesse acabado de descobrir uma falha para estragar seu currículo de homem perfeito.

— Honestamente? Você era muito apertada. — Ele disse com sua voz baixa. — Estive pensando desde então se era porque você não esteve com ninguém por um tempo, ou se talvez você sempre fosse assim. Tão molhada e quente.

Não havia como negar a onda de necessidade entre as minhas coxas agora e minha respiração ficou presa quando encontrei seu olhar.

— Eu não sei.

Seus olhos ficaram escuros e sua mandíbula tensa.

— Só há uma maneira de descobrir — disse ele.



Capítulo Quatorze

Bren

Deveria ter dito não.

Eu vou ser a primeira pessoa a admitir que, quando abordada pelo pai do meu possível bebê, a resposta deveria ter sido inequívoca e segura.

Não.

Não, obrigada.

De novo não.

Mas essa resposta não levava em consideração a maneira como ele olhou para mim, a maneira como seus olhos azuis percorreram a minha pele, como se ele já a estivesse tocando, lavando-a com a língua e me preparando para seu pau grosso e duro.

Lambi meu lábio inferior, tentando parar este trem de luxúria antes dele sair da estação. Ainda assim, se dormisse com ele de novo, talvez isso acabasse com minhas

incertezas. Naquela noite poderia ter sido incrível, simplesmente porque eu havia passado muito tempo sozinha. O que poderia dar errado se tirasse essa dúvida? Bem, eu poderia me machucar.

Agora, depois de ter transado com ele uma vez, não havia nenhuma maneira de seu corpo ter o mesmo efeito. Não, desta vez seria um banho morno em comparação com a banheira de hidromassagem quente, úmida da última vez.

O que significava que dar-lhe uma chance só poderia ser uma coisa boa.

Eu lutava para respirar no silêncio pesado quando Mason finalmente falou.

— Vamos levar as coisas devagar. Nós não vamos fazer nada que você não queira.

Balancei a cabeça lentamente. Esta era uma boa ideia. Eu poderia aceitar isso.

Ele se aproximou no sofá, abaixando a boca para meu pescoço.

— Só quero tocar você — ele murmurou. Seus lábios cheios roçando minha clavícula, me fazendo tremer.

Arrastando beijos suaves até meu pescoço e meu queixo, Mason finalmente trouxe sua boca para a minha.

Nossos lábios se encontraram em um beijo faminto, nossos corpos lembrando cada toque, cada respiração com perfeita clareza.

— Sem pressão, ok? — Mason sussurrou, encorajando contra os meus lábios.

Eu balancei a cabeça, segurando a parte de trás do seu pescoço para atraí-lo para outro beijo.

Logo, sua mão moveu-se até minha coxa, só parando quando ele roçou a frente da minha calcinha. Meus joelhos se separaram para ele por instinto.

Ele acariciou a frente da minha calcinha umedecida, encontrando o ponto que me fez contorcer.

— Mais — gemi.

— Eu sabia que gostava de você — ele riu contra a minha boca.

Colocando seus dedos por baixo do tecido, Mason me penetrou, lentamente.

— Você não está desconfortável, não é? — Ele sussurrou.

— Droga, Mason. Não me trate como se eu estivesse...

— Grávida? — Ele completou.

Meu semblante implorou-lhe num pedido mudo para não destruir clima.

— Devidamente anotado.

Adicionando um segundo dedo, ele pressionou mais profundo, me fazendo gritar. Maldição, o homem era hábil, mas algo roeu na parte de trás do meu cérebro. Eu queria isso, queria muito, mas se não fosse cuidadosa, poderia

facilmente me ver perdendo a cabeça. E se não estivesse grávida? Isso é exatamente o que me meteu nessa situação em primeiro lugar.

— Espere, espere, espere — murmurei, colocando várias polegadas de espaço entre nós. — Isso não é devagar.

— Merda — Ele esfregou a mão pelo cabelo. — Não, eu acho que não é.

Mason olhou para os meus lábios inchados, tocando-me com as pontas dos dedos.

— Vamos fazer assim. Sem sexo. Mas nós dois vamos gozar.

Eu estava balançando a cabeça antes que meu cérebro processasse o acordo.

— Eu gosto de como pensa. — Na verdade, gostava de um monte de coisas sobre ele. Mas no meu coração, eu já sabia disso, porque se realmente não gostasse dele, não iria querer fugir cada vez que uma nova onda de emoção indesejável fluísse sobre mim.

Ele levantou minha panturrilha, plantando meu pé ao meu lado no sofá para que minhas pernas ficassem abertas para ele.

— Não se mova. Eu quero você bem assim. — Colocando os dedos dentro da minha calcinha, ele acariciou exatamente onde eu precisava dele. Meu corpo inteiro se apertou e apertou, querendo muito mais, mas já perigosamente perto de gozar.

Mason trouxe sua boca para a minha, mais uma vez, beijando-me profundamente enquanto seus dedos faziam coisas deliciosas.

Lutei para conseguir abrir suas calças, lutando contra o botão. Quando ele retirou minhas mãos, não pude evitar o suave e feliz som que me escapou.

Ele libertou-se, acariciando uma vez. A gota de umidade em sua ponta me distraiu da maneira mais maravilhosa.

— Você vai olhar para ele durante toda a noite, ou vai me tocar? — Ele gemeu.

Tomando minha mão na sua, ele a guiou para seu pau.

Levei-o na minha mão e acariciei delicadamente no início, em seguida, mais forte e rápido. Ele baixou a cabeça para trás contra o sofá e me permitiu fazer o que quisesse com ele.

Achava que na primeira noite, ele parecia tão grande porque fazia muito tempo desde que estive com alguém e ainda mais tempo desde que quis tanto alguém. Agora, porém? Olhando para ele de novo? Eu sabia que estava errada. Ele era grosso e longo e latejante para mim.

— Preciso que me toque — gemi.

— Pode deixar.

Seus dedos estavam de volta ao trabalho e dentro de instantes eu estava me contorcendo sob seu toque.

— Vou gozar — murmurei.

— Ainda não. — Ele diminuiu o ritmo, provocando a minha carne inchada enquanto eu balançava meus quadris em seu toque, precisando de mais atenção. — Juntos — ele sussurrou, beijando meus lábios novamente. — Me aperte um pouco mais.

Obedeci.

— Isso — ele resmungou. — Merda.

Ele era tão sexy, tão masculino. Eu amava como ele era mandão durante o sexo.

Ainda me beijando, Mason voltou sua atenção para minhas partes femininas, fazendo faiscar uma luz branca atrás das minhas pálpebras.

— Estou tão perto — sussurrei contra o ataque de seus beijos.

— Aguente firme. Eu não estou com pressa.

Eu esqueci isso sobre ele, sua resistência e uma deliciosa lembrança da nossa noite juntos explodiu no meu cérebro.

— Mason...

— É isso aí. Goze para mim. Estarei logo atrás de você.

Eu bombeei minha mão firmemente para cima e para baixo, meu clímax pulsando através de mim, no mesmo momento que senti sua libertação quente, pegajosa. Juntos.

Lembrando a nossa noite juntos, percebi mais uma vez como era estranha a forma como estávamos em sincronia. Isso não era normal, não é?

Puxando sua camiseta pela cabeça, Mason a usou para limpar o sêmen de minha mão e então limpou seu abdômen tanquinho.

Que tipo de homem cozinha, entrega vitaminas pré-natais para você no trabalho e, em seguida, te dá um orgasmo em cinco minutos?



Capítulo Quinze

Bren

O que aconteceu? Tudo o que acabou de sentir foi muito, muito rápido. Esmagador, assustador e real e se eu não saísse em breve, só iria piorar. Um pânico me envolveu, rastejando em cada célula do meu corpo, gritando para chamar a atenção.

Eu tinha que sair daqui.

Meu coração ainda estava batendo freneticamente quando me afastei, tentando não fazer contato visual com Mason enquanto ele me limpava. Ele passou a mão possessiva sobre a minha barriga quando me sentei, seus olhos vagando enquanto me estudava.

Mason pôs as suas calças novamente e, em seguida, fez uma pausa, atirando-me um olhar interrogativo.

— Eu vou me trocar e podemos decidir o que fazer com o resto da noite — ele falou por cima do ombro, seu olhar

percorrendo meu corpo e enviando um arrepio através de mim.

Lentamente segui atrás dele, tentando achar alguma desculpa para ir embora. Eu não tinha um cão ou gato para alimentar e nenhuma companheira de quarto estava me esperando em casa. Eu não tinha que trabalhar no dia seguinte. Ainda assim, não achava que “Eu sou uma grande covarde” parecesse como uma desculpa válida e certamente não era uma que queria proferir em voz alta. Toda essa situação desafiava a lógica. Eu queria correr. Ponto.

Com uma respiração profunda, o segui até o quarto e vi quando ele colocou uma camiseta e calças de pijama, em seguida, jogou uma camiseta e calças em sua poltrona cinza.

Ele apontou para a roupa.

— Para você. Se você quiser ficar mais confortável.

Forcei um sorriso.

— Não, obrigada. Acho melhor ir embora.

Seu olhar se estreitou em meu rosto e fiz o meu melhor para não me contorcer. Mesmo que ele não dissesse nada, sua expressão dizia tudo.

Covarde.

— Qual é a pressa? — Ele perguntou suavemente.

Você pode possuir o meu corpo, mas não pode possuir meu coração.

Mas não podia dizer aquilo.

— Você deveria ficar. Vamos para a sala de estar e ver televisão.

Eu balancei a cabeça, o pânico acelerando o meu coração.

— Acho que não.

— Alguma coisa melhor para fazer, ou apenas precisa de um pouco de espaço? — Ele perguntou enquanto pegava uma pilha de meias e empurrava em uma nova gaveta antes de se virar para me encarar. Era bizarro o quão bem ele me conhecia depois de tão pouco tempo. Ele estava chegando perto de me descobrir. Muito perto.

— O que você está fazendo? — Perguntei minha voz saindo estridente.

— Abrindo espaço para você. Minha casa é mais perto do zoológico do que a sua, então se houver uma noite em que você decida ficar, vai facilitar. Você pode manter algumas roupas aqui.

— O que? Não. — Pisquei. — Nós mal nos conhecemos, Mason.

Ele fechou a gaveta antes de se virar para me encarar, cruzando os braços sobre o peito.

— Nós sabemos que nos encaixamos como uma luva — disse, os olhos me encarando e me fazendo tremer. — Nós sabemos que eu poderia ser o pai de seu filho. E nós sabemos que nós gostamos da companhia um do outro. Apenas faz sentido que nós tentemos passar algum tempo juntos para

que possamos conhecer um ao outro, não é? Não é isso o que nós concordamos em fazer?

— Não, isso não faz sentido e não, não foi isso que nós concordamos em fazer — respondi. — Nada disso faz sentido. O que nós fizemos? Foi um erro. Eu deveria ter ido embora antes. Basta fingir que nunca aconteceu, ok? Eu não sei o que estava pensando.

— Você estava pensando que está atraída por mim. Assim como eu me sinto atraído por você. Eu pensei que nós estabelecemos isso. — Ele deu outro passo em minha direção, mas eu recuei, indo em direção à porta do quarto.

— Eu preciso de um pouco de ar. Algum tempo para pensar. Eu ligo para você ou algo assim.

Eu corri para minhas sandálias e as calcei rapidamente antes de me dirigir para a porta da frente. Quando minha mão fechou em torno da maçaneta, senti uma mão quente, masculina no meu bíceps, mas puxei meu ombro longe e corri para fora da porta sem me preocupar em virar.

Aquele orgasmo?

Minha própria gaveta?

Era tudo demais. Ele era demais e eu tive que sair de lá antes que essa coisa entre nós me engolisse inteira.



Capítulo Dezesseis

Mason

Segui Bren até o corredor fora do meu apartamento, quando meu telefone vibrou no bolso da calça.

No início, pensei que poderia ser melhor seguir Bren para o lobby no térreo e levá-la até seu carro, mas depois do que aconteceu, não havia dúvida de que ela precisava de espaço e eu não tinha escolha a não ser dar a ela.

Mesmo que não trabalhasse no zoológico como ela, eu sabia o que acontecia quando você tenta enjaular um animal selvagem.

A única questão era por que ela precisava de espaço para começar.

Depois de tudo o que aconteceu hoje, o jardim zoológico, o jantar e a pegação quente no sofá, pensei que estávamos finalmente fazendo progresso. Mas ela se sentia diferente.

Eu ouvi o ding distante das portas do elevador, em seguida, voltei para dentro do meu apartamento, meu telefone tocando novamente contra minha coxa.

Rangendo os dentes, pesquei o dispositivo do bolso e passei o meu polegar sobre a tela, vendo que perdi um telefonema da minha mãe e ela deixou uma mensagem de voz.

Manuseei o botão do correio de voz e pressionei o smartphone no meu ouvido, ouvindo aquele tom morno, familiar da voz da minha mãe flutuando através do alto-falante.

— Mason, querido, é a mamãe. Estava ligando para perguntar se você poderia vir a nossa casa hoje à noite ou amanhã. Seu pai e eu temos algo importante para lhe dizer e gostaríamos de fazê-lo pessoalmente.

Meu coração pulou em minha garganta quando a gravação terminou.

Algo importante para me dizer? A última vez que tinha recebido um telefonema como este, estava a caminho do Johns Hopkins, pronto para começar meu primeiro ano de faculdade, antes de virar e perceber que o mundo estava desmoronando. Minha mãe estava doente, com câncer. Potencialmente terminal.

A ideia de uma recorrência não esteve longe da minha mente desde então. Foi a razão pela qual nunca me afastei e tentei garantir que sempre tivesse tempo para os meus pais,

não importa o quão ocupado estivesse. E se minha mãe estivesse doente de novo...

Meu estômago se apertou com o pensamento.

Eu estava no topo do mundo apenas dez minutos antes, com a mão quente de Bren pressionada contra meu pau e agora toda a minha vida se transformou em uma merda gigante.

Digito uma mensagem rápida para a minha mãe e calço um par de sapatos antes de fechar meu apartamento, indo diretamente para a garagem. Se meus pais precisavam me dizer alguma coisa, então ia estar lá para ouvir, fosse bom ou ruim.

Quebrei quase todas as leis de trânsito tentando chegar lá o mais rápido possível, mas quando finalmente paro em frente da casa de tijolos onde cresci, me sinto pior em vez de melhor. E quando entro, sinto um medo intenso, como se já soubesse o que estaria esperando por mim do outro lado.

Bato na porta uma vez antes de me lembrar de minha chave reserva. Minha mãe aparece do outro lado da porta, assim que entro, percebo que seus olhos azuis estão cautelosos quando ela me olha.

— Você chegou muito rápido.

— Se há algo que você não poderia me dizer no telefone, quero saber o que é o mais rápido possível.

Ela assentiu com a cabeça, franzindo os lábios.

— Eu entendo. Entre. Seu pai acabou de fazer café.

A tensão em torno de seus olhos e o fato de que ela não entrou em detalhes sobre o motivo da conversa fez meu estômago contrair e eu me preparei para o golpe.

Jesus, o que seria? Se ela estivesse doente de novo e Bren grávida, seria adicionar um novo nível de sofrimento à mistura. Ela queria netos tão desesperadamente.

Cheio de medo, eu a segui para a pitoresca sala de estar e me estabeleci em um dos sofás florais rosa quando meu pai apareceu na porta com uma garrafa de café preto na mão e uma bandeja de canecas na outra.

— Deixe-me ajudá-lo com isso. — Minha mãe correu em direção a ele e pegou a bandeja, colocando-a na mesa de café entre nós antes de se sentar à minha frente e ao lado do meu pai.

Por um momento, o silêncio caiu sobre nós e meu pai se inclinou para frente, a luz brilhou sobre sua careca, enquanto servia três xícaras de café preto e entregou uma para minha mãe e uma para mim.

— Então, podem me dizer. O que está acontecendo? — Perguntei.

Meus pais se entreolharam, em seguida, voltaram para mim.

Finalmente minha mãe limpou a garganta.

— Seu pai e eu tomamos uma decisão importante e sentimos que era melhor que você soubesse sobre isso assim que tivéssemos certeza.

— Ok. — Balancei a cabeça, sentindo uma pontada de dor começando. Resisti à vontade de exigir que eles apenas dissessem de uma vez.

— Decidimos que, como estamos agora entrando em novas fases em nossas vidas, seria melhor nos separarmos um do outro — meu pai disse, acariciando a mão de minha mãe em seu joelho enquanto ela assentiu solenemente.

Examinei cada um deles, não tinha certeza que os ouvi direito. Separados um do outro?

— O que isso significa, exatamente?

— Quer dizer que vamos nos divorciar — disse minha mãe, a finalidade na voz ecoando na sala silenciosa.

Meu cérebro estava a mil por hora. Por um lado, não senti nada, além de alívio. Nenhum deles estava morrendo ou se preparando para passar meses injetando veneno hospitalar em suas veias para matar algo pior do que o próprio veneno. Por outro lado, esta era a segunda coisa que aconteceu na última hora que fez absolutamente nenhum sentido para mim.

— Eu não entendo. Vocês sempre foram inseparáveis. — Lancei um olhar apontando para o local onde a mão de meu pai descansava no colo da minha mãe. — Mesmo agora, vocês são uma equipe.

Meu pai tirou a mão e suspirou.

— Só porque estamos nos separando não significa que nós não nos amamos ou apoiamos um ao outro. E sei que

provavelmente parece que nós temos um casamento perfeito, porque nós somos seus pais e não brigamos, mas se você realmente pensar nisso, você acha que é verdade? — Perguntou minha mãe. — Você acha que somos uma boa dupla?

Respirei fundo, pensando em suas palavras com cuidado. Na verdade, eu sabia que eles tinham suas diferenças assim como todo casal. Minha mãe sempre foi a vida, a luz em cada quarto. Sempre que ligava para ela, estava a caminho de algum torneio de bingo ou almoço enquanto meu pai ficava em casa, desesperado para descobrir o que aconteceria no próximo episódio de um seriado de investigação criminal e era mais feliz com seu nariz enterrado em um livro.

Claro, eles tinham interesses diferentes, mas era realmente razão suficiente para um divórcio?

— Nossas diferenças são significativas — meu pai disse. — Sua mãe quer ir e explorar o mundo e agora que estamos ficando mais velhos, não posso segurá-la aqui. Mas também não posso me obrigar a sequer pensar em viajar assim.

— Nós ainda somos uma família. — Minha mãe sorriu do meu pai para mim. — Nós sempre seremos. Nós compartilhamos tanto de nossas vidas um com o outro e nós temos você, mas não posso me sentar em torno desta casa e me tornar uma senhora de idade que faz tricô e olha pela janela, desejando mais.

— E eu não quero que você faça isso. — Meu pai concordou com a cabeça em direção a ela, em seguida, fechou a mão sobre a dela. Ele lançou um olhar para mim e encolheu os ombros. — É hora, filho. E ambos estamos em paz com isso.

Minha boca ficou completamente seca. Eles estavam falando sério? Seria uma coisa se tivessem sido infelizes. Eu seria totalmente favorável, incentivando cada um deles a procurar algo que os fizesse mais feliz. Mas isso? Eu respirei fundo, procurando as palavras que sabia que deveria dizer como seu filho adulto.

— Vocês devem fazer o que deixar vocês mais felizes, é claro. É apenas um choque, eu estou tentando processar. — Agora que finalmente recuperei a minha voz, eu não conseguia calar a boca. — Pensei que vocês tinham esse casamento de conto de fadas, sabe?

— Muitas crianças pensam isso — disse minha mãe. — Você nunca imaginaria a luta e os compromissos que fizemos ao longo do caminho para fazer dar certo.

— Mas o câncer...

— Foi terrível — disse papai com um estremecimento, os olhos suaves de dor enquanto relembrava. — Mas só porque alguém estava lá por você em um momento ruim não significa que você está algemado a ele para a vida. Temos pouco tempo de vida e devemos usá-lo exatamente como cada um de nós quiser.

— Exatamente. Então, ao invés de ignorar o fato de que somos pessoas diferentes, decidimos aceitar e tentar encontrar a nossa felicidade, enquanto ainda podemos. Minha mãe apertou a mão do meu pai. — Esperamos que uma vez que você pensar sobre tudo isso, você possa entender e apoiar essa decisão.

Balancei a cabeça lentamente e, em seguida, olhei para os meus pés.

— Eu preciso de um pouco de ar. Vocês se incomodam se der uma caminhada? — Perguntei.

Eu era um homem crescido e meus pais tinham que viver suas vidas. Não havia dúvida de que iria apoiar e amá-los incondicionalmente. Mas, de repente, a sala parecia abafada e quente e tive que sair, mesmo que apenas para conciliar tudo o que aconteceu.

— Claro que sim, querido. — Mamãe disse, mas eu já estava a meio caminho da porta, pronto para respirar o ar fresco da noite e pensar em toda a minha vida.

Cada decisão que tomei, cada relacionamento que tive, foi fundamentada na crença de que uma vez que você encontra sua alma gêmea, era isso. Fim de jogo. Você fica com ela. Não havia nenhum desafio ou diferença muito grande para os dois para superar.

Agora, porém? Percebi que não funcionava assim. E o momento não poderia ter sido pior para mim. Eu estava à beira de um grande relacionamento na minha própria vida com alguém que estava possivelmente grávida do meu

filho. Tudo isso com base na minha confiança na premissa de almas gêmeas e minha crença inabalável de que encontrei a minha.

Mas almas gêmeas não eram reais. Ou, pelo menos, meus pais não eram. E eu não podia negar, esta notícia era como uma bomba, obliterando o meu mundo e balançando uma das minhas crenças fundamentais.

Segui a rota familiar de quando andava com meus amigos neste bairro, mas quase não notei as casas de tijolos ou árvores imponentes ao passar por elas. Em vez disso, estava focado em minha vida, os rostos de todas as garotas que decepcionei ao longo dos anos. Eu estava procurando por meu único e verdadeiro amor durante todo o tempo.

Se o relacionamento dos meus pais não era tão feliz e tão perfeito como pensei, então por que fiquei só por tanto tempo? Por que insisti em ser tão exigente com a pessoa com quem finalmente me estabeleceria?

Talvez fosse o destino. Talvez, ele tenha me forçado a continuar solteiro na esperança de que me levaria a Bren e nosso possível bebê.

Mas se meus pais estivessem certos, de que tudo isso importava? Eu tinha apenas o aqui e agora.

Quando voltei para casa dos meus pais, estava me sentindo menos ofegante e meu cérebro finalmente se acalmou.

Meus pais estavam bem e, pelo que pareciam felizes com a sua decisão. Eles ficariam bem assim como eu. E quanto a Bren?

Nada mudou para mim.

Pensei em seu rosto em pânico enquanto ela corria do meu apartamento. De seu cheiroso cabelo e seus lábios macios. Da forma como a boca inclinava para o lado quando havia outra coisa em sua mente, algo que ela não iria ou talvez não pudesse me dizer. Ela estava escondendo alguma coisa e eu esperava que ela se abrisse antes que fosse tarde demais.

Ela não era como qualquer outra mulher que já tivesse conhecido e se isso não era amor, estava no caminho. Ela poderia dizer que não me queria, mas seu corpo não mentia. Ela estava tão a fim de mim como eu dela. Ela estava apenas com medo.

Eu sabia desde o início que forcei demais. Ela precisava de tempo. Tempo que não dei a ela.

A gaveta foi uma ideia estúpida, mas eu poderia fazer as pazes com ela. Eu só tinha que descobrir como.



Capítulo Dezessete

Bren

— Adivinha quem trouxe donuts.

A voz cantante de Mandy ecoou pelo meu apartamento e fiz uma careta, gemendo para que ela soubesse onde eu estava antes de empurrar o meu travesseiro sobre minha cara.

Deus sabia que não queria companhia no momento.

Desde que deixei o apartamento de Mason na última noite, não fui capaz de pensar em nada além de como fui burra e o terror puro e absoluto que encheu meu coração assim que percebi o que nosso momento quente e apaixonado de diversão se tornou.

Juntos.

Mas Mandy não entenderia.

Em sua mente, tudo eram arco-íris e cachorrinhos e cada chance no amor deveria ser saboreada, por isso se

casou tão jovem. Mas esse era o ponto, ela era casada. Ela não sabia como era arriscado dar uma chance a alguém hoje em dia.

Houve uma batida suave na porta de madeira do meu quarto e resmunguei para ela entrar, embora não tenha tirado o travesseiro do meu rosto. Distante, ouvi o farfalhar de seu saco de rosquinhas e senti o cheiro doce do meu leite com avelã favorito.

— Se isso é que eu acho que é, você é uma deusa — murmurei.

— Bom dia, Bela Adormecida. — Houve um pouco de movimento e espreitei através do pequeno espaço entre meu edredom e travesseiro para vê-la colocando uma bandeja de bebidas na minha cabeceira antes que me cutucasse no estômago. — É 10:30 — disse com desaprovação na sua voz.

— Qual o problema? — Resmunguei. — É domingo.

— O que significa que você já deveria ter saído para sua corrida matinal.

— Eu não posso correr. Estou grávida — argumentei.

— Você não tem certeza disso — ela respondeu com uma risada. — E, além disso, tenho certeza que as pessoas grávidas estão autorizadas a correr.

— Vai mexer o bebê. Ou algo assim — disse teimosamente, empurrando as cobertas de cima de mim. Qualquer desculpa para não correr hoje.

— Se o seu novo namorado te disse isso, seria melhor procurar outro médico. Agora vamos, levante-se e coma um donut comigo.

Resmungando para mim mesma, apoiei alguns travesseiros entre minhas costas e a cabeceira da cama, em seguida, agarrei a xícara com o meu nome nela.

— Este é descafeinado? — Perguntei, desconfiada.

— Sim. — Mandy assentiu. — Quem sabe? A cafeína poderia... Qual era o termo médico que você usou? Ah sim. Ela poderia 'mexer o bebê.' Nós odiaríamos que isso acontecesse. — Ela revirou os olhos, em seguida, tirou a própria xícara da bandeja e levou-a aos lábios.

Tomei um gole generoso, suspirando com o calor reconfortante antes de encontrar o olhar questionador da minha amiga.

— Então, conte tudo. Qual é a verdadeira razão de você ainda estar na cama? — Ela perguntou.

— Uma menina não pode dormir um pouco mais de vez em quando? —Murmurei.

— Uma menina poderia. Mas não você. — Mandy levantou as sobrancelhas. — Você não tem tido enjoos ou qualquer coisa parecida, certo?

Balancei minha cabeça.

— Não, não. Eu só tenho muita coisa na minha mente, isso é tudo.

— Mason? — Mandy pressionou.

— Uau, três segundos depois de acordar e já estou sendo interrogada. — Ela esperou ansiosamente e eu sabia que ela não ia ficar longe de mim a menos que respondesse sua pergunta, então finalmente soltei — Tudo bem, sim, se você quer saber. Coisas sobre o Mason.

— O que aconteceu? Ele confessou o seu amor? — Mandy perguntou, tomando um gole indiferente de seu café.

— O quê? Não. — Minhas bochechas inflamaram com terror. — Deus, o que fez você dizer isso?

— Porque é sempre esse o motivo quando eu a encontro na cama, como hoje — Mandy dispara de volta.

— Nunca fiz isso antes — disse, tomando um gole de meu copo e olhando para ela.

— Ah não? — Ela fungou. — E há dois anos com aquele cara venezuelano, qual era o nome dele? Don?

Revirei os olhos novamente.

— Aquilo não foi nada. Ele quis compromisso muito rápido. Comprar-me um computador pelo meu aniversário? Quem ele pensava que era, porra, Christian Gray? Pelo amor de Deus!

Mandy franziu a testa.

— E o Devon do trabalho?

— Não foi nada sério — protestei. — Tivemos apenas três encontros.

— Até que ele disse que era linda à luz do luar e você pulou fora e disse a ele que não queria vê-lo novamente.

— O quê? — Fiz uma careta para ela com os olhos apertados. — Quem te disse isso? — Lembrei-me, especificamente, de não ter detalhado esses encontros para ela porque sabia que iria me julgar.

— Ele contou — disse Mandy. — Eu estava esperando por você para terminar suas rondas à noite e ele estava indo embora. Ele parou e me perguntou o que fez para transformá-la em uma psicopata.

Uma psicopata?

Poxa.

— E o que você disse a ele? — Perguntei, meu estômago revirado.

— Disse que você tem o hábito de ficar com caras com quem não se conecta emocionalmente, que ele não deveria levar para o lado pessoal. Você está apenas quebrada por dentro. — Ela encolheu os ombros como se abrir minha alma para o mundo não significasse nada.

— Jesus, Mandy. Você realmente precisa ser tão franca?

— Eu sempre sou. É por isso que você me mantém por perto — ela disse com um sorriso de satisfação. — Não me interprete mal. Ainda te amo.

— Bom, porque você está errada — disse.

Ela riu.

— É mesmo? Então, você vai me dizer que o que houve com Mason que fez você ficar deitada na cama como uma

inválida não tem nada a ver com o fato de que você realmente gosta dele e ele tentou chegar perto de você?

— Eu o deixei chegar perto de mim — disse. — Nós fizemos algumas coisas que eram...

Assustadoras.

— Românticas — terminei.

— Ok, então ele te apresentou a sua coleção de unhas? Ou te deu um soco na cara?

— Bem, não.

— Será que ele ficou de joelhos e pediu para você casar com ele? Porque isso poderia ser considerado apressar as coisas — ela disse, dando uma grande mordida na rosquinha de chocolate e mastigando enquanto esperava pela minha resposta.

— Não exatamente. — Mas foi perto. — Ele me ofereceu uma gaveta.

— Uma gaveta?

— Sim, você sabe, para se eu quisesse deixar minhas coisas por lá ou o que quer que fosse — disse, tentando não me incomodar quando ela me olhou horrorizada.

— Meu Deus! Você ligou para a polícia? Obteve uma ordem de restrição? — Ela perguntou com os olhos arregalados em falso choque.

— Ok, ok, agora que disse em voz alta percebi que não foi grande coisa — admiti, vendo-a cair em um ataque de riso.

— Não é grande coisa. Especialmente desde que você concordou em passar algum tempo e dormir com ele. Isso só reforça meu argumento de que você tem problemas com compromisso. Afinal, você está deitada em sua própria cama, sozinha.

— É complicado — tentei novamente.

— Não é. Você gosta dele, mas está fazendo o que sempre faz. Sabe, estive lidando com isso com luvas de pelica por um longo tempo, mas considerando tudo com o bebê, eu acho que é hora de um pouco de firmeza, garota.

— O que quer dizer? — Perguntei, internamente encolhendo com o que sabia que viria.

— É hora de encarar os fatos. Você não é sua mãe.

— Eu sei disso — respondi reflexivamente.

— Sabe? — Ela me desafiou. — Porque da última vez que verifiquei, você ainda estava emocionalmente fechada. Só porque você ama alguém não significa que você tem que estar em constante medo de perdê-los ou que, se acontecer, você nunca será capaz de se lamentar e voltar ao normal novamente. Esqueça que aconteceu com o seu pai.

— Eu entendo o seu ponto — disse. — Mas não concordo com você. Pode parecer que sim, talvez, do lado de fora, mas não acho que esse é o problema. Eu só não gosto de ser apressada.

— Tudo bem, você quer provar que não está fechada? Vamos fazer um teste dessa revista feminina sobre

essa situação. — Ela pegou seu telefone do bolso e mexeu na tela ameaçadoramente.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— O que uma revista vai nos contar sobre eu estar emocionalmente disponível? Quero dizer, você é uma amiga incrível. Você sabe que estou disponível para você emocionalmente, certo? Eu não sou uma pessoa que não sabe amar ou algo assim.

— Para mim, sim. — Mandy assentiu. — Mas com os homens, é outra história. Vamos fazer o teste de personalidade "Você é uma princesa de gelo?" e acabar com essa discussão.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Mesmo? Uma princesa de gelo?

— Não fui eu quem deu o nome.

— Caramba, valeu. Estou começando a pensar que você só trouxe os donuts para suavizar o golpe aqui.

— Se você se sente assim, quer dizer que meu plano está funcionando. — Ela limpou a garganta. — Ok, agora, questão um. Quando foi a última vez que você disse a alguém que o amava?

— A última vez que liguei para minha mãe. Então, faz uma semana — disse, triunfante.

Ela me deu um olhar lânguido e balançou a cabeça lentamente.

— Sua mãe, obviamente, não conta.

— Esse teste não tem múltipla escolha? — Gemi.

— Não para você. Para de enrolar.

— E se eu disser que te amo agora? — Tentei, desesperada.

Mandy revirou os olhos.

— Um homem, então. Quando foi a última vez que você disse a um homem que o amava?

Mordi meu lábio inferior. Antes de morrer, eu costumava dizer ao meu pai que o amava quase todos os dias. Era uma das regras mais importantes em minha família. O mundo era um lugar louco e tudo podia acontecer, por isso, antes que algo acontecesse, você dizia às pessoas que você as amava muitas vezes e em voz alta. Antes de sair de casa, sempre que ligava ou ia para a cama, eu dizia a ele. E então, quando ele ficou doente, essas palavras se tornaram um apelo.

"Eu te amo, pai" tornou-se "Por favor, não vá" ou "Não nos deixe.".

E para a minha mãe? Ela mal podia falar sem começar a chorar durante esse tempo.

Meus olhos ardiam enquanto eu empurrava a memória de volta.

— Olá? — Mandy limpou a garganta novamente. — Você está aí?

— Só pensando. Eu não acho que esta questão conta para mim. E se nunca estive apaixonada?

Mandy franziu os lábios.

— Você está fugindo da pergunta.

—Ok. Eu disse a um menino no ensino médio que o amava. Acho que foi a última vez se você não está contando meu pai ou qualquer coisa — Corri através da segunda metade da minha frase, mas não importa, Mandy me conhecia muito bem para deixá-lo passar despercebido.

— Você não disse a um homem que o amava desde que seu pai morreu? — Ela levantou as sobrancelhas.

— Talvez devêssemos passar para a próxima pergunta.

— Tudo bem. — Mandy olhou para seu telefone, clicando em alguma coisa.

— Quanto tempo demora em compartilhar detalhes pessoais sobre o seu passado?

— Eu já disse a Mason sobre o meu passado. Ele sabe o meu brinquedo favorito da infância e tudo.

— Então ele já sabe sobre sua mãe e pai? — Perguntou Mandy.

— Isso não é justo. Esse assunto nunca surgiu entre nós.

— Mesmo? Nunca houve uma abertura para que você dissesse ao homem que pode ser o pai de seu filho sobre sua família? Nem um único momento?

Eu me concentrei agressivamente na minha rosquinha e lambi um pouco da cobertura.

— Não gosto deste seu lado agressivo.

— Eu sou sua chefe.

— Só no trabalho — lembrei a ela. — E não acho que é importante para Mason saber toda a minha história tão rapidamente. É bom manter um pouco de mistério.

— Ou seja, você não sabe nada sobre ele?

Lembrei-me de nossa noite, a maneira como ele se abriu sobre a doença de sua mãe, a forma como alguns de seus sonhos foram arrancados dele.

— Sei um pouco de sua história.

— Certo. Então, estou supondo que você quer pular esta questão também? — Perguntou Mandy.

Dei outra mordida da minha rosquinha.

— Eu realmente não estou gostando do seu tom de voz.

Mandy deu de ombros.

— Você vai sobreviver. Agora, continuando, questão três. Como você se sente com relação à intimidade sexual?

— Que tipo de pergunta é essa? — Zombo.

— Uma boa — disse Mandy. — Agora responda.

— Bem, eu já dormi com ele.

— Isso não diz como você se sente com relação à sexualidade. — Ressaltou.

— Quer saber? Este questionário é estúpido. Você me conhece — implorei. — Eu não sou uma princesa de gelo.

— Vejo que atingimos um nervo. É por isso que ainda está deitada na cama?

Eu tomei um gole do meu café, optando por não responder.

Mas Mandy já sabia a resposta.

— Então você teve intimidade com ele novamente e isso foi demais para você? Basta dizer isso.

— Não foi isso — disse e as palavras saíram de mim como água rompendo uma barragem. — Eu te disse. Ele queria me dar uma gaveta em sua casa e depois de tudo o que aconteceu, não estou pronta para isso. Quer dizer, posso estar grávida. Não posso me apaixonar agora. Há muita coisa acontecendo.

— Então você acha que está se apaixonando? — Perguntou Mandy.

Abaixei o meu café, em seguida, recostei-me em meus travesseiros antes de bufar um suspiro.

— Essa não é a questão. O ponto é que me sinto oprimida e ele continua me empurrando para mais.

— Mas você acha que está apaixonada por ele? — Mandy perguntou novamente.

Firmei meu olhar. — Eu não acho. Eu sei.

— E isso assusta você?

— Se me assusta? Isso me aterroriza. — Balancei minha cabeça. — Mas e se eu estiver realmente grávida? Eu vou amar meu bebê mais do que a própria vida. E se o amar também, é coisa de mais para alguém como eu correr o risco de perder.

Ela fechou a mão sobre a minha e ofereceu um sorriso gentil.

— Então vou lembrá-la novamente. Você não é sua mãe. E mesmo se você fosse? Seria tão ruim assim?

Peguei meu café, sem palavras.

— Chega desse teste.

Sim. Princesa do gelo. Eu não pude admitir isso para Mandy, mas tenho de admitir para mim mesma. Agora tenho que descobrir o que fazer com esse conhecimento.

— Tudo bem. — Disse Mandy. — Mas lembre-se do que falamos, ok? A próxima vez que você ver Mason.

Balancei a cabeça.

— Eu vou.

Se houver uma próxima vez, pelo menos. Eu tinha certeza que se o pobre Devon pensou que eu era uma psicopata, Mason tinha razão para pensar a mesma coisa. De verdade, estava começando a me perguntar se ele iria querer falar comigo novamente.

Mas o pior era o quão terrível esse pensamento me fez sentir quebrada e um pouco perdida.



Capítulo Dezoito

Mason

Engoli em seco, deslocando o saco em minhas mãos antes de bater na porta.

Para ser justo, eu não sabia se ela estava em casa. Ela não respondeu minha mensagem e à luz da minha nova descoberta, pensei que era melhor não enviar outra. Em vez disso, optei por ir direto à fonte, me preparando para fazer as coisas direito dessa vez.

Se Bren deixasse.

Um momento se passou e eu bati novamente. Esperei até que ouvi o rangido abafado de tábuas e depois, finalmente, encontrei o olhar de Bren quando abriu a porta. Seu cabelo estava coberto por uma toalha branca e fofa e ela usava um robe de seda que se agarrava a sua pele molhada me permitindo a visão de seus mamilos.

Apenas o olhar dela enviou minha mente de volta para ontem enquanto ela se contorcia em meus braços.

Limpando a garganta, empurrei o saco na minha mão para ela.

— Olha, sei que errei e entendo se não estiver pronta para conversarmos, mas queria que você soubesse que sinto muito. Eu estava indo rápido demais e com tudo isso acontecendo, eu compreendo porque isso lhe assustou.

Ela ficou em silêncio, o olhar fixo na minha mão estendida.

— O que é isso? — Ela perguntou, em seguida, pegou o saco de mim.

— Comprei alguns doces.

— Você roubou um mercado? — Ela vasculhou o saco, mergulhando a mão e tirando três tipos diferentes de barras de chocolate.

— Eu não sabia de qual você gostava ou se é alérgica a alguma coisa, então trouxe todos e imaginei que o seu favorito estaria aí.

Ela mexeu dentro o saco e finalmente puxou um pacote de alcaçuz.

— Você estava certo.

— Não é muito fã de chocolate?

Ela balançou a cabeça.

— Eu gosto, mas nada no mundo substitui o alcaçuz para mim. — Ela passou a mão sobre a nuca enquanto se afastava para o lado — você quer entrar?

— Eu adoraria. — Entrei em seu pequeno hall de entrada, olhando em volta. O layout do apartamento dela era realmente parecido com o meu, mas ao invés das minhas enormes janelas de vidro, ela tinha uma pequena parede de tijolos.

Ela fechou a porta atrás de mim e me levou para o sofá marrom. Seus lábios estavam inclinados em um sorriso tenso quando ela me entregou o controle remoto.

— Escolha um canal. Eu vou trocar de roupa.

Parte de mim, aquela que eu precisava manter em rédea curta, queria lhe dizer para não ir. Para ficar aqui até que estivesse pronta para eu arrancar aquele robe delicado. Mas, em vez disso, concordei e coloquei a mão no bolso, esperando até que ela saísse da sala para olhar o envelope em minhas mãos.

Isto também era parte do meu plano. Talvez se a incerteza do bebê fosse eliminada, seríamos capazes de seguir em frente como dois adultos racionais. Poderíamos saber o quão sério era a relação.

Talvez, tudo fora uma ideia idiota, para começo de conversa.

Busquei em minha mente o que eu queria dizer, mas, em seguida, Bren reapareceu e as palavras morreram na garganta. Mesmo em calças de yoga cinza e uma camiseta

folgada, ela fez o meu sangue correr quente e tive que desviar meu olhar. Eu não consegui controlar o impulso e meu olhar viajou para seu abdômen a procura de qualquer indicio de gravidez.

— Você não ligou a TV — disse ela.

— Não — disse. — Olha, estive pensando e há algumas coisas que quero dizer.

Ela cruzou os braços sobre seu pequeno tronco, seu rosto cauteloso novamente.

Merda.

Exatamente o oposto do que eu queria.

— Como o quê? — Ela perguntou.

— Tudo o que temos é esta vida e os erros são inevitáveis. Nós vamos errar e vamos fazer merda às vezes, mas a coisa que eu não quero fazer é estar com muito medo de dizer sim a algo que me faz feliz. — Peguei o envelope novamente. — O que estou tentando dizer é que sei que errei, mas não quero que nós nos afastemos um do outro assim. Acredito que o problema real aqui é que não sabemos lidar com a incerteza dessa situação.

— Então o que você acha que devemos fazer? — Ela perguntou, seu tom hesitante.

— Acho que nós deveríamos saber, realmente, se você está grávida ou não.

Por um longo momento, ela não disse nada, então suspirou e se afundou em uma cadeira à minha frente. —

Estive pensando também. Eu fugi quando não deveria ter fugido. Toda a coisa de intimidade pode me assustar às vezes. E tenho que admitir, não gosto da incerteza com relação ao bebê.

— Então vamos tirar a incerteza do caminho. Vamos abrir o envelope.

Ela olhou do envelope para mim, então me deu um aceno rápido.

— Sim, você está certo. Devemos saber.

— Ok. — Assenti.

— Mas devemos tornar esse momento especial ou algo assim.

Ela caminhou para a lareira e pegou uma grande vela multicolorida e uma caixa de fósforos, em seguida, acendeu o fósforo e o brilho das velas iluminou a sala. Tomando o controle remoto de mim, ela mudou o canal para uma estação de música que cantarolava, suavemente, atrás de nós.

— Eu deveria usar um vestido, para o caso de temos de contar essa história para o nosso filho um dia, mas não vou mudar de roupa de novo — disse ela, passando a mão pela sua camiseta.

— Você está ótima assim — disse e no brilho suave da vela, pude vê-la corar. — Ok, vamos descobrir.

Comecei a passar o meu polegar sob a aba, mas ela estendeu a mão, o pânico em seus olhos.

— Aqui, mais perto da vela. E você pode segurar minha mão?

Eu rasguei o envelope, em seguida, fui para mais perto dela, fechando os olhos enquanto pegava a sua mão.

— Vamos fazer isso agora — Ela sussurrou asperamente.

Com a mão livre, agarrei o papel dentro do envelope.

— OK. Então...

— Espere! Pare! — Bren praticamente gritou e eu me virei para olhar para ela, meu coração trovejando.

— Jesus, o quê? O que está errado?

— Eu não estou preparada. Não quero saber. — Ela balançou a cabeça. — Você estava certo. Esse tempo todo. Você estava certo. Precisamos dar a nós dois uma chance independentemente do bebê e sem esse medo me segurando.

Um leve sorriso apareceu em meus lábios.

— Mas a incerteza. Você disse...

— Eu sei o que disse. Mas me diga, o que somos? Estamos juntos?

Balancei a cabeça.

— É o que quero.

Ela engoliu em seco, não encontrando o meu olhar enquanto ela falava.

— Eu também.

— Então nós estamos — disse simplesmente. — Nós estamos juntos. — Dobrei o envelope, coloquei-o de volta no bolso e depois me inclinei para o rosto de Bren. — Vou seguir a sua liderança com este bebê e você me avisa se mudar de ideia, ok?

Ela assentiu com a cabeça e então fechei meus lábios nos dela, saboreando a corrida de pura necessidade que inundava o meu corpo sempre que a tocava.

— Você me faz feliz, Bren. Estar com você me faz feliz — sussurrei. Ela se levantou na ponta dos pés para me beijar de novo, mais suave desta vez, acariciando minha barba com a palma da mão.

— Você me faz feliz também — ela sussurrou e a beijei novamente, tecendo meus dedos pelos seus cabelos. Ela suspirou contra a minha boca e deslizei minha língua entre seus lábios para provocá-la.

Gentilmente acariciei sua língua, conseguindo outro pequeno gemido dela enquanto envolvia minha outra mão ao redor de sua cintura e a puxava para perto de mim, até que seu corpo estava colado junto ao meu e ela podia sentir o comprimento duro da minha necessidade.

A cada momento, a cada respiração profunda, eu sentia o seu doce perfume e essa necessidade ficava mais forte, praticamente saindo de controle.

Mas, primeiro, eu precisava mostrar a ela exatamente o quão feliz ela me faz.

— Onde é o quarto? — Gemi.

Ela se afastou por um momento, os olhos nebulosos e apontou para a porta do outro lado da sala.

— Você tem preservativo? — Ela perguntou.

Balancei a cabeça. Eu sempre mantive um em minha carteira para emergências.

— Tenho um. — Disse e então peguei a mão dela e a levei para o quarto pequeno e confuso. Uma vez lá dentro, ela não perdeu tempo em tirar suas roupas, passando sua camiseta sobre a cabeça com tanta força que seus cabelos desceram como cascata pelas costas.

— Vamos com calma — disse, dando mais um passo em direção a ela e agarrando sua cintura. — A menos que você queira que eu faça isso para você?

Passei os meus dedos ao longo do contorno suave de sua coluna até encontrar o fecho de seu sutiã.

Eu poderia estar exposto à forma feminina todos os dias no meu trabalho, mas isso não fazia meus momentos com Bren menos especiais, pois sabia o quão difícil isso foi para ela.

Com um movimento rápido, a liberei de seu sutiã e passei a esfregar o ponto sensível de seus seios e acariciar as bonitas pontas de seus mamilos.

— Lindos — murmurei e ela sorriu para mim.

— Você não está sendo justo. Você ainda está com suas roupas.

— Então me deixe empatar o jogo. — Liberando o mamilo, agarrei a barra da minha camisa e a arrastei sobre a minha cabeça, deixando-a cair no chão com suas roupas. Então, lentamente, desabotoei o meu jeans, o tirando junto com minha cueca boxer.

Assim que pisei nas minhas roupas, ouvi deixar escapar um pequeno suspiro e sorri.

— Você está bem?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei como eu continuo esquecendo.

— O que? — Estendi a mão para sua calça, me desfazendo dela como fiz com a minha enquanto tentava não me afogar em seu perfume e o peso da minha própria necessidade.

— Como... Você é grande.

Eu sorri.

— Nós dois sabemos que você pode lidar com isso, linda. Vai ser bom.

Ela molhou os lábios e, em seguida, enganchou seus polegares sob a tira delgada de renda de sua calcinha, pronta para tirá-la fora e me mostrar a trilha estreita que levava para o lugar que eu desejava.

Então ela começou a afundar de joelhos diante de mim.

— Não — minha voz mais grossa do que esperava. Eu não podia deixá-la fazer isso e não porque não queria. Queria

sentir sua boca em torno de mim, mais do que qualquer coisa no mundo. Mas hoje não era sobre mim. Era tudo por Bren.

— Suba na cama — ordenei. — E afaste as pernas para mim. Eu quero olhar para você.

Ela olhou para mim, os olhos arregalados e por um momento pensei que ela poderia argumentar, mas depois ela se endireitou e empurrou de lado seus lençóis emaranhados, abrindo espaço para ela no colchão.

Quando se posicionou, com os joelhos afastados para que eu pudesse ver seu centro doce, cor de rosa, minha boca encheu de água e balancei a cabeça.

— Porra, você é tão perfeita! — murmurei e um rosa suave ultrapassou suas bochechas.

— Eu quero você. Quero sentir você dentro de mim — ela sussurrou, separando os joelhos para me atrair ainda mais perto.

Lutei contra o desejo de ceder e levá-la duro e rápido, mas balancei a cabeça novamente.

— Ainda não.

Indo até a beirada da cama, fiquei de joelhos até que minha boca estava na altura do seu corpo. Lentamente e suavemente, beijei o interior de seus joelhos, seguindo ao longo da pele sedosa de suas coxas até que ela estremeceu e se contorceu com o meu toque. Meu pau inchou com arrepios iluminando sua carne, uma dica visual que ela me queria tanto quanto eu a queria agora.

— Mason — ela chamou, puxando meu pulso. — Por favor... — ela ofegava. — Preciso de você.

E eu sabia que isso era verdade. Mas não cederia ainda. Conhecia a anatomia feminina, sabia que menos era mais e que as mulheres exigiam toques mais suaves do que os homens. Eu a queria saciada e molhada quando finalmente afundasse dentro dela.

Quando terminei minha provocação, acariciei seu núcleo inchado com o polegar, focando na subida e descida de seus seios enquanto ela tomava respirações frenéticas e curtas. Ela era tão lisa, tão acolhedora, que era uma tortura negar-lhe.

— Você está tentando me matar, disse ela.

Soltei uma risada áspera e rezei por paciência.

— Você não tem ideia. Isto é tão difícil para mim, quanto para você.

Ela se inclinou para encontrar o meu olhar, mas o calor atrás de seus olhos me disse tudo o que precisava saber. Massageando suas coxas novamente, inclinei e lambi suas dobras rosa suaves, arrastando minha língua ao longo de sua fenda até que encontrei o pacote apertado de nervos que estava procurando.

Lentamente circulei seu centro. Ela caiu para trás no colchão, pulsando contra a minha boca enquanto eu chupava e lambia, rolando a minha língua com cada pequeno tremor de seu corpo.

— Mason, por favor — ela gritou, arqueando em minha direção, dirigindo seus dedos ao meu cabelo. — Por favor.

Mas estava tudo muito bom. Empurrando um dedo dentro dela, a senti se apertar e tremer enquanto me movia, minha boca, trabalhando conjuntamente para saciar sua necessidade.

— Eu vou gozar — ela gemeu. — Quero sentir você. Por favor, por favor, preciso de você.

Era uma oferta que não podia recusar.

Algo dentro de mim estalou e, ainda a provocando com minha língua, abri o preservativo e rapidamente rolei sobre o meu pau latejante.

— Sim — ela ofegou. — Rápido, por favor.

Então eu fiz. Agarrando seus quadris, a levantei e a puxei para o meu comprimento, mergulhando duro e profundo até que estava enterrado até o cabo. Não havia como negar que ela tinha dito a verdade, ela estava perto. No limite. Tão apertada e tão perfeita. Eu já podia sentir suas paredes vibrando ao redor do meu pau. Fechei os olhos e soltei uma respiração profunda antes de começar meus movimentos firmes e ritmados dentro dela. Me movia mais lento do que gostaria, mas queria que ela sentisse cada polegada firme de mim.

— Sentir você dentro de mim é tão bom — ela gemeu. Eu nunca poderia explicar com palavras o quão bom era estar dentro dela. Era como a primavera após mil dias de inverno. Ela me deixava em brasas.

— Toque-se para mim, baby — ordenei com a voz rouca. Assisti ela brincar com os dedos no espaço onde a minha língua esteve apenas momentos atrás.

— Isso, assim garota — Elogiei. — Como está se sentindo?

— É uma sensação incrível. — Ela balançou a cabeça, mas eu sabia o que ela queria dizer. Não havia palavras. Ela soltou um gemido baixo.

Suas paredes apertaram em torno de mim e embora eu quisesse passar toda a noite em seu interior, o apelo de seu corpo era, simplesmente, muito forte. Observando os seios saltarem enquanto eu me movia, sua mão trabalhando seu broto sensível, estava pairando cada vez mais perto do êxtase. Com minhas bolas latejando, sabia que estava chegando o momento.

Segurando seu quadril mais forte, empurrei dentro dela com tudo que eu tinha, para dentro e para fora com rajadas rápidas. Ela engasgou, agarrando o lençol embaixo de seu corpo enquanto gemia meu nome.

— Mason, Mason, eu vou gozar — disse ela.

— Então goza para mim, baby — rosnei.

Ela não perdeu tempo. Suas paredes me apertaram tão forte que vi estrelas e eu segurei seu quadril mais apertado, percebendo que iria ser arrastado pela força de seu orgasmo. Mas antes que pudesse me concentrar nela por muito tempo, eu gozei.

Euforia se espalhou pelo meu corpo, me fazendo perder qualquer sentido.

Minha boca caiu aberta e continuei empurrando dentro dela, trabalhando seu corpo até a última gota de prazer antes de, finalmente, a libertar e cair na cama ao seu lado.



Capítulo Dezenove

Bren

— Aquele saco de doces seria perfeito, agora.

Mason riu da cama.

Vesti minhas calças, então me virei para olhar para Mason que ainda estava deitado contra o meu travesseiro e olhando para mim com aqueles penetrantes olhos azuis. Eu ainda estava morrendo de medo, mas com cada toque e cada minuto que passamos juntos, estava começando a me perguntar se poderia ser tão bom estar com alguém. Tão fácil.

— Está com fome? — Ele perguntou, no exato segundo que seu próprio estômago roncou.

Eu ri.

— Acho que os dois precisam comer — disse ele, olhando para o relógio digital na minha mesa de cabeceira e se sentando na beirada da cama.

— Não, não se levante. — Puxei minha camiseta sobre a minha cabeça e corri em direção a ele. — Continue sem roupa e podemos pedir uma pizza e comer na cama.

Algo sobre sair do casulo do meu quarto me fez sentir angustiada. Como se pudesse quebrar a magia do momento ou romper a pequena bolha de felicidade em que estávamos vivendo.

— Eu posso ficar pelado novamente, sempre que você quiser — ele disse. — Mas se você não vai ficar nua enquanto esperamos o cara da entrega, então também não vou. — As molas do colchão rangeram quando ele se levantou e agarrou suas calças. Assim que colocou as pernas em sua calça jeans, ele olhou para o chão e eu segui seu olhar para descobrir que o envelope branco rasgado tinha caído do bolso.

— Ok — disse, engolindo a crescente tensão na sala. Droga. Por um momento, quase esqueci esse pequeno pedaço de papel branco.

Mentirosa.

— Você está certo — disse, de repente, me sentindo como se estivesse em uma cela de prisão, em vez de um casulo. — Talvez fosse bom saímos de casa para comer alguma coisa. Tem uma pizzaria aberta virando a esquina.

Ele balançou sua cabeça.

— Tudo bem.

Interiormente, soltei um pequeno suspiro quando ele puxou a camisa de volta, escondendo seu abdômen perfeito.

— Eu vou pegar minha bolsa. — Encontrando-a em seu lugar de sempre, o guio pela rua apartamento até a fileira de pequenas lojas virando a esquina.

— Há um rio não muito longe daqui. É bonito na primavera. Um dos únicos lugares na cidade onde você ainda pode pescar.

— Você pesca? — Ele ergue as sobrancelhas e eu concordo com a cabeça.

Abro a boca e a fecho novamente. Então, lembrando do que Mandy disse, começo de novo.

— Meu pai e eu costumávamos ir pescar quando eu era pequena. Foi ele quem me ensinou.

— Parece uma memória agradável. Você ainda costuma ir?

Minha garganta ficou repentinamente seca.

— Não.

Havia compartilhado o suficiente por agora. Por um segundo, queria me dar tapinhas nas costas, mas eu sabia que, mesmo na minha própria mente distorcida, isso não era suficiente.

Caminhamos para dentro do prédio e, para minha sorte, a atenção de Mason foi capturado pelo sinal de néon listando as especialidades do restaurante. Em questão de segundos, uma garçonete apareceu e nos levou a uma mesa com janelas que davam para o rio que estava falando.

— Parece que estamos destinados a comer perto da água — disse.

Mason assentiu.

— Eu gosto disso. É romântico.

Menos romântico foi a pilha de aperitivos que pedimos, uma montanha de comida frita que estava destinada a nos fazer sentir horríveis por muito, muito tempo. Ainda assim, não podia evitar o desejo de mergulhar aqueles vários pedacinhos de alho no molho picante.

Era um desejo de gravidez, ou apenas um desejo surpreendente e nada corriqueiro? Meus pensamentos tropeçaram de volta para o envelope branco e minha garganta ficou apertada.

— Então. — Ele me olhou com cautela.

— O que? Algum problema? — Perguntei quase paranoica que ele pudesse ler meus pensamentos.

Ele balançou sua cabeça.

— Nada, nada. Eu só meio que quero falar sobre o bebê. Se você não se importa.

— Eu não me importo. — Dei de ombros, aliviada de que não estava sozinha nessa. — Eu penso muito nela.

— Nela? — Ele perguntou, erguendo uma sobrancelha.

Cobri minha boca com as mãos.

— Oh meu Deus — murmurei. — Eu nem percebi. Quer dizer, meio que venho chamando-a de menina na minha cabeça.

— Você acha que será uma menina? — Ele perguntou suavemente. — Você tem tido sintomas?

Uma onda de calor subiu para minhas bochechas.

— Eu não ia falar nada, mas tenho tido alguns, poucos sintomas.

— Como o quê? — Pergunta ele, bebericando seu refrigerante.

— Bem. — Limpei minha garganta. — Meus, uh, seios? Eles estão diferentes, maiores. E talvez, tenho sentido um aumento da libido. — Adicionei com meu rosto em chamas.

Ele me deu um sorriso presunçoso e por um momento me perguntei se ele estava orgulhoso de si mesmo pelo aumento do meu apetite sexual ou se a ideia de que este bebê possa ser real era demais para ele esconder. Seja qual for o caso, me sentia radiante.

Peguei um palito de muçarela e um pedaço de pão amanteigado.

— Você já teve algum desejo? — Perguntou.

— Bem, estou morrendo de vontade de comer mais desses pedacinhos de alho — disse. — Mas não sei se isso conta como um desejo. Minha mãe comeu limões inteiros, quando ela estava grávida de mim.

— Você está falando sério? — Perguntou ele com uma risada. — Já ouvi algumas mulheres me dizerem coisas malucas, mas não me lembro de ter ouvido isso antes.

Eu balancei a cabeça.

— Muito sério. Uma vez, meu pai trouxe limas para casa, porque o mercado perto de casa estava em falta de limões e minha mãe ficou tão brava que jogou as limas na cabeça dele até que ele saiu para procurar em outros mercados.

— Isso é intenso — disse Mason. — Então você está me dizendo que deveria arrumar um capacete? — Ele brincou.

— Só para prevenir — disse com uma risada. — Mas, se essa é a intensidade de um desejo, então não.

— Você tem certeza? Porque vou me esconder.

— Não se atreva. Se estiver carregando o seu bebê, é melhor me deixar jogar todo o alho que eu quiser em você.

Seu sorriso aqueceu e enviou uma forte emoção através de mim.

— Tudo bem. Combinado.

— Combinado. — Balancei a cabeça, depois peguei um alho e joguei-o para ele.

Ele o agarrou no ar sem sequer piscar e eu fiquei ofegante.

— Posso ler você como um livro — disse ele antes de dar uma mordida triunfante.

Isso pode muito bem ser verdade e ainda não sei como me sinto a respeito.

— Vou usar o elemento surpresa na próxima vez. — Dei de ombros e comi mais um pouco da minha comida.

Quando Mason terminou de mastigar, ele disse:

— Então, você pensa muito nela?

— Muito — concordei.

— E o que você pensa?

— Ah, várias coisas. No tipo de decoração de seu quartinho, em como seria segurá-la nos braços e que tipos de coisas poderíamos fazer juntos quando ela crescer. A ensinar a andar.

— E pescar — Mason acrescentou e meu coração se partiu um pouco.

Eu pensei nisso. Frequentemente. E ainda não tinha decidido se iria machucar meu coração fazê-lo sem o meu pai lá ou se isso ajudaria a curar as feridas.

— Sim — disse calmamente.

— Você acha que vai ser uma mãe super protetora?

— Por quê? Você está pensando em levá-la para fazer paraquedismo?

— Não até que ela tenha, pelo menos, quinze anos.

— Dezoito — retruquei.

— Dezoito então. Não, eu estava pensando em ensiná-la a mexer em carros e a montar a cavalo.

— Você monta cavalos? — Perguntei.

Ele assentiu.

— Tenho primos em Montana que possuem um rancho. Eu costumava ir lá a cada verão para ajudar. Meus pais pensaram que era importante que tivesse uma noção completa do mundo.

— Bem, qualquer coisa com animais está ótimo por mim — disse. — Só não deixe que ela trate seus pacientes ou nada parecido até terminar a faculdade de medicina.

— Já decidimos a faculdade dela? — Perguntou ele com uma risada.

— É o negócio da família — Dei de ombros. — Parece provável, você não acha? Além disso, em seu primeiro Halloween, podemos conseguir para ela um pequeno estetoscópio. Não ficaria bonitinha?

— Você realmente tem pensado muito sobre isso, hein? — Ele perguntou suavemente.

Balancei a cabeça.

— Muito. E eu quero o que for melhor para nós. E é por isso que quando terminarmos aqui, acho que devemos voltar para a minha casa e descobrir o que está dentro daquele envelope. Eu estou sendo uma covarde e já é hora de saber a verdade de uma vez por todas.

Ele assentiu encorajadoramente.

— Eu acho que é a coisa certa a fazer.

Percebi pela primeira vez que ele sempre quis abrir o envelope. Ele só estava esperando por mim. E a antecipação devia estar consumindo-o também. Naquele momento me senti um pouco mais apaixonada por ele e, em vez de combater esse sentimento, abracei a sensação o quanto pude e a deixei envolver em torno de mim como um cobertor quente.

Esperamos a conta, que ele pagou como um cavalheiro, e voltamos para a rua com as nossas mãos entrelaçadas.

— Eu gosto da ideia de uma mini Bren — disse ele.

— Uma mini Bren? — Perguntei.

— Sim. — Ele balançou nossas mãos. — Talvez ela seja uma veterinária. Um pouco de você e um pouco de mim.

— Faz sentido. — Suspirei. — O que quer que ela se torne, nós sabemos que ela será muito inteligente.

— Se ela tiver metade de seu cérebro, vai ficar bem.

— Digo o mesmo sobre você. — Nós paramos na frente do meu prédio e ele me beijou no momento em que uma gota de chuva caiu no meu ombro. Lentamente, passei meus braços em volta do pescoço e me entreguei ao seu beijo, empurrando e puxando junto com sua língua até que minha cabeça girava.

Eu não sabia se estava protelando ou simplesmente fui tomada pelo momento, mas o que quer que fosse, quando ele se afastou, a última coisa que queria fazer era segui-lo.

Em vez disso, queria ficar aqui fora na chuva, em seus braços, respirando na incerteza de uma família que só agora percebi o quanto queria.

Tanto tempo se passou desde que tive uma família que estava inteira e feliz. Ter este bebê e a chance de juntar os pedaços quebrados de meu coração que a morte de meu pai deixou para trás era uma bênção.

Mason pegou minha mão e me levou para dentro do prédio, parando apenas quando chegamos a minha porta.

Tirei minhas chaves e abri a porta, levando-o para dentro enquanto tentava ignorar o aperto repentino no meu peito.

— Hora da segunda rodada — disse enquanto acendia todas as velas na sala até que todo o lugar estava cheio de luz amarela brilhante. Mason entrou no meu quarto e quando reapareceu, estava segurando o envelope branco com nosso destino em suas mãos.

Eu respirei fundo e liguei a música novamente, fechando os olhos quando ela encheu meus ouvidos e entorpeceu o barulho insistente do meu coração.

— Nós não temos que fazer isso. — Sua voz profunda retumbou pela sala e abri meus olhos novamente para encontrar Mason olhando para mim.

— Não — disse, dando mais um passo em direção a ele e a vela acesa no meio da minha mesa de centro. Mesmo com meus nervos à flor da pele, sabia que era hora. — Eu quero saber. De uma vez por todas.

Ele assentiu.

— Então vamos descobrir.

Ele me entregou o envelope e eu pisquei de volta para ele.

— Mas pensei...

— Você foi paciente comigo e concordou com meu esquema louco. Você deve ser a pessoa a abrir o envelope.

Engoli em seco, depois assenti. — Ok, tudo bem, mas fique bem perto, assim veremos ao mesmo tempo.

Ele deu outro passo em minha direção, envolvendo um de seus braços em volta dos meus ombros enquanto eu segurava o envelope em minhas mãos trêmulas.

Era isso. O momento da verdade.

— O que quer que esse documento diga — Comecei, mas não tinha mais palavras. Balançando a cabeça, molhei meus lábios e disse: — Talvez devêssemos fazer uma contagem regressiva?

— É uma ótima ideia. No três? — Perguntou.

— No três — concordei.

— Um — disse ele.

— Dois — suspirei.

— Três. — Nós dissemos a última palavra em uníssono e eu rasguei o pedaço final do envelope. Olhei para ele sentindo o braço de Mason me apertar perto de seu peito quente e forte.

Mas as palavras não estavam certas e se turvaram diante de mim. Não eram as palavras que estava esperando. Não eram as palavras que vi nos meus sonhos.

O braço de Mason soltou dos meus ombros e ele deu um passo atrás antes de me virar para encará-lo.

— Negativo — disse com os lábios dormentes. Dizer essa palavra me fez querer explodir em lágrimas. — Você está aliviado?

Perguntei inconscientemente enquanto tentava reprimir a lavagem repentina de náusea que tomou conta de mim.

— Não — ele disse simplesmente, seu olhar azul procurando os meus. — De modo algum.

— Nem eu — admiti, passando a mão trêmula sobre meus olhos. — Merda. Esse exame pode estar errado?

— É improvável, Bren.

Confusão, medo e decepção tomaram conta de mim.

— Eu preciso de uma bebida.

Soprei a vela na mesa de centro e caminhei em direção ao aparador com bebidas. Cuidadosamente, selecionei a melhor garrafa de uísque que tinha e servi dois copos. Ele bebeu sem dar uma palavra.

— Eu pensei... — Comecei a dizer, mas tudo o que pensei parecia tolice agora. Sem importância.

Tomei um gole da minha bebida e estremeci com o sabor de carvalho ardente que parecia ainda mais forte, uma vez

que não bebi em tanto tempo. Eu não podia. Não quando pensei que estava carregando um bebê.

Um milhão de perguntas passavam pela minha cabeça, mas não tinha coragem de perguntar nenhuma delas. Em vez disso, sentei no meu sofá e olhei para o meu copo, perguntando sobre o que isso significaria para mim. O que isso significaria para nós. Ele não tinha nenhuma razão para ficar aqui agora, para tentar fazer nosso relacionamento funcionar. E eu não tinha razão para lhe pedir para ficar.

Apenas algumas horas atrás, nós tínhamos sonhado juntos sobre uma menininha que seria inteligente e corajosa e maravilhosa, garantindo que ficássemos juntos, mas isso foi quando havia um bebê em potencial na história. Mas e agora que sabíamos que não havia? Não tinha como dizer se os sentimentos de Mason poderiam ter mudado. Talvez este fosse o fim da estrada para nós.

Mas era mais do que isso. Eu sentia como se tivesse perdido um bebê, mesmo a criança nem sequer tendo existido. Foi como se todas as minhas esperanças e sonhos para aquele bebê, fossem destruídos em um único e terrível momento. E, assim como em uma tragédia, a morte da esperança deixava muita dor em seu rastro.

— Então — Mason disse, e tomou um gole de sua própria bebida.

Eu fiz o mesmo e disse

— Então.

Olhamos um para o outro, de repente tensos, cientes de uma estranheza e falta de jeito, que nunca antes havia estado presente, mesmo no dia em que meus pés estavam separados naquela mesa de exames. Não havia nada a dizer. Não tínhamos nada para fazer, nada para planejar. As vitaminas que ele me deu foram inúteis. Todas as nossas conversas anteriores sobre o tema eram sonhos, bobagem.

Estava tudo acabado, substituído por uma sensação esmagadora de decepção.

— Eu tenho que acordar cedo — disse. — Você se importaria em...

— Sim, claro. É melhor eu ir de qualquer maneira. Amanhã será um longo dia — disse ele e embora ambos soubéssemos que estávamos apenas dando desculpas esfarrapadas, eu assenti. Nós, claramente, precisávamos de algum tempo sozinhos para processar tudo isso. Era um sentimento muito difícil de partilhar.

Eu o segui até a porta, abraçando o silêncio súbito do apartamento.

— Boa noite — disse ele rigidamente.

— Noite — murmurei antes de fechar a porta do apartamento.

Não houve abraços doces, nada de beijos carinhosos de boa noite, nem promessas de ligar amanhã.

Respirei fundo e caminhei em direção ao aparador de bebidas para uma recarga, pensando que havia coisas para

ser grata. Muitas coisas. Agora não teria que me mudar ou conhecer o encargo financeiro de uma criança. Eu não iria passar por enjoos matinais ou desejos. Não teria estrias ou faria xixi quando tossisse. Eu não ganharia peso. Aleluia, certo?

Eu não teria um bebê.

Com as mãos trêmulas, trouxe o uísque aos lábios e tomei um longo gole.

Olhei para a porta atrás de mim, então me inclinei para trás até que minhas costas bateram na madeira da porta. Sentei no chão me encolhendo até que minha cabeça repousava sobre meus joelhos e vi o mundo de um ângulo tão grande e esmagador como me sentia.

Eu não teria um bebê.

Eu não conseguia entender e muito menos compreender por que o peso da perda estava pressionando tão forte e profundamente no meu peito. Inclinando a cabeça para trás contra a madeira da porta, tentei novamente tomar uma respiração profunda, mas em vez disso deixei escapar um soluço enquanto uma lágrima quente rolava pela minha bochecha e pingava sobre minha camisa.

Primeiro uma, depois outra e mais outra até que eu estava chorando, lamentando a perda de algo que nunca foi meu, para começar.

Eu não estava grávida de um bebê de Mason.



Capítulo Vinte

Mason

Senti um aperto no peito desde que sai do apartamento de Bren noite passada.

Essa segunda-feira estava ainda pior do que de costume, o céu chuvoso e a promessa de um almoço pomposo com apenas um dos meus pais, em vez dos dois. Porque, a partir de agora, era assim que seria vê-los na maioria das vezes. Separadamente.

Depois do meu segundo paciente do dia, segui para o meu consultório, determinado a finalizar alguns trabalhos para me sentir um pouco realizado após o dilúvio de decepção e confusão que tinha passado.

Porém, assim que me sentei, Trent entrou atrás de mim, fechando a porta antes de parar na frente de minha mesa.

— Por que não está pronto para ir?

Fechei os olhos, tentando esconder todo o meu desespero e exaustão. Eu mal dormi quando cheguei em casa ontem à noite. Em vez disso, passei a noite toda, pensando em Bren, me perguntando se deveria ter ficado mais tempo para confortá-la. Com a potencial maternidade arrancada dela, eu me comportei como um idiota quando deveria ter

sido sua rocha. Se ela não confiar mais em mim, não poderia culpá-la. Mas... Talvez ela nunca tenha confiado em mim de verdade.

Não que tivesse como saber como se sentia. Ela não respondeu a mensagem que enviei ontem à noite quando cheguei em casa e parecia que precisava de algum espaço. Eu já cometi o erro de sufocá-la uma vez e não estava prestes a fazê-lo novamente.

— Cara, o que está acontecendo com você? — Perguntou Trent.

— Sinto muito, cara. Estou distraído é só isso. Onde devo ir?

A boca de Trent se estreitou quando ele inclinou a cabeça para o lado.

— É nosso dia na unidade neonatal. Nós temos que estar lá em dez minutos e nós, obviamente, também temos que parar e pegar um café decente para você no caminho.

— Eu estou bem. — Respondi.

— Você tem olheiras sob seus olhos. Agora, vamos lá. Pegue seu casaco. Um café vai te revigorar.

Fiz o que ele pediu, então o segui pelo corredor, parando apenas para instruir a minha assistente a anotar quaisquer mensagens que receber. Ela, obviamente, me ligaria se Bren telefonasse para o consultório. Embora, agora que tínhamos certeza de não estava mais grávida, ela não teria nenhuma razão para isso.

Olhei para cima, a chuva salpicada nas amplas claraboias, antes de voltar para Trent.

— Ok, eu realmente preciso de um café. — Admiti.

— Não brinca. — Trent disse ainda me levando pela porta giratória e para a rua. Nosso consultório não estava longe do hospital, o que era conveniente para quando nossos pacientes entravam em trabalho de parto e felizmente tinha um Starbucks ao lado.

Entrei no pequeno café escuro encontrando a fila, apenas vagamente consciente de que Trent ainda estava ao meu lado enquanto esperava. Depois de fazer o pedido, nos direcionamos ao balcão de entrega e, com minha visão periférica, podia vê-lo me examinando cautelosamente.

— O que foi? — Perguntei.

— Eu deveria perguntar a mesma coisa. Você parece um zumbi. Você ama ir ao neonatal, mas hoje não está nem mesmo sorrindo.

— Eu só não estou com bom humor hoje. — Disse.

Trent olhou para mim quando meu nome foi chamado e peguei meu café.

— Ultimamente, é difícil o dia que está de bom humor. — disse Trent, rindo levemente.

— Eu sei, eu sei. Olha, as coisas estão apenas estranhas para mim ultimamente. Além disso, o que é todo esse interrogatório? Por que não falamos sobre você para variar?

— Porque eu realmente tenho minhas coisas sob controle. Você, por outro lado...

— Olha, tenho um almoço com minha mãe mais tarde e estou apenas estranhando essa situação toda de separação. Acho que as pessoas sempre dizem que será de forma amigável e, em seguida, vira um banho de sangue.

Trent abanou a cabeça.

— Não. Eu não acho que é isso.

— Estou dizendo a você que é.

— Eu entendo que a coisa toda é estranha.

— É mais do que estranho. Eles estiveram juntos por toda a minha vida e agora preciso me adaptar. Vou superar isso.

Trent assentiu.

— Meus pais se divorciaram há muito tempo. Vai ser estranho no início e vai ser pior quando eles começarem a namorar novamente, mas vai passar. Conheço o seu pai por um longo tempo. Ele não é o tipo de cara que deixa as coisas ficarem feias se ele pode evitar e sua mãe parece uma ótima pessoa.

— Eu sei. Isso é verdade. — Respiro fundo. — Só que isso não é tudo.

— Sério? — Disse Trent. — Estou chocado.

— Só me escute, ok? — Disse. —Bren e eu abrimos o envelope na noite passada.

— Eu imaginei. — disse Trent, balançando a cabeça.

— O que, você é um leitor de mente agora?

— Não, Bren ligou e cancelou um checkup. — Disse Trent.

— Pelo menos agora sei que o seu telefone ainda está funcionando.

Trent deu de ombros.

— As pessoas lidam com as coisas de maneiras diferentes. Mas vocês se esquivaram de uma bala, certo?

— Certo. — Suspirei. — Eu queria me sentir assim, mas não sinto.

— Não?

— Não. É de se imaginar que iria estar feliz de não ter um bebê com uma estranha, mas ao longo destas duas últimas semanas nós nos aproximamos, sabe? Mesmo sendo um período tão curto, me sinto muito ligado a ela.

Trent levou-me através de portas giratórias do hospital, mas não disse nada.

— O que está pensando? — Incentivei.

— Eu não sei, cara. Isso é uma grande merda.

Balancei a cabeça.

— Eu sei. É insano. Não faz sentido ficar desapontado.

— E como ela se sente? — Perguntou Trent.

— Eu não sei. Fui embora logo após descobrirmos o resultado e ela não respondeu minhas mensagens desde

então. Ela parecia tão chateada quanto eu. Quando demos um passo para frente, a notícia a fez dar dois para trás.

— Talvez ela esteja chateada. — Disse Trent. — Será que ela quer ter filhos?

— Ela queria o bebê, eu acho. Ela não disse isso com todas as palavras, mas acho que nós dois queríamos o bebê.

— Bem, agora que vocês sabem que não tem nenhum bebê a caminho, precisam descobrir se há algo mais.

— Como o quê?

— Como continuar juntos e talvez ter uma família no futuro.

— Eu quero. Absolutamente. Mas se ela não quer nem ao menos responder a minha mensagem...

— Então você precisa descobrir como voltar ao caminho certo. O Mason que eu conheço não desiste ao primeiro sinal de um desafio.

Entramos na unidade neonatal e uma enfermeira se aproximou de nós, nos informando quais bebês precisam ser ninados ou alimentados. Peguei a primeira menina que ela apontou, era pequena, com a pele cor de rosa delicado e um lindo cabelinho escuro.

Pegando uma mamadeira da enfermeira, eu a alimentei e embalei em meus braços, tentando conter uma onda de tristeza quando olhei em seus olhos azuis. Ela era perfeita em todos os sentidos. Bonita. Assim como imaginei minha própria filha na noite anterior.

— Você está bem? — Trent perguntou enquanto ele pegava um menino.

Balancei a cabeça.

— Sim. Apenas percebi que dessa vez você está certo, cara. Eu preciso resolver isso e rápido. Se não fizer, vou deixar a mulher que quero ir embora.

Agora, a única questão era exatamente o que eu precisava fazer para ela perceber que havia mais do que apenas este bebê entre nós.

—Talvez você deva levá-la para uma viagem no fim de semana, fazer um grande gesto. — Disse Trent. — As mulheres adoram essa merda.

Ele estava certo. Precisávamos focar de volta em mim e em Bren. Começar de novo. Em algum lugar que fosse totalmente diferente de todos os lugares que fomos quando estávamos pensando no nosso bebê. Uma chance de recomeçar.

Olhei para o bebê em meus braços, então a coloquei de volta no berço antes de pegar meu celular no bolso do jaleco.

— Trent, você pode cobrir meus atendimentos hoje? — Perguntei.

Trent franziu a testa.

— Sim, sem problemas. Está tudo bem?

Balancei a cabeça.

— Totalmente bem. Eu vou fazer isso.

— Fazer o que?

— Resolver as coisas com Bren.

Trent riu.

— Eu não quis dizer hoje, cara.

— Não há tempo como o presente.

Se ela não estava respondendo minhas mensagens, eu tinha que enviar uma que ela não tivesse escolha a não ser responder.

Com dedos rápidos, digitei: "*Fique pronta. Estamos saindo em uma hora.*".

Quando ouvi o sinal que avisava que a mensagem fora enviada, liguei para o zoológico e pedi para transferirem para o departamento de animais em extinção. Então esperei até que uma voz feminina clara e alegre encheu a linha.

— Mandy do *City Zoo*. Como posso ajudá-lo hoje?

— Oi, Mandy. É Mason. Estou ligando para verificar a agenda de Bren Matthew.

Houve uma ligeira pausa e então ela disse:

— O que quer saber?

— Bem, tenho algumas perguntas. Primeiro, ela está aí hoje?

— Não. Hoje ela entra mais tarde. — Ela respondeu lentamente. — Está escalada para o turno da noite. Por quê?

— Seria possível reorganizar a agenda para que Bren não precise trabalhar por alguns dias? É importante.

Outra pausa.

— É o Dr. Bentley?

— Sim.

Sua próxima longa pausa fez meu estômago tenso, mas depois ela falou.

— Eu acho que posso lidar com isso, Mason. — disse Mandy. — Estou supondo que é uma surpresa?

— Isto mesmo.

— Bem, divirtam-se e não deixe a minha menina dizer não. Ela pode ser teimosa.

Respirei aliviado com suas palavras, mas eu estava apenas na metade do plano. Ainda não tinha ideia se no final o tiro ia sair pela culatra ou se ganharia Bren.

— Eu não vou. — Desliguei o telefone, depois olhei para Trent. — Vou reagendar meus próximos compromissos, você tem certeza que pode lidar com as coisas aqui?

Ele assentiu.

— Eu vou segurar as pontas. Apenas me mande uma mensagem quando tiver tudo decidido para eu me programar.

O telefone apitou no meu bolso e o peguei para descobrir uma resposta de Bren.

— *Não é possível. Tenho que trabalhar esta noite.*

Digitei de volta uma resposta rápida:

— *Não mais. Separe roupas para o tempo quente*.

Eu sabia que ela leu minha resposta e como não respondeu em cinco minutos, me pus em ação.

A hora seguinte foi uma corrida para comprar passagens, arrumar a hospedagem e arrumar a mala, mas quando finalmente cheguei à porta de Bren, foi com um profundo sentimento de satisfação. Isso iria funcionar. Eu não tinha nenhuma dúvida disso. Só tinha que fazer Bren ver isso também.

Bati na porta e ela se abriu sem aviso. Bren estava de frente para mim, com os braços cruzados em seu corpo esguio e eu sorri quando a vi em seu vestido roxo de verão.

— Pronta para ir? — Perguntei.

— Você ligou para minha chefe? — Ela perguntou, seu olhar cauteloso.

— Sim, mas era importante. E eu tenho um presente para compensar isso. — Peguei a pequena sacola cor de rosa e entreguei a ela. Por um momento, ela olhou com desconfiança, em seguida retirou o biquíni azul marinho que comprei.

— Um biquíni? — Disse ela.

— Para a nossa viagem. Agora me diga que você separou suas roupas. Eu trouxe uma mala para você.

Passei por ela e caminhei até seu quarto para encontrar uma pequena pilha de roupas sobre a cama.

— Lavanderia ou bagagem? — Perguntei.

— Uh, bagagem. Mas eu não estou certa...

— Nós precisamos ficar longe de tudo por um tempo. Admito que a minha ideia parece boba, mas precisamos recalcular e começar de novo. Temos uma casa privada nas Ilhas Cayman para os próximos dias, nosso avião está esperando e tudo está organizado. Você só precisa dizer sim, Bren. Diga que dará mais uma chance. Para mim.

Ela piscou para mim, o biquíni pendurado em sua mão. E então seus olhos grandes e redondos ficaram ainda maiores.

— Você planejou tudo isso? Mesmo que nós não somos...

Ela não disse a última parte, deixando um silêncio incomodo entre nós. Nós dois sabíamos o que era.

— Eu planejei tudo, porque fui sincero no que disse. Você me faz feliz. Com ou sem bebê. E se você me perguntar, é o momento perfeito para pegar nossos trajes de banho e sair deste tempo miserável.

A chuva batia forte contra suas janelas quando falei e ela olhou para a tempestade antes de acenar para mim, seus olhos brilhando.

— OK. Sim. Acho que é uma boa ideia.

Arrumamos suas coisas, então fomos para o aeroporto. Quando estávamos em segurança no avião e no ar, Bren se virou para mim, suas bochechas rosa.

— Então, o que você tem planejado para quando chegarmos lá?

— Eu acho que nós precisamos voltar ao básico. Fazer as coisas direito dessa vez.

— Quer dizer que você vai me conhecer novamente? — Perguntou ela.

Dei de ombros.

— Talvez. Você quer fingir que somos dois estranhos que de repente reservaram a mesma casa e temos apenas uma cama para compartilhar?

— Eu gosto da ideia de ter apenas uma cama. — Seus olhos dançaram com entusiasmo e uma onda de necessidade passou por mim.

Porra, isso pode realmente funcionar.

Fiz uma nota mental para mandar um presente de agradecimento a Trent.

— Eu também. — Disse, roçando minha mão em seu rosto quando me inclinei para um beijo lento e suave. — Prazer em conhecê-la, Ashley Brennan Matthews.

— Prazer em conhecê-lo, Mason... Algum nome do meio, Bentley — disse ela.

Eu ri.

— Andrew.

— Mason Andrew. Eu gosto. — Ela me deu um aceno de aprovação.

— Há algo que quero te dizer— disse ela com voz suave.

— Você pode me dizer qualquer coisa, você sabe disso.

Ela assentiu e respirou fundo. — Eu deveria ter dito há muito tempo. Perdi meu pai quando tinha dezesseis anos.

Estendi a mão e peguei a dela, esfregando círculos suaves nos nódulos de seus dedos. Eu não esperava que ela fosse escolher este momento para, finalmente, se abrir, mas eu estava grato que ela estava me deixando entrar.

— Sinto muito. Câncer?

Ela assentiu com a cabeça. Senti-me como um tolo por todas as vezes que disse a ela sobre a minha mãe. Eu imaginei o quão difícil deve ter sido para ela se sentar e ouvir minhas histórias. Não é à toa que escolheu permanecer em silêncio.

Segurei sua mão durante toda a conversa, ouvindo atentamente e até mesmo enxugando a lágrima que escapou e caiu por sua bochecha em um ponto. Quando terminou, ela pareceu aliviada, como se sentisse que talvez eu pudesse segurar parte da carga que esteve pesando por tantos anos. Nós não conversamos por um longo tempo depois disso, eu só continuei segurando a sua mão e acariciando seus dedos com os meus.

Em seguida, ela encostou a cabeça no meu ombro e nós colocamos nossos fones de ouvido, assistindo a um filme antes de adormecer.

Quando chegamos, demorou mais uma hora para chegar a nossa casa. Era pequena e ficava em uma praia de areia branca, com uma banheira de água quente ao ar livre, piscina e chuveiro convidando-nos a apreciar o pôr do sol.

Eu e Bren, sozinhos.

Como no meu apartamento, havia amplas janelas de vidro que dava para o oceano e quando eu a levei para dentro do quarto estilo loft, ela suspirou.

— O quê? — Perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— É tão bonito. Eu não poderia ter imaginado nada parecido com isso. Quero dizer, um minuto estava me preparando para o trabalho e no seguinte, estou aqui. Diga-me, você pretende fazer disso um hábito?

— O que?

Seus olhos se suavizaram.

— Virar o meu mundo inteiro de cabeça para baixo da melhor maneira possível.

— Se você me deixar. — Disse, enquanto sentia que o gelo que vinha crescendo no meu peito desde a noite anterior, se derreteu.

— Bom. — Ela balançou a cabeça. — Eu gostaria disso.

Enquanto Bren desfazia as malas, preparei algumas bebidas a partir dos itens que pedi, em seguida, tirei um peixe fresco da geladeira e comecei a grelhar.

— Você pode não precisar do biquíni. — Disse. — Este lugar é muito isolado.

— Eu vou manter isso em mente. — Ela disse conforme entrava na cozinha em seu minúsculo biquíni azul

marinho. Ela pegou sua bebida de minha mão estendida e disse: — Deixe o peixe aí. Vamos assistir ao pôr do sol, ok?

— Ok. — Eu balancei a cabeça, seguindo-a para o convés, sentando ao seu lado no banco.

— Isso é muito romântico.

— Estou feliz que tenha gostado. — Disse. Enquanto olhava para ela, senti que ainda não era o suficiente, talvez nada seria. Com bebê ou não, a onda quente que senti no meu peito quando olhei para Bren me fez entender uma coisa: eu ia fazer o meu melhor para dar certo.

Faça chuva ou faça sol.



Capítulo Vinte e Um

Bren

— Que dia incrível. — Deixei escapar um gemido e caí sobre a cama, meus músculos doloridos e pernas tremendo.

— Você foi incrível naquela caminhada. Fiquei impressionado. —Mason sentou-se no colchão ao meu lado, sorrindo para mim.

Nós passamos o dia fazendo belas caminhadas nas cavernas de cristal e em seguida, nadando no mar do Caribe.

Foi emocionante e eu estava surpresa em ver como nossas personalidades combinavam. A partir do momento em que chegamos no paraíso, Mason e eu estávamos em sintonia com todas as decisões. Pular o café da manhã ou fazer um *brunch*? Cochilar ou ir para uma caminhada na praia? Foi bom para ver como nos dávamos bem, quão fácil era estar um com o outro.

Eu também vi como ele lidou com desafios. Como quando chegamos ao balcão de aluguel de automóveis e ele descobriu que eles tinham desfeito sua reserva e não tinha nenhum carro disponível para as próximas três horas. Por um momento, meu coração afundou. Ele preparou o final de semana perfeito e nós acabamos de pousar e algo já estava dando errado. Respirei fundo, virando-me para ver como Mason iria reagir. Mas ao invés de perder a calma, ele prosseguiu. Providenciou para nós uma carona até a nossa casa e negociou um carro ainda melhor para nós mais tarde. A memória me fez sorrir.

— O que faremos a seguir? — Perguntei, quase com medo de ouvir o que ele poderia dizer. Com todos estes passeios no paraíso, eu estava exausta.

— Hmm. — Mason estendeu a mão, esfregando meus ombros. — Você parece um pouco cansada de toda de atividade de hoje. O que acha de um cochilo?

Balancei minha cabeça. Não estava com sono.

— Talvez apenas algo mais calmo.

— Podemos nos refrescar na piscina com uma bebida. Você topa? — Minha boca levantou em um sorriso.

— É como se você pudesse ler minha mente.

Ele se inclinou e deu um beijo suave na minha boca.

— Você é perfeita. — Ele dizia isso tantas vezes, que estava começando a acreditar nele. Envolvendo minhas mãos ao redor de seu pescoço, o puxei para outro beijo.

— Obrigado por tudo isso. — Ele encontrou meu olhar e seus olhos se suavizaram.

— Não sou só eu, você está sentindo isto também, certo?

— Isto? — Desafiei, sorrindo para ele. Não diziam que os homens não falavam sobre seus sentimentos? Para Mason e eu, era o contrário. Ele era tão aberto e amoroso e eu era a reservada.

Ele pegou minha mão e apertou-a sobre o coração.

— Sim. Isto. Tudo o que está se desenvolvendo entre nós.

A batida constante do seu coração sob a palma da minha mão acelerou. Balancei a cabeça.

— Foi rápido, mas sim, estou sentindo isso.

Naquele momento, senti que ele queria dizer mais, talvez até mesmo a palavra com A. Seus olhos revelavam o que os lábios seguravam. Mas a única coisa que me assustava era o quanto queria dizer a mesma coisa para ele.

Com um último beijo pressionado em minha testa, Mason se levantou.

— Vá colocar seu biquíni enquanto faço uma piña colada.

— Você é perfeito. — Murmurei.

— Cuidado, Bren. Não vá se apaixonar por mim. — Ele atirou um sorriso largo por cima do ombro.

— Por que Dr. Bentley? Isso seria um problema para você? — Parte de mim não podia acreditar na ousadia das minhas palavras, mas a outra parte? A que queria ser precipitada, despojada e emocional? Ela já estava apaixonada para ele. Naquele dia, quando ele entregou vitaminas pré-natais para mim. Ainda mais quando ele se prendeu em mim, mesmo depois de descobrir que não estava grávida. A maioria dos rapazes teria saído correndo aliviados com a ideia de não estar amarrado com uma criança. Mas não Mason.

A expressão dele ficou mais séria, os olhos brilhando.

— Não para mim. Basta estar preparada para ser minha para sempre.

Então sua bela bunda estava recuando em direção à cozinha e eu fiquei lá, com meu coração acelerado.

Nós não fomos corajosos o suficiente para dizer aquelas três pequenas palavras, mas eu sabia no meu coração que sentia um amor esmagador, como eu nunca pensei que iria experimentar.

O homem era dotado no quarto, cozinhava e era de temperamento doce, romântico e apaixonado por seu trabalho. Além disso, ele compartilhava o meu amor pelos animais. Não só isso, ele aceitou o meu medo louco de compromisso, dando-me o espaço que eu precisava para fechar a lacuna entre nós por conta própria.

Eu estava me apaixonando forte e rápido e não queria parar.

Levantando-me da cama momentos depois, peguei meu biquíni da mala aberta ao pé da cama e fui para o banheiro.

Quando entrei no banheiro para me trocar, meu sorriso sumiu. Simplesmente perfeito. Estava menstruada. De todos os dias para que isso acontecesse, tinha que ser nas férias... Realmente, universo. Eu tinha vontade de mandar meu útero se foder, mas não tinha o que fazer agora. Depois de me trocar, peguei minha bolsa da mesa e voltei correndo para dentro do banheiro. Sempre mantive um estoque de suprimentos para emergências na minha bolsa, mas isso não seria suficiente para todo o tempo. Eu precisaria encontrar uma loja mais tarde.

Depois de um momento para me recompor, a realidade da situação, me atingiu. Eu tinha trinta anos, logo teria trinta e um, tendo períodos irregulares e intermitentes. Meu médico já havia mencionado que a fertilidade das mulheres depois dos trinta anos não era algo com que se brincava.

Não pude deixar de notar que as minhas mãos tremiam enquanto as lavava. Nunca pensei sobre ser mãe, sobre ter um bebê, mas de repente dar um filho a este homem perfeito por quem estava me apaixonando, parecia muito importante. Mason queria ter filhos um dia. E se eu não pudesse? Será que ele ainda iria me quer? Não iria obrigá-lo a estar comigo se não pudesse ser mãe.

Eu aproveitaria ao máximo os nossos dias restantes e então iria ver o médico e orar para que tudo ficasse bem.

Respirando fundo, verifiquei o meu biquíni e prendi meu cabelo em um rabo de cavalo.

— Mace? — Chamei, saindo para o corredor. — Mudança de planos.



Capítulo Vinte e Dois

Mason

A loja de conveniência era do tamanho de um armário de suprimentos, embora tivesse ainda menos variedade do que um. Andei pela fileira de produtos de higiene, peguei o que precisava e fui para o caixa.

Atrás da registradora, um jovem rapaz brincava com seu telefone. Ele olhou para cima enquanto me aproximava.

— E aí, mano? — Disse com um sorriso.

— Só precisava de uma coisa. — Disse a ele, colocando a caixa de absorvente sobre o balcão.

— Problemas de mulheres, hein? — Ele perguntou, digitalizando a caixa rosa brilhante.

Dei um sorriso cerrado e o tolo riu.

— Você deve realmente amá-la se veio aqui para comprar isso. — A criança brincou. Eu só olhava para ele, esperando que me entregasse minha sacola. Quando o fez,

guardei meu troco, de repente muito consciente da voz do cara ainda tocando na minha cabeça.

Você deve realmente amá-la.

Eu estava fazendo o que qualquer homem adulto deve fazer na minha situação, mas as palavras ainda pareciam soar verdadeiras. Não era um sonho ou besteira baseada no relacionamento dos meus pais. Não mais.

Eu amava Bren.

Eu realmente amava.

Adorava o jeito como ela sorria e de como ela ria. Adorava o jeito como seu rosto ficava sem expressão quando ficava surpresa. Eu até gostava de como ela me fez trabalhar para conquistá-la. Ela era sensual e seu corpo respondia ao meu toque como nenhum outro. Ela era linda, também. Mas isso, nem mesmo me importava muito.

Sem o bebê, sem o resto do mundo, ela ainda era tudo o que eu queria.

Corri para a casa, determinado a não a assustar com o meu grande anúncio, mas precisando mostrar como me sentia. Quando cheguei lá, encontrei-a descansando na praia com nada além de seu biquíni. O seu abdômen chapado e branco praticamente brilhava ao sol e eu deixei a bolsa no pátio antes de ir em direção a ela.

— Trouxe o que precisa. — Fiz um gesto em direção ao saco da loja de conveniência quando me aproximei.

Bren riu.

— Eu estou abastecida por agora. Obrigada.

— Você está ridiculamente bonita, sabia? — Perguntei e ela sorriu para mim, os óculos escuros cobrindo a luz em seus olhos.

— O que deixou você de tão bom humor? — Ela perguntou e eu caí de joelhos ao lado dela.

— Você. — Enfiei uma parte de seu cabelo dourado atrás da orelha. — Sempre você.

Seu sorriso suavizou e eu me inclinei para beijá-la, na esperança de mostrar a ela todos os sentimentos que oprimiu no caminho para cá. Em cada empurrar e puxar de nossas bocas, queria que ela soubesse que eu precisava dela, que ela era tudo para mim.

— Eu quero você. — Ela murmurou.

— Tem certeza? — Perguntei.

Ela assentiu com a cabeça.

— Então sou todo seu.

Tecendo os meus dedos nos fios sedosos de seu cabelo, me movi para segurar sua nuca, me perdendo na sensação de seus lábios enquanto ela me beijava.

Lentamente desabotoei minha camisa e depois a tirei deixando-a cair na areia. Estávamos completamente sozinhos na frente da casa, a quilômetros de quaisquer outras pessoas e eu pretendia fazer uso desse fato. Espalmei seus seios lindos em minhas mãos, mas antes que eu tivesse a chance de afastar seu biquíni ela balançou a cabeça.

— Eu não me esqueci da última vez. Você não me deixou. Mas agora... — Ela abriu o meu zíper, em seguida, puxou minhas calças e boxers para baixo.

— O que você quer dizer? — Perguntei enquanto ela me guiava até a espreguiçadeira. Ela beijou os músculos rígidos do meu peito enquanto caia de joelhos ao meu lado.

— Eu quero te provar. — Disse — Você não me deixou na última vez, mas hoje não estou levando um não como resposta. Tem sido sobre mim desde o início. Pela primeira vez, vamos fazer as coisas serem sobre você.

Prendi a respiração, tentando encontrar as palavras para argumentar. Eu não me importava se ela estava em seu período, nesse ponto não me importaria se ela tivesse duas cabeças. Porém antes de encontrar as palavras, sua bunda estava empinada no ar e ela pairava sobre meu eixo grosso e endurecido.

Tomando meu comprimento em uma das mãos, ela trabalhou lentamente, suavemente, até que finalmente sua boca fechou-se sobre mim e soltei um pequeno gemido de satisfação.

— Bren. — Tentei impedi-la, mas então ela levou mais profundo, tendo o máximo de mim em sua boca quanto poderia, enquanto trabalhava o resto com a mão.

Deixei escapar uma maldição quando ela engasgou um pouco e então me forcei a enfiar os dedos por seu cabelo de novo, desejando puxá-la para longe e me concentrar em seu

prazer. Quando tentei, no entanto, ela só me soltou com um estalo e sacudiu a cabeça.

— Não desta vez. — disse ela. — Eu quero fazer você gozar.

— Mas... — Tentei argumentar, mas ela me silenciou novamente agitando a ponta de sua língua ao redor da minha cabeça inchada, o tempo todo olhando profundamente nos meus olhos. Então, lambendo lentamente os lábios, ela balançou a cabeça novamente.

— Você não quer me dar o que eu quero? — Ela fez beicinho.

— Eu... — Parei, grunhindo enquanto ela balançava contra o meu comprimento, chupando duro e profundo até que meus olhos se fecharam e me recostei na cadeira, tentando me forçar a pensar em alguma coisa, qualquer coisa diferente de como seria bom jorrar minha necessidade quente dentro de sua boca, sentir sua garganta apertada sobre mim.

Imaginei o quão quente seria ver minha semente escorrendo em seus seios enquanto ela me tomava mais profundo dentro de sua boca quente e úmida.

Quando empurrei meus quadris no sentido de incentivar os impulsos, sua língua acariciou a parte inferior do meu eixo, parando de vez em quando para provocar a ponta sensível. Naquele momento, eu daria qualquer coisa para que ela arrancasse esse biquíni e me deixasse assistir seus seios saltarem enquanto ela balançava para cima e para baixo.

— Você não tem ideia de quão sexy você está. — Gemi.

Ela sorriu para mim, embora sua mão nunca parasse seu trabalho.

— Sério?

— Você é a mulher mais sexy do mundo. Toda vez que coloco os olhos em você, quero rasgar suas roupas e te foder ali mesmo.

— Ah, é? — Ela balbuciou, rolando a língua sobre a ponta sensível conforme eu empurrava em sua boca.

— Sim. — Gemi. — Neste momento, tudo que quero é que você tire essa parte de cima do biquíni e deixe-me ver os seus seios perfeitos, baby.

— Sabe o que eu quero? — Ela perguntou.

— O que? — Eu lutava para respirar enquanto olhava seus movimentos.

— Eu quero que você goze na minha boca, quero vê-lo perder o controle. O que acha disso?

Engoli em seco.

— Minha menina consegue o que quer.

— Bom. — Ela me ofereceu um sorriso travesso, em seguida, caiu de joelhos novamente, tomando o máximo de mim em sua boca, trabalhando forte e fundo. Desta vez não houve delicadeza em seu toque. Não, ela trabalhou rápido, persuadindo-me em direção à linha de chegada.

Sua língua em mim, me provocando até mesmo quando minhas bolas se apertaram e eu me preparei para ela.

Olhando em seus olhos, consegui cerrar as palavras.

— Vou gozar.

Ela sorriu para mim, sua língua rodando por cima da ponta quando eu enfiei as mãos pelos cabelos e os puxei. Fechei os olhos e me concentrei em seus quentes lábios molhados e gemi quando a onda de prazer correu através do meu corpo, como as ondas do mar em frente a nós.

Naquele momento, perdi o controle, flexionando e pulsando em sua garganta. Ela não diminuiu o ritmo, levando-me mais profundo enquanto gozava. Eu não consegui parar o som gutural e profundo vindo da minha boca. Minha visão ficou turva enquanto tentava encontrar minha respiração novamente.

Quando finalmente parei de tremer, ela se afastou e deitou ao meu lado enquanto eu lutava para recuperar o fôlego.

Virei-me para ela, saboreando a vermelhidão inchada de seus lábios.

— Vamos nos casar. — As palavras saíram da minha boca antes que tivesse a chance de pensar melhor sobre elas, mas não havia dúvida de que realmente quis dizer isso. Eu queria passar cada dia do resto da minha vida acordando ao lado dela. Queria ter o bebê que tínhamos sonhado. Eu queria tudo com ela. Mas sabia que era arriscado. Ela já fugiu de mim antes. E se isso fosse a *coisa* que a faria fazer as malas?

— O quê? — Ela riu, puxando seu cabelo para um lado antes de se deitar no meu peito novamente.

— Você me ouviu. Eu quero você, Bren. Case comigo.

Desta vez, ela se sentou e encontrou meus olhos.

— Se essa é a forma como você reage a um boquete, você não deve ter tido muitos em sua vida. — Ela brincou, mas sua mão escorregou para sua garganta e seus olhos brilharam.

Um bom sinal?

— Não é por isso, apesar de ter sido bom para caralho. Bren, eu te amo. — Murmurei. — Seja minha esposa, baby.

Ela piscou para mim, os olhos arregalados.

— Você não teve tempo para pensar sobre isso.

— Eu não preciso de tempo. Sei que eu te amo. Eu te amei desde o primeiro momento que a vi. Sei que tudo aconteceu muito rápido, mas nós somos perfeitos juntos.

Ela procurou o meu olhar por um longo momento, depois sacudiu a cabeça e disse — Olha, eu acho que nós dois estamos um pouco embriagados com essas férias. Não estou dizendo que não. Eu nunca me senti assim, para ser honesta. Mas quero ter certeza de que não estamos apressando as coisas. Vamos adiar essa conversa, ok? Conversaremos quando chegarmos em casa.

Mordi o interior da minha bochecha, observando-a enquanto eu assentia. Mesmo agora, podia sentir ela se

afastando de mim, toda a proximidade dos últimos dias se escondendo atrás de um muro de areia.

Claro, casamento era súbito e eu sabia que ela tinha seus problemas com intimidade, mas também sabia como se sentia sobre mim. Podia sentir isso na maneira como ela me beijava, o jeito que me tocava.

Então, por que se afastar?

— Bren... — Disse, mas ela estava se levantando e saindo.

— Eu vou tomar um banho e tirar uma soneca, ok? — Disse ela.

Eu balancei a cabeça.

— Você tem certeza, querida? Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça.

— Vejo você daqui a pouco.

Observei-a seguir para o pequeno chuveiro ao ar livre, o tempo todo perguntando a mim mesmo se deveria chamá-la de volta para ajustarmos as coisas. Mas não havia nada para corrigir. Eu a amava, mas ela não disse que me amava. E ela não concordou em se casar.

Um nó se formou fundo na boca do meu estômago, do tipo que você tem quando fez algo precipitado, quando dominado pela emoção. Peguei meu short da areia, puxando-os rapidamente antes de andar pela beira mar.

Apressei as coisas porque parecia certo, apesar de saber a quão arisca ela era. Agora era me acalmar e ver o que iria acontecer a partir daqui.

Ondas quebravam ao longe. Eu ouvi o chuveiro ligado, mas meu foco era se acabei de cometer o maior erro da minha vida.



Capítulo Vinte e Três

Bren

Sentei-me no consultório médico, balançando as pernas enquanto ouvia o tique-taque do relógio na parede atrás de mim. Na verdade, o relógio juntamente com um senso de pânico saudável eram as únicas coisas que me mantinham acordada. Ainda estava com o fuso horário alterado por causa da viagem de avião para casa ontem e embora tenha brevemente considerado cancelar a consulta, sabia que isso não tinha nada a ver com a minha exaustão.

Não, tinha a ver com o medo. Uma sombra escura de terror criou raízes profundas dentro de mim, colorindo cada um dos meus pensamentos e desde que tínhamos aterrissado na cidade, cresceu com força, ameaçando me sufocar de dentro para fora. Na minha idade, a janela para ter filhos já estava ficando cada vez menor. Eu sabia.

Mas, ter períodos irregulares aos trinta?

Não poderia ser um bom sinal.

Certo?

Olhei de novo para a maçaneta da porta de aço, desejando virá-la e permitir que a médica entrasse logo. A enfermeira já tinha tomado a minha temperatura e peso, juntamente com a minha pressão arterial e os outros testes de rotina. Com alguma sorte, ela não iria comentar com qualquer outra pessoa o nome da paciente na sala de exame B, mas se ela falasse...

Bem, eu me preocuparia com isso mais tarde.

Por agora, só tinha que colocar toda a minha energia em esperar aquela porta abrir.

Todo esse estresse e preocupação poderiam ser para nada, afinal. Eu simplesmente não podia saber ao certo até que a médica aparecesse.

O que, depois de alguns segundos ameaçadores do relógio, ela fez.

Depois de olhar para baixo, para o tablet em sua mão, ela sorriu para mim e fechou a porta. Cuidadosamente foi para a mesa e virou para me encarar.

Batendo as mãos contra os joelhos, ela disse

— Bem, senhorita Matthews, dei uma olhada em sua ficha e entendo que você está tendo algumas preocupações sobre sua fertilidade, não é mesmo?

Dei-lhe um aceno trêmulo.

— É só que o meu período atrasou muito no mês passado e durou pouco antes de desaparecer novamente.

Ela apertou os lábios, se concentrando profundamente a cada palavra que eu disse, então inclinou a cabeça para o lado, deixando seu rabo de cavalo marrom cair atrás dela.

— Isso já aconteceu antes?

Eu assenti.

— Uma ou duas vezes.

— Posso ser franca com você, Senhorita Matthews?

— Bren — corrigi. — E sim, absolutamente.

Meu estômago apertou e juntei meus dedos no meu colo.

— Você tem razão para se preocupar com a sua fertilidade. Aos trinta anos de idade, períodos esporádicos ou irregulares tendem a não ser um bom sinal. Mas não há motivos para ter medo, ok?

Não há motivo para ter medo? Eu senti como se ela fosse o lobo mau, soprando toda a minha casa de galhos e deixando apenas um rastro desolado de sujeira, onde nem uma erva daninha iria crescer. O rosto de Mason, arrasado e decepcionado, passou pela minha mente, mas me forcei a acenar com a cabeça e ouvir o que ela tinha a dizer em seguida.

— Agora, na sua ficha diz que você não está pensando em engravidar em breve, mas ainda podemos fazer alguns

testes e ver o que está acontecendo. A partir daí, vamos saber quais são nossas opções.

— E se eu... — Comecei, então engasguei com as palavras e tentei novamente. — Se não puder ter um bebê naturalmente, quais são as opções?

A médica colocou o tablet em seu peito, cruzando os braços sobre ele.

— Bem, se existir algum problema, o que pode não haver, podemos optar por uma retirada de óvulos.

— Como isso funciona?

— Essencialmente, nós iríamos congelar seus óvulos para uma posterior fertilização in vitro, dependendo do problema específico com a concepção. — A médica assentiu com conhecimento de causa. — Além disso, agora que você está com trinta, talvez seja hora de pensar mais seriamente nisso. Por volta de trinta e seis, seus ovos podem se tornar geriátricos, o que significaria que a opção de congelá-los seria descartada e, é claro, qualquer gravidez que você possa ter seria de maior risco. É daqui a seis anos, mas é algo para se pensar se deseja realmente ter filhos.

Balancei a cabeça, tentando mascarar ou parar o pânico em meu coração escorrendo pelo meu corpo como uma doença. Respirando fundo, tentei falar, mas a médica levantou a mão para me calar.

— Olha, Bren. Eu sei que isso assusta. Basta lembrar que pode ter sido apenas uma situação extraordinária. Às vezes, estresse ou dieta ou mesmo ambiente pode ter muito a

ver com os nossos ciclos. Eu não ficaria muito preocupada com isso ainda.

— Tem certeza? — Perguntei.

— Certamente. Agora, só para ter certeza, vou enviar uma enfermeira para obter algumas amostras para um teste de fertilidade e vou te ligar dentro de uma semana para informar os resultados. Boa ou má noticia, você vai ouvir de mim, então não se preocupe quando me vir em sua lista de chamadas.

— Obrigada, doutora. — Disse com meu suspiro de alívio preso na minha garganta. Inclinei-me para trás de novo, olhando para o teto enquanto ela saia da sala e uma enfermeira entrava.

Fechei os olhos e esperei enquanto ela explicava o teste para mim. Eles já tinham uma amostra de urina e sangue, então a única coisa que eles não tinham, neste momento, era um pedaço da minha alma.

Quando a enfermeira saiu, me vesti rapidamente, em seguida, sai da sala para o grande vestíbulo, em silêncio.

Essa era a parte mais assustadora da minha viagem, até mais do que a consulta médica. Eu era tão idiota que não notei que a médica que agendei ficava no mesmo complexo médico e no mesmo corredor do consultório de Mason.

Claro que Mason deveria estar no consultório há horas, mas isso não tornava menos estressante passar por suas portas duplas de vidro trabalhado. E quando a campainha da

porta soou, atrás de mim, depois que eu passei, meu coração saltou em minha garganta.

Eu me debati entre virar, enfrentar meu destino ou correr, mas a decisão foi tirada de mim quando ouvi um profundo estrondo de uma voz familiar atrás de mim.

— Bren, o que você está fazendo aqui? — Mason perguntou e me virei, o calor já subindo às minhas bochechas.

— Nada. — Balancei minha cabeça. — Nada. Eu estou indo embora, na verdade. Não queria interromper o seu dia.

— Eu estava prestes a sair para o almoço, na verdade. Quer se juntar a mim?

— Senhorita Matthews! — Uma voz feminina arquejante cortou entre nós e me virei para encontrar a enfermeira caminhando em direção a mim com o meu casaco na mão. — Você deixou o seu casaco — disse ela, em seguida, deu um aceno educado para Mason.

— Dr. Bentley — disse ela.

— Olá, Marlene — ele respondeu e então ela se virou e caminhou de volta para seu consultório.

Mason olhou por um longo momento, então se virou para mim, seu olhar procurando o meu.

— O que foi isso? — Perguntou.

— Eu tinha uma consulta médica, isso é tudo.

— E você não me contou? — Perguntou. Não precisa ser um gênio para ouvir a dor em sua voz, como se eu o tivesse

traído por ter mudado de médico, mas o ignorei, erguendo meus ombros ao respirar fundo.

— Olha, não quero falar sobre isso.

— Você nunca quer falar sobre nada — ele atirou de volta.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que se algo está errado, tenho o direito de saber. Quando duas pessoas se preocupam um com o outro e estão tentando formar um relacionamento, eles compartilham as coisas.

Balancei minha cabeça.

— Tudo que faço é desapontá-lo, Mason. Não há um bebê nos prendendo. Talvez seja melhor se nós apenas dermos um tempo. — Eu esperava que ele não pudesse ouvir a dor na minha voz. Tudo o que queria fazer era correr, porque já podia sentir meu coração começando a rachar. E quando ele quebrasse, não poderia me libertar da agonia.

— Você não quer dizer isso. Após a ilha e...

— O que você vai fazer? Levar-me numa viagem cada vez que formos lembrados de nossas vidas reais? Nunca vamos conseguir voltar para casa então. — Disse. — Sinto muito, mas tenho que ir.

Ele tentou agarrar meu braço, mas me afastei e me dirigi para as portas giratórias, sem me preocupar em virar quando ele chamou o meu nome. Eu sabia que se me virasse e visse seu rosto, nunca seria capaz de sair novamente.

Mas sair era a coisa certa a fazer. Mason queria ter filhos. Eu soube disso desde o primeiro momento quando disse a ele que poderia estar grávida e ainda mais com a decepção ao descobrir que não estava.

E se não pudesse ter filhos? Então que tipo de monstro eu seria para continuar com ele e lhe negar a única coisa que ele queria mais do que tudo?

Reprimindo outra onda de pânico, entrei no meu carro e dirigi até o único lugar onde sabia que seria capaz de pensar em minhas opções. O zoológico estava fechado hoje, mas sabia que podia entrar independentemente disso.

Quando cheguei lá, o estacionamento estava vazio, exceto por um Fiat laranja brilhante. O carro de Mandy.

Entrei e me dirigi ao escritório da minha amiga. Estava vazio.

Estranho.

Quando ela visse o meu carro, não havia dúvidas de que ligaria, mas por agora, eu queria ficar sozinha de qualquer maneira. Segurando minha respiração, fui em direção à jaula do guepardos e entrei no abrigo de Cacau e Nibs. Exceto que, em vez de um cão grande e seu companheiro guepardo amigável, achei Mandy com uma chita em seu colo, enquanto ela o acariciava.

— O que está acontecendo? — Perguntei.

O guepardo não se incomodou em olhar para mim, mas Mandy franziu os lábios, nunca parando seus carinhos suaves na cabeça do animal.

— Nibs morreu esta manhã — ela murmurou, com a garganta obstruída por lágrimas não derramadas.

Pisquei, a respiração falhando.

— O que? Não, a saúde dele estava perfeita.

Mandy sacudiu a cabeça.

— Foi repentino. Parece que ele tinha leucemia e nós não percebemos.

Meu coração gelou.

— Pobre Cacau.

Mandy assentiu.

— Nós estamos pensando em trazer um novo cão, mas...

Ela não precisava dizer o resto. Todos nós sabíamos o que normalmente acontecia com os guepardos que viviam sem seus cães e os cães que viviam sem seus guepardos. A depressão poderia dificultar a alimentação e outras funções. E eventualmente? A depressão poderia matá-los.

Nunca me senti mais ligada a um dos animais do jardim zoológico em toda a minha vida. Eu mal me esquivei da bala com Mason e agora, vendo este animal com tanta dor, foi um lembrete, muito necessário, que o amor só trazia sofrimento.

Quem precisava disso em sua vida?

Cuidadosamente dei um passo em direção a Cacau e quando ela não se moveu, comecei a acariciá-la com Mandy.

— O que a traz aqui em um feriado? — Ela perguntou. — Eu não disse a ninguém sobre Nibs ainda.

— Não, só vim aqui para visitá-los. Eu tinha um par de coisas em que queria pensar mais e achei que aqui seria um bom lugar para fazê-lo.

Mandy assentiu.

— Então, a visita do médico não foi bem?

Suspirei.

— Não exatamente.

— Mas eles não podem dizer nada até que recebam os testes. Então agora é só aguardar, certo?

Balancei a cabeça.

— Como você sabe?

Ela me ofereceu um pequeno e triste sorriso.

— Porque já passei por isso.

— Você...? — Perguntei e ela concordou.

— Um ano depois que me casei, decidimos que queríamos começar uma família, mas... — Ela encolheu os ombros. — Bem, as coisas não aconteceram como nós imaginávamos. Levamos sete anos e vários abortos para conceber. Foi horrível na época. Eu sentia como se estivesse decepcionando o meu marido.

— Eu sinto muito, Mandy. Não posso acreditar que nunca me contou sobre isso — disse.

Ela encolheu os ombros.

— Foi bem difícil por alguns anos, mas tudo deu certo para nós no final.

Respirei fundo, suspirando lentamente.

— Mason quer tanto um bebê.

— Foi isso o que ele disse quando contou a ele?

— Não. — Eu não queria encontrar seus olhos, porque, no fundo, sabia que estava apenas usando minha fertilidade questionável para erguer um muro e me desligar de algo que me aterrorizava. Amor. Um futuro. — Eu não lhe disse. Não queria ver sua expressão. Não quero sua piedade.

— E quanto à simpatia? — Perguntou Mandy.

— Existe diferença?

— Só há uma maneira de descobrir — disse Mandy, em seguida, colocou Cacau no meu colo e caminhou para a saída. — Olha, eu tenho que ir. Certifique-se de trancar quando você sair, tudo bem?

Balancei a cabeça, observando-a ir, mas então ela se virou de novo e disse:

— Você não pode viver sua vida com medo, garota.

— E se isso for a única coisa me distraindo de meu coração quebrado? — Perguntei e seus olhos se suavizaram.

— Às vezes, você tem que deixá-lo quebrar. Essa é a única maneira de conseguir curar. Como uma unha encravada. É preciso arrancá-la e deixar a pele voltar a crescer.

Eu ri, um som oco.

— Essa é uma metáfora terrível.

— Eles não me pagam para isso. — Ela saiu do gabinete e eu olhei para a chita no meu colo por um longo momento, acariciando a pele enquanto ela choramingava tristemente.

Primeiro eu perdi meu pai. Agora poderia ter perdido a chance de me tornar uma mãe, a chance de ter uma família própria, que seria plena, feliz e completa.

O impulso de definhar em minha situação, tal como a minha mãe fiz, era forte, quase esmagador. Minha mãe se permitiu mergulhar em dor e o que isso fez para ela? Mesmo agora, anos mais tarde, ela estava deixando a vida passar à deriva, sem viver de verdade.

O luto era um processo, não uma sentença de prisão perpétua e, não importa o que a médica dissesse, eu ia ter que encarar os fatos da morte de meu pai e da minha própria capacidade de ser mãe.

Mas não tinha que fazer isso sozinha.

Pensei em Mason naquele dia na areia, minha mão na sua e a forma como ele me pediu para ser sua esposa. Ele reservou uma viagem só para mim. Ele mudou seus planos várias vezes por minha causa.

E o que eu fiz para ele? Nada. Eu nem disse a ele como me sentia.

Isso era algo que eu poderia mudar, no entanto.

E pela primeira vez na minha vida? Eu queria falar sobre isso.



Capítulo Vinte e Quatro

Mason

Era isso. O fim da linha.

Depois de tudo o que passamos, de todas as maneiras que o destino havia nos unido, Bren se afastou como se eu não fosse nada para ela. Lentamente, como se o peso do mundo estivesse em meus ombros, voltei para o meu escritório e pedi a minha assistente para segurar minhas ligações até novo aviso.

Então, quando tive certeza de que estava completamente e totalmente sozinho, abri a gaveta de cima da minha mesa e tirei a caixa do anel que comprei esta manhã. No interior, o solitário de diamante brilhava para mim e estudei a filigrana de prata intrincada do aro, o tempo todo tentando o meu melhor para não atirar a maldita coisa no chão da sala.

Como pude ser tão estupido?

Ela me deu toda indicação de que não estava pronta. E eu escolhi ignorar. Rangendo os dentes, coloquei o anel de volta na gaveta e caminhei em direção à porta. Não podia ver pacientes hoje, não assim, e havia apenas um lugar que sabia que poderia ir para me acalmar.

— Cancele meus compromissos. Não estou me sentindo bem hoje — disse a minha assistente, em seguida, sai pela porta e para o meu carro sem olhar uma única pessoa nos olhos.

Acelerando o motor, entrei na interestadual, seguindo as saídas até que parei em frente ao prédio de tijolos que conhecia tão bem. As árvores em frente ao lugar balançavam com o vento e olhei para elas brevemente. Então fui até a porta e toquei a campainha.

Toquei uma vez e mais outra e novamente, esperando ouvir passos do outro lado da porta. Na terceira tentativa, finalmente ouvi o som dos pés de alguém sobre o piso de madeira.

Assim que minha mãe abriu a porta, não pude mais esperar e disparei.

— Eu tenho que falar com você.

Ela me levou para dentro e antes que tivesse sequer começado a preparar o café eu estava narrando toda a história. A maneira que procurei por Bren após a nossa primeira noite juntos, a gravidez imaginária, a viagem que fizemos. Mesmo as coisas que a maioria dos homens não admitem a suas mães, eu disse a ela na esperança que possa

descobrir algum pequeno detalhe que eu tenha esquecido e que pudesse consertar as coisas.

— Uau, essa menina realmente parece ser algo — minha mãe disse quando finalmente terminei.

— Ela não é só alguma coisa, ela é tudo.

Minha mãe sorriu com tristeza.

— Isso tudo foi muita informação para uma pessoa de uma só vez. Eu nem ao menos soube que quase fui uma avó.

Balancei a cabeça.

— Eu só não entendo por que ela faria uma consulta com Marlene Thomas e não comigo e depois não quisesse me contar sobre isso.

Minha mãe levantou as sobrancelhas.

— Essa é a parte que você não entende?

— Bem, sim. — Dei de ombros. — Há mais alguma coisa?

— Você está falando sério? — Ela tomou um longo gole de café, me observando sobre o topo de sua caneca. — Às vezes você é igualzinho ao seu pai, sabia disso?

— Estou supondo que isso não é um elogio dado o iminente divórcio, não é?

Minha mãe sorriu.

— Seu pai é gentil, inteligente e engraçado em todas as melhores maneiras. Mas quando se trata de mulheres, bem,

francamente, quando ele me disse o que ele fazia para viver, eu não podia acreditar.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, em primeiro lugar, não é óbvio o porquê ela não se consultou com você? — Ela apertou os lábios. — Aos trinta anos de idade, uma mulher com períodos irregulares. O que você acha que ela foi perguntar a médica?

Pisquei.

— Eu não…

— Então eles não deveriam ter deixado você se formar na faculdade de medicina — disse ela com um sorriso quente. — Eu fui casada com um médico o tempo suficiente para lhe dizer o que a menina estava fazendo e eu nem sequer tenho um diploma.

— Você acha que foi algo sobre fertilidade? — Perguntei, repassando a conversa com Bren em minha mente enquanto uma bola de pavor se formou no meu estômago. Pela primeira vez desde que corri para ela, em meu escritório, a lógica superou emoção.

— Bem, se você tivesse uma paciente com as queixas dela, que tipo de testes que você faria?

A verdade de suas palavras afundou em minha mente e me sentei.

— Mas se ela foi fazer um teste de fertilidade, por que não veio a mim?

— O homem cujo bebê ela pensou que estava carregando nem uma semana antes? Dificilmente essa seria sua primeira escolha, você não acha? Você disse a ela que estava desapontado por não ter um bebê. Você acha que ela gostaria de ouvir de você que ela talvez nunca possa engravidar?

Minha respiração ficou presa no meu peito e, lentamente, balancei minha cabeça.

— Nunca pensei nisso dessa forma.

— Essa é a maneira que é. — Minha mãe colocou o café em cima da mesa entre nós, depois descansou de volta contra as almofadas do sofá. — Então, querido, faz todo o sentido ela ter se consultado com a Dra. Thomas.

— Mas essa não é a parte que eu deveria estar me preocupando?

Ela balançou a cabeça.

— Pode me dar alguma pista, ó grande sábio? — Perguntei.

Ela cruzou as mãos. Depois de deixar escapar um longo suspiro, disse

— Você não quer saber o que está acontecendo na cabeça desta menina que cada vez que você chega perto dela, ela enlouquece e foge?

— Bem, ela me disse que tem problemas com intimidade.

— Sim, mas por quê? O que você sabe sobre o seu passado? Algum namorado a deixou? A relação de seus pais era ruim?

— Merda. — A percepção penetrou na minha espinha. O relacionamento mais importante que uma mulher tinha era com o pai. Bren perdeu o dela muito jovem, antes que tivesse amadurecido e se tornado uma adulta bem-sucedida e muito antes que estivesse pronta. Eu não podia sequer imaginar como seria perder um pai, especialmente tão cedo.

Minha mãe continuou.

— Eu imagino que você disse a ela sobre o meu câncer e o divórcio, mas ela não foi recíproca na revelação?

Pisquei, tentando me concentrar nas palavras da minha mãe de uma forma que pudesse forçá-las a fazer sentido.

— Ela perdeu o pai — finalmente disse.

Mamãe balançou a cabeça.

— Ela tem muito medo de abandono. Meu conselho é que você vá até ela. Quanto mais tempo você deixá-la entregue em seus pensamentos, mais ela vai se convencer de que fez a coisa certa, deixando-o. O que quer que esteja a fazendo fugir não vai desaparecer tão cedo. Para conseguir chegar dentro do coração dela você vai precisar ir removendo camada por camada, a fim de eliminar todo o medo. Se ela vale a pena, você tem que tentar.

Eu acenei.

— Eu vou. Obrigado, mãe.

Ela se levantou do sofá, dando um aperto em meu ombro.

— Sempre estarei aqui para você, filho.

Abracei minha mãe, me despedi e fui para casa. Apesar da necessidade desesperada de ver Bren, eu precisava de um momento para pensar, para bolar um plano de como pôr para fora as palavras certas. Não podia deixar tudo terminar assim. Passei a minha vida inteira procurando a minha alma gêmea e finalmente a encontrei. Eu apenas tinha que fazê-la enxergar.

Quando estacionei o carro em frente à minha casa, vi que o carro de Bren também estava estacionado lá. O céu lá fora estava virando uma sombra sinistra de cinza e um estrondo de um trovão vibrou na distância.

— Bren... Eu não esperava encontrá-la aqui.

Ela empurrou uma mecha de cabelo dourado atrás da orelha.

— Desculpe, eu tinha muita coisa na minha mente e quando entrei no meu carro, dirigi automaticamente e acabei aqui. — Ela soltou um suspiro enorme, os olhos tão escuros e tempestuosos como o céu acima.

— Está bem. Eu acho que precisamos conversar de qualquer forma.

Um trovão fez Bren vacilar.

— Vamos. — A conduzi para dentro da casa.

Uma vez lá dentro nós tiramos os nossos sapatos e a levei para a sala de estar.

— Quer alguma coisa para beber? — Perguntei quando passamos a cozinha. Bren balançou a cabeça, parando em frente das janelas.

Por um momento, apenas olhamos um para o outro, ninguém querendo quebrar o silêncio carregado.

— Você tinha razão — dissemos as palavras em uníssono, em seguida, nossos olhos se encontraram, ambos com medo de rir.

Eu hesitei, esperando Bren falar. Ela me ofereceu um pequeno sorriso e começou.

— Há certas coisas sobre mim que não gosto de compartilhar com as pessoas. Mas agora, com você... — Ela balançou a cabeça.

Dei-lhe um sorriso incentivador, mas não falei. Queria que estivesse confortável para me dizer o que tinha em seus pensamentos.

— Eu lhe disse sobre o meu pai no avião, mas acho que deixei de fora as partes sobre como isso me afetou.

Meu estômago revirou, mas fiquei quieto enquanto ela se apressou em continuar.

— Ele foi diagnosticado quando eu tinha doze anos e durante três anos, vi minha mãe dia e noite ao seu lado.

Ela fez uma pausa, mas eu ainda não disse nada, esperando que ela me desse algum sinal de que terminou. Por

agora, este era o seu tempo, por isso assenti encorajando, apesar do desejo de arrastá-la em meus braços e confortá-la.

— Então, durante esses três anos, era como se estivesse perdendo os meus pais de uma só vez, você entende? A atenção de minha mãe estava em outro lugar, meu pai estava lentamente perdendo a capacidade de fazer as coisas que costumávamos fazer juntos como ir pescar ou consertar carros. Então, quando ele morreu — Sua voz quebrou, e esperei que ela limpasse a garganta e começasse de novo.

— Quando ele morreu, foi como se tivesse perdido os dois. Mesmo agora, tantos anos depois, minha mãe mal pode funcionar sem ele. E hoje, enquanto eu estava no recinto dos guepardos no zoológico, estava pensando sobre esse tipo de perda, sabe? Quando os companheiros dos guepardos morrem, eles definham e morrem também. E desde que meu pai morreu, eu tive medo de que isso fosse uma espécie de destino para as pessoas que se apaixonam. Você fica para trás, eventualmente, e não tem como evitar isso, sabe?

Uma lágrima lenta escorreu pelo seu rosto e dei um passo para frente, agarrando a sua mão e apertando levemente.

Ela continuou segurando a minha mão e continuou.

— Eu sei que deve ter parecido loucura para você, as coisas indo tão bem entre a gente e eu fugindo o tempo todo. Mas estou me apaixonando por você e não posso suportar te perder, entende? E à medida que nos aproximarmos, isso só vai piorar e quando você partir... —

Outra lágrima escorreu pelo seu rosto e ela limpou apressadamente.

— Só não quero me perder como minha mãe fez.

— Você não se perdeu quando o seu pai morreu — disse.

Ela encontrou meu olhar cansado.

— Sim, eu me perdi. Fiquei quebrada e perdida durante um ano inteiro.

— Mas agora? — Balancei minha cabeça. — Você está bem. Você não pode viver sua vida correndo do luto, assim como eu não posso prometer que nunca morrerei. Mas se você evitar as coisas que te fazem feliz por medo de perdê-las, você nunca será verdadeiramente feliz para começar.

— Eu sei. — Ela balançou a cabeça. — É realmente difícil para mim. Estar perto de você e saber que qualquer coisa poderia acontecer. E quando nós descobrimos que não teríamos o bebê, senti que tinha perdido algo de novo. Mesmo que não houvesse nada a perder. Parecia como...

— Sei exatamente o que quer dizer — disse. — Mas haverá outras chances.

— Talvez não — ela disse e as lágrimas silenciosas se tornaram um soluço ofegante.

— Bren...

— Tenho trinta anos — ela engasgou, recusando-se a ser consolada. — E com esses ciclos imprevisíveis...

A puxei para perto do meu corpo e a guiei para o sofá. Quando estávamos sentados, ela descansou a cabeça no meu ombro e eu acariciei seus cabelos, esperando ela para encontrar sua voz novamente.

— E se eu não puder ter filhos? — Ela sussurrou.

— Você não vai saber até que os testes fiquem prontos, mas mesmo se você não puder? Há muitas opções. Este não é o fim.

— Mas estaria te desapontando — ela engasgou. Coloquei minha mão sob o seu queixo, levantando os olhos dela para encontrar os meus.

— A única maneira que você iria me desapontar seria fugindo de tudo sem sequer tentar explorar o quão bonito esse relacionamento poderia ser. Eu não preciso ter um bebê. Não preciso ter nada a não ser você. Você sabe disso?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Eu quero você na minha vida. Quero passar todos os dias com você. O que disse quando te pedi em casamento era tudo verdade. Você é a coisa mais incrível que já aconteceu para mim.

— Então me pergunte de novo.

— O que?

— Pergunte novamente. — Ela fungou.

Eu ri.

— O anel não está aqui comigo. — Ele está no meu quarto, escondido em uma caixa na parte superior do meu armário.

— Não me importo. Basta perguntar.

Então foi o que fiz. Dobrei em um joelho no meio da sala, peguei sua mão esquerda, acariciando seu dedo anelar.

— Bren, eu amo cada polegada sua e nunca quero sair do seu lado enquanto eu viver. Torne-se minha esposa, baby?

Ela assentiu, pegando a minha mão.

— Sim. O que eu mais quero no mundo é me casar com você.

Sorrindo como um idiota, varri minha mão pelo cabelo de Bren, puxando-a para mim, num beijo macio de parar o coração. Em seguida, dando beijos ao longo de seu queixo, parei perto da concha de sua orelha e sussurrei

— De agora em diante, na doença e na saúde, vivemos todos os dias no presente. O que tiver que ser, será.

Ela assentiu com a cabeça.

— O que tiver que ser, será.

— Agora venha aqui. Isso já demorou o bastante. — Levando sua mão na minha, a arrastei pelo corredor, muito ansiosos para compensar cada momento perdido que passamos separados.

A levei para o meu quarto e fiz uma pausa no centro dele, virando-a para enfrentar o grande espelho que estava pendurado na parede ao lado da minha cômoda. Tomando

meu tempo, despi Bren de cada peça de roupa que usava, o que hoje era uma saia na altura dos joelhos e uma blusa de seda creme. Eu amava como era doce e feminina, mas resistente ao mesmo tempo. Uma vez que suas roupas estavam no chão a seus pés, caí de joelhos, adorando-a com beijos suaves e lambidas provocando todos os pontos que faziam seus joelhos tremerem.

— Mason — ela gemeu, empurrando uma mão em meu cabelo.

Quando finalmente a levei para a cama, estava claro que era lá que ela pertencia. Não ia dizer a ela, mas perdê-la me assustou profundamente. Principalmente porque já tinha imaginado nossa bela vida juntos, ela ao meu lado, talvez bebês algum dia.

Fizemos amor com paixão ardente pela primeira vez, com meu pau ansioso para mostrar a minha noiva quanto ele sentia falta dela. A segunda vez foi mais lenta, suave e perfeita.

Quando terminamos pedi a Bren para ficar quieta enquanto corri nu até o armário. Ela riu da minha bunda de fora e gritou para que voltasse para a cama.

Mas quando voltei logo depois, com seu anel, seu protesto morreu em seus lábios e com lágrimas em seus olhos, o coloquei em seu dedo onde ficaria para sempre.



Capítulo Vinte e Cinco

Bren

— Com sapatos ou sem sapatos? — Fiquei olhando para as sandálias reluzentes douradas que pareciam perfeitas na loja de departamento, mas agora sentia como um exagero.

— O que você achar mais confortável — disse Mandy. — É na praia mesmo.

— Descalça então. — Chutei as sandálias para o lado e agarrei meu buquê da cômoda.

O vestido de renda branca era justo até minhas coxas, onde se projetava para fora apenas ligeiramente. Eu sabia que era o vestido certo desde o primeiro momento em que o vi na loja. O vestido de dama de honra de Mandy era num tom verde-água e ficou perfeito para ela.

— Você está pronta? — Ela perguntou.

Balancei a cabeça, de repente mais ansiosa do que animada.

— Vamos lá.

— Tudo bem se eu sair por um minuto e verificar se tudo está pronto? — Perguntou Mandy.

Balancei a cabeça novamente, olhando no espelho uma última vez.

— Estou bem.

E eu estava. Meu coração estava cheio e feliz, me sentia incrivelmente abençoada.

Mandy saiu e eu apliquei uma última camada de batom, inspecionando a minha maquiagem em uma tentativa de esperar pacientemente.

— Bren? — A voz profunda de Mason chamou. Ele entrou pela porta, parecendo delicioso e muito bonito em seu terno de linho e camisa azul pálido. Meu coração palpitava de amor por esse homem que estava prestes a se tornar o meu marido. Se permitisse minha mente à deriva, de volta a como nós quase não chegamos aqui. Eu balancei minha cabeça. Hoje não. Hoje ia ser o melhor dia da minha vida. Sem memórias desconfortáveis e sem arrependimentos. Bem, talvez apenas um lamento. Meu pai incrível não estaria aqui para me levar ao altar em direção ao meu futuro.

— O que você está fazendo aqui? Dá azar ver a noiva antes do casamento.

Ele balançou a cabeça, um sorriso puxando os lábios.

— Você está tão bonita, Bren. E eu lhe disse, não há tal coisa como má sorte com a gente. Almas gêmeas, lembra?

Ele atravessou a sala em minha direção e me puxou em seus braços.

Um sorriso feliz ultrapassou minha boca. Ele me disse isso quando propôs pela segunda vez. Foi extremamente romântico e me fez chorar e soluçar. Especialmente quando colocou o anel deslumbrante no meu dedo.

— Bem, o que você está fazendo aqui, querida alma gêmea? Você precisava de algo?

Seus olhos escureceram.

— Só queria ver você antes de toda a comoção começar. Todo mundo diz que o dia de seu casamento passa rápido demais. Eu não quero olhar para trás, neste dia, e que ele seja um borrão. Quero lembrar cada segundo que passei com você.

Meu coração pulou no meu peito com suas palavras doces e esses momentos roubados juntos assumiram um novo significado. Ele não tem algo importante a me dizer. Ele só queria me ver.

— Mal posso esperar até todos irem embora. — Ele riu, me puxando para perto.

— Isso é horrível! Todos eles acabaram de chegar. — Nós tínhamos alugado a mesma casa que ficamos na última vez que estivemos aqui nas ilhas Cayman, só que desta vez nós também alugamos a casa ao lado.

— Eu sei, mas já estou ansioso para eles irem embora em poucos dias, então posso ter você só para mim.

Pressionei um pequeno beijo em sua boca.

— Eu te amo.

— Eu te amo mais — ele murmurou. Essa era a sua resposta padrão desde que nos tornamos tão abertos com nossas declarações. E mesmo que ainda parecesse um pouco estranho toda essa proximidade, também parecia bom. Certo.

Mason tinha me aberto e sob seu amor infinito e uma leve pressão, eu floresci. Não estava mais com medo de amar, não tinha mais medo de viver. Temos apenas uma vida e não ia perder mais nenhum segundo dela. Nossa quase gravidez realmente abriu meus olhos para um monte de coisas.

— Mal posso esperar até morarmos juntos — acrescentou.

Eu insisti em manter o meu próprio apartamento, optando por continuar a viver separados até nos casarmos. Nós tínhamos comprado uma casa juntos no mês passado e Mason estava vivendo lá sozinho, colocando tudo em ordem. A verdade era que estava doida para me mudar.

— Nós temos uma vida juntos — disse a ele, acariciando a barba em seu queixo. — Agora vá. Ande. Temos um casamento nos esperando. — Dei um tapinha em seu peito e o levei até a porta.

— Vejo você lá fora, Sra. Bentley.

Minha boca se curvou em um sorriso.

— Vejo você em breve, Dr. Bentley.



Epílogo

Mason

Durante toda a tarde, passei o meu tempo dando os retoques finais no quarto dos bebês ou convencendo Bren a não saltar em um pula-pula para ver se iria forçar os bebês para fora. Havia semanas que ela estava fazendo caminhadas ao redor do bairro, tentando acelerar o trabalho de parto, mas até agora não teve nenhum efeito, só a deixado irritada e exausta.

Não que eu pudesse culpá-la. O parto está dez dias atrasado da data prevista e era difícil para qualquer um, mas com gêmeos? Tanto quanto eu poderia dizer, era um destino pior que a morte.

Como o marido atencioso que eu era, tinha certeza de que as bolsas de maternidade estavam prontas e no carro, o médico estava na discagem rápida e os dois berços estavam prontos para os bebês. Embora nós tivéssemos, inicialmente, pensado em um azul e um rosa, Bren queria algo que significasse mais para nós dois. Assim, o quarto do nosso filho tinha pequenos peixinhos pintados na parede enquanto nossa filha tinha um quarto estilo safari, com uma girafa que minha mãe tinha pintado olhando para ela, no seu berço.

Ajustei o móbile da nossa filha, de papagaios coloridos e em seguida, ouvi a porta da frente bater.

— Contrações! — Bren gritou e corri para a sala, meus olhos estalados.

Era de se imaginar que depois do número de bebês que trouxe ao mundo, eu saberia como manter a calma em um momento como este, mas não. As coisas mudaram em um piscar de olhos quando a segurança da minha própria família foi envolvida. Meu coração pulou na minha garganta e cerrei os punhos em meus lados para impedir que minhas mãos tremessem.

— De quanto em quanto tempo? — Exigi.

— Não sei. Tive a primeira alguns minutos atrás. — Bren olhou para mim com olhos selvagens e eu tomei seu braço, guiando-a de volta para o sofá.

— Não, não. E se minha bolsa romper?

— Então vamos comprar um sofá novo. Quero que você esteja confortável. Coloque os pés para cima, enquanto vou buscar um copo de água.

— Mas se nós formos para o hospital agora, eles não vão induzir o parto? — Ela gritou.

— Você sabe que não pode ir até que as contrações tenham cinco minutos de intervalo.

— Mas o que acontecerá se formos quando der cinco minutos de diferença e eu ficar totalmente dilatada e os bebês escorregarem para fora de mim no carro?

— Você vai estar com alguém que sabe como recebê-los. O que, tecnicamente, deveria estar fazendo de qualquer maneira.

Ela revirou os olhos.

— Pois bem, Dr. Espertalhão. Eu não vou deixar você chegar perto da minha você sabe o que, a menos que seja em perfeitas condições.

— Você não acha que está sendo um pouco...

— Não, eu não — disse ela, em seguida, agarrou seu estômago e começou a gemer de dor.

Corri para pegar um copo e o cronômetro que mantinha na cozinha desde o sétimo mês de gravidez por precaução, então corri para seu lado e lhe dei a água.

— Obrigada — ela respirou quando terminou e se inclinou mais para trás contra as almofadas estofadas antes de pegar o copo e tomar um longo gole.

— Há algumas coisas que preciso que você faça para mim quando chegarmos lá — Bren disse com naturalidade.

— O que seria?

— Você sabe aquela enfermeira agradável, Suzy? — Assenti.

— Ela é a pessoa que vai ficar no quarto com o médico, está bem? E certifique-se de ser bem agradável com ela, assim ela me dará as drogas boas.

— Tenho certeza que Trent já tem as drogas boas reservadas para você. — Ela torceu o nariz. — O que?

— Eu ainda não estou feliz por seu melhor amigo fazer o parto de nossos bebês.

— Ele é o segundo melhor médico na cidade. Você já disse não para o primeiro.

— Porque você vai estar ao meu lado para que eu possa xingar você por me colocar nesta situação.

— Não poderia estar em nenhum outro lugar — Sorri, mas então Bren agarrou seu estômago novamente e fechou os olhos enquanto respirava no meio de outra contração.

Já tinha estado nesta situação muitas vezes, sempre calmo e profissional, mas agora, vendo a mulher que amava sofrendo tamanha dor física, uma dor dentro do meu peito floresceu e, pela primeira vez, tive que me esforçar para relaxar e não me preocupar.

Cliquei no cronômetro, tentando manter a calma por causa de Bren.

— Quatro minutos. Você sabe o que isso significa.

Ela deixou escapar um longo suspiro, passando a mão sobre o estômago.

— Hora de tirar essas crianças de dentro de mim?

— Sim. — Sorri. — Hora de ter nossos bebês.

Anos de planejamento nos levaram a isso e era hora de ir. Eu não iria sair do lado da minha esposa, queria ter certeza que ela estava sendo bem cuidada e atendida.

Enquanto a ajudava a entrar no carro, olhei para a nossa pequena casa suburbana com a cerca branca e me

encontrei sorrindo. Até amanhã, seríamos uma família de quatro, saudável, feliz e segura.

Não foi fácil chegar a esse ponto, mas agora que conseguimos? Não havia nenhuma maneira na Terra que eu quisesse sair. Era como se cada fantasia de infância que eu já nutri sobre o meu futuro se transformou em uma realidade vibrante. A única coisa que faltava eram os dois seres humanos minúsculos que estavam prestes a chegar.

— Droga, Mason, dirija, pelo amor de Deus! — Bren gemeu, segurando a barriga redonda novamente.

Pisei no acelerador e saímos em disparada para o hospital, dirigindo com cuidado, embora o meu coração acelerado exigisse um pouco mais de velocidade no trânsito da cidade. Tirando uma mão do volante, segurei a dela com um aperto suave.

— Relaxe querida. Respire para mim. Você consegue.

Bren inala lenta e profundamente, fechando os olhos no assento ao meu lado.

Chegamos ao hospital e a atitude calmante do Trent nos deixa mais tranquilos e à vontade. Oito horas depois, dois bebês de, aproximadamente, dois quilos estão aninhados e enrolados em um cobertor rosa, o outro em azul, enquanto eu os colocava ao lado de Bren na cama do hospital, segurando-a perto.

Eles tinham a pele saudável e rosada.

— Estou tão, insanamente, orgulhoso de você — murmurei, beijando seu cabelo. — Eles são perfeitos. Assim como você.

— Tem certeza de que não está marcado para o resto da vida? Você acabou de assistir a um parto normal de gêmeos — enfatizou.

Deixei escapar uma risada suave e a puxei ainda mais perto.

— Nem um pouco. Sempre achei muito impressionante o que eu fazia na minha profissão, trazer vidas a este mundo, mas nunca entendi a gravidade de tudo isso, até hoje. Nunca senti um orgulho tão grande, você foi incrível.

Olhei para Bren e enxuguei uma lágrima de sua bochecha. O olhar em seus olhos era puro amor.

— Eu não poderia ter feito isso sem você — ela murmurou.

Ela teve tanto medo de me deixar entrar, tanto medo de se apaixonar no começo, mas eu sabia que, hoje, ela, finalmente, se rendeu completamente. Ela não apenas me amava, mas já amava ferozmente os dois novos membros de nossa família. Seus instintos maternais apareceram desde os primeiros momentos, quando ela aninhou os bebês em seu seio e tentou amamentá-los.

— E eu não poderia ter feito isso sem você. Você é minha alma gêmea, Bren.

Peguei outra lágrima com o polegar.

— Malditos hormônios. Desculpe-me, estou chorando — disse ela com uma pequena fungada perfeita. Para uma mulher que lutou para esconder suas emoções, ela percorreu um longo caminho.

— Eu estou com você. Estas próximas semanas vão ser difíceis, mas eu estou aqui e nunca vou deixar você.

Colocando meus lábios na testa de Bren, senti expirar e relaxar. Ela fez todos os meus sonhos se realizarem e mal podia esperar para passar o resto da minha vida lhe mostrando o quão grato eu era.



Cena Bônus Eliminada

Mason

Boceta mágica.

Essa foi a única maneira de descrever o que eu estava sentindo.

Era difícil colocar em palavras sem soar sentimental, mas este foi o melhor sexo da minha vida, com a mulher mais quente que já tive na minha cama.

Apesar de ser tão apertada, eu estava perfurando para dentro dela, me enterrando fundo e novamente. Não encontrei muitas mulheres que aguentavam tudo de mim e ninguém tão confortável como Bren.

Sentia-me no céu.

— Tudo bem eu estar indo tão profundamente, querida?

— Sim — ela ofegava. — Assim. Não se atreva a parar.

Nunca.

— Eu não sonharia com isso — Resmungou.

Levantando seus joelhos para que pudesse ficar ainda mais perto, flexionei meus quadris, afundando ainda mais em seu corpo quente, disposto.

— Eu vou gozar de novo — ela gemeu debaixo de mim.

— Você normalmente goza tantas vezes assim? — Resmungo entre os dentes.

— Não, me desculpe.

Ela pediu desculpa? Eu teria forçado uma risada se o meu próprio clímax não estivesse vindo para mim como um touro bravo.

— Vá em frente, baby — encorajei. Adorei que não havia nada tímido ou encabulado sobre ela. Eu poderia ficar viciado em estar dentro dela. Poderia ficar viciado nela. — Eu tenho a noite toda.

— Mas este é o número quatro... Sinto-me como uma aberração — ela murmurou, enterrando seu rosto contra minha garganta. — Isso nunca aconteceu comigo.

— Você é perfeita — disse a ela e não pela primeira vez esta noite.

Saber que acertei todos os pontos dentro dela? Saber que ela era multi-orgásmica, apenas para mim? Era tudo que um homem queria ouvir, mas eu sabia que ela não estava acariciando meu ego. Senti a maneira como ela tremia em meus braços, cada pulso, cada vez que ela gozou e apertou o cerco em torno de mim como um torno.

Momentos depois, Bren gritou novamente e desta vez sua libertação desencadeou a minha, faíscas disparando nas minhas veias com o orgasmo mais forte que já tive em toda a minha vida.

Com coração batendo forte, rolei para minhas costas, puxando-a em cima de mim. Bren descansou a cabeça no meu bíceps e bateu no meu peito.

— Aquilo foi…

— Sim — grunhiu a puxando mais perto. Não havia palavras para o que era. Poderíamos ter que inventar algumas para isso e as adicionar ao dicionário.

Ela soltou um suspiro feliz, fazendo-se confortável.

Meus olhos se fecharam e eu a segurei ali, protegida e quente. Assim que acalmei minha respiração, queria uma repetição.

Eu só ia descansar os olhos por um segundo. Quando o meu ritmo cardíaco se acalmasse e tivesse a minha respiração sob controle o suficiente para falar, eu ia ficar de joelhos para propor casamento. Esta mulher era para mim. Ela me arruinou para todas as outras e eu iria fazê-la minha. Não havia outras opções. Tão louco como parecia, um bando de cavalos selvagens não poderia me arrastar para longe. Eu faria essa mulher minha. Colocaria um anel no seu dedo, meus bebês no seu ventre e viveríamos felizes para sempre. Apenas aguarde.

Fim

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).